
6 7 8 9 10




6 7 8 9 10 11


70


INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL
BRASIL AÇUCAREIRO
ANO VI — VOL. XIV
OUTUBRO — 1939
N.º 4

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Criado pelos decretos ns. 22.789 e 22.981, respectivamente, de 1 de Junho e 25 de Julho de 1933

Expediente — nos dias uteis, de 9 ás 11 e meia e de 13 e meia ás 17 horas. Aos sabados, encerra-se ao meio dia.

Sessões da Comissão Executiva — quarta-feira, ás 10 horas. Sessões do Conselho Consultivo — última sexta-feira do mês, ás 10 horas

COMISSÃO EXECUTIVA

Delegado do Banco do Brasil — A. J. Barbosa Lima Sobrinho, presidente.
Delegado do Ministerio da Fazenda — Alberto de Andrade Queiroz, vice-presidente.
Delegado do Ministerio do Trabalho — Otavio Milanez.
Delegado do Ministerio da Agricultura — Alvaro Simões Lopes.
Delegado dos usineiros de Pernambuco — Alde Sampaio.
Delegado dos usineiros de São Paulo — José Inácio Monteiro de Barros.
Delegado dos usineiros do Estado do Rio — Tarcisio de Almeida Miranda.
Delegado dos usineiros de Alagôas — Alfredo de Maia.

CONSELHO CONSULTIVO — 12 MEMBROS

Delegado dos usineiros da Baía — Arnaldo Pereira Oliveira, presidente.
Delegado dos plantadores de São Paulo — Romeu Cuocolo, vice-presidente.
Delegado dos usineiros da Paraíba — Luiz Veloso.
Delegado dos plantadores da Paraíba — Oswaldo Trigueiro
Delegado dos plantadores de Pernambuco — Aderbal Novais
Delegado dos plantadores de Alagôas —
Delegado dos plantadores de Sergipe — Lauro Sampaio.
Delegado dos usineiros de Sergipe — João Dantas Prado
Delegado dos plantadores da Baía — José Augusto Lima Teixeira.
Delegado dos plantadores do Estado do Rio — Dermeval Lusitano de Albuquerque
Delegado dos usineiros de Minas Gerais — Joaquim Azarias de Brito
Delegado dos plantadores de Minas Gerais — José Pinheiro Brandão

DELEGACIAS REGIONAIS NOS ESTADOS

PARAIBA — Rua Barão do Triunfo, 306 — João Pessôa.
PERNAMBUCO — Av. Marquês de Olinda, 58 — 1.º — Recife.
ALAGÔAS — Edificio da Associação Comercial — Maceió.
SERGIPE — Agencia do Banco do Brasil — Aracajú.
BAÍA — Edificio da Associação Comercial — São Salvador.
RIO DE JANEIRO — Edifieio Lizandro — Praça São Salvador — Campos.
SÃO PAULO — Rua da Quitanda, 96 — 4.º — São Paulo.
MINAS GERAIS — Palacete Brasil — Av. Afonso Pena — Belo Horizonte.

Séde: RUA GENERAL CAMARA, 19 - 4.º, 6.º e 7.º andares

Fones: Presidencia, 23-6249; Vice-presidencia, 23-2935; Gerencia, 23-5189; Contabilidade, 23-6250; Secretaria, 23-0796; Almoxarifado, 23-6253; Alcaol-matar, 23-2999; Estatistica, 43-6343; Fiscalização, 23-6251; Publicidade, 23-6252; Secção Juridica, 23-6161; Funcianalisma 43-6109

Secçaa Tecnica — Avenida Venezuela, 82 — Tel. 43-5297
Depasito de alcool-matar — Avenida Venezuela, 98 — Tel. 43-4099

Endereça telegrafica—COMDECAR—RIO DE JANEIRO—Caixa Postal, 420

SUMARIO

OUTUBRO — 1939

ANUNCIOS

Redação e Administração - RUA GENERAL CAMARA N.º 19 - 7.º Andar - Sala 12

Telefone - 23-6252 — Caixa Postal, 420

Diretor : MIGUEL COSTA FILHO

BRASIL AÇUCAREIRO

Orgão Oficial do
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

ANO VI VOLUME XIV OUTUBRO DE 1939 N.º 4

POLITICA AÇUCAREIRA

Na sessão efetuada pela Comissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool, a 22 de setembro ultimo, o sr. Barbosa Lima Sobrinho apresentou a seguinte exposição:

"Para conhecer a influência que a guerra europeia pode ter no mercado do açúcar, ou para definir as linhas gerais de uma política do açúcar, não ha melhor orientação do que a de procurar a repercussão, que teve, nesse mesmo domínio, a conflagração mundial em 1914.

Naquela época, a beterraba e a cana de açúcar vinham disputando as preferências do mercado europeu, em que dia a dia avultava o açúcar de beterraba, mercê de tarifas e de facilidades de transporte, fatores ou elementos de uma situação privilegiada.

A Convenção de Bruxelas, em 1902, não havia conseguido evitar a expansão da beterraba, muito embora limitasse os direitos alfandegários sôbre o açúcar e proibisse a concessão de premios à exportação dêsse produto.

A deflagração da guerra mundial trouxe, entretanto, a desorganização do mercado produtor da Europa, o que veiu reduzir, de ano para ano, no conjunto da produção mundial, a percentágem correspondente ao açúcar de beterraba, como se poderá ver dos algarismos seguintes:

1913/14	44,8
1914/15	42,3
1915/16	33,0
1916/17	32,1
1917/18	27,7
1918/19	25,4
1919/20	20,1

De 1913 a 1920, a produção de açúcar de beterraba desceu, na Europa, de 8,257.000 a 2.567.000 toneladas, o que daria uma redução de quasi 70%. As superficies cultivadas passaram de 2.200.000 hectares para....... 1.279.346 hectares, naquelle mesmo período de 1913 a 1920.

As reduções foram quasi gerais, só se podendo contar entre as exceções algumas nações neutras, que muito fizeram conservando a produção mais ou menos no mesmo nível de 1913, como a Holanda, a Dinamarca, a Suécia e a Espanha. Quanto aos outros, vale a pena recordar alguns números, em milhares de toneladas:

	1913/14	1918/19	1919/20
França	797	122	172
Alemanha	2.716	1.328	702
Austria	1.680	8	5
Tcheco-Slovaquia	—	624	507
Bélgica	230	74	147
Russia	1.740	370	88
Italia	330	120	186

Os fatores dessa redução podem ser relembrados. Foram:

1º — A própria guerra, que destruiu lavouras e fábricas. Foi o que ocorreu, por exemplo, na França, onde a principal cultura de beterraba se havia concentrado nos Departamentos do Norte, justamente os que mais sofreram com a invasão germânica. De 206 fábricas de açúcar, que funcionavam em 1913/14, 51 sómente conseguiram trabalhar em 1918/19. A area da lavoura da beterraba contava 206.000 hectares em 1913/14 e não passava, em 1919/20, de 65.259 hectares. Na Austria houve tambem quatro fábricas destruidas, no decorrer das hostilidades. No território polonês, pertencente à Russia, de 49 usinas existentes, houve 21 devastadas pela guerra.

2º — A mobilisação trouxe a escassez de

mao de obra, que se tornou tambem inferior a que existia antes da guerra.

3º — Houve tambem falta de materias primas, de adubos, de carvão e mesmo de metais para a reforma, ou o reparo dos maquinismos.

4º — Outro fátor, que se fez sentir na baixa de produção do açúcar, foi o interesse maior dedicado a culturas mais rendosas, como a dos cereais. Em 1915, na Alemanha, fôra tão grande a falta de cereais, que o governo alemão permitiu a todos os agricultores que se libertassem parcialmente dos contrátos em vigor, consagrando a essa cultura 25% das terras que, normalmente, deveriam ter recebido sementes de beterraba. A mesma cousa ocorreu na Russia, onde a cultura de batatas e de cereais tambem desviou trabalhadores e interesses das lavouras de beterraba.

5º — Devemos registrar as influências mais gerais da grande guerra, as dificuldades de transporte, obstáculos criados ao comércio, o efeito da luta nos espíritos, impedindo que houvesse ambiente para um trabalho realmente produtivo. Na Bélgica, por exemplo, embora poucas fábricas fossem devastadas, o certo é que os alemães não conseguiram manter, sob o regimen de ocupação, o rítmo anterior, observado no tempo da paz.

Uns e outros fatores concorreram, não apenas para que se reduzissem ás lavouras, como tambem para que descesse o rendimento agricola.

Na França, o rendimento desceu de 238 quintais métricos por hectare, em 1913/14, a 167 quintais métricos em 1919/20. Na Alemanha verificava-se o mesmo fenômeno, sendo, em 1913/14, de 318 quintais métricos o rendimento por hectare, e passando a 186 quintais métricos o rendimento por hectare, e passando a 186 quintais métricos em 1919-20. O publicista J. A. Pennock, em cujos dados se apoiam as informações acima, observa muito bem que "as consequências das destruições ocorridas no período de 1914 a 1918 se faziam sentir ainda por muito tempo, e o rendimento por hectare, que havia diminuido consideravelmente, só muito devagar se reergueu. Êsse rendimento menor (acrescentava o autorizado F. O. Licht) é uma das consequências naturais de um trabalho de campo defeituoso, de adubos insuficientes, etc., e ainda não foi de todo remediado, mesmo hoje, em numerosos países. O sr. Licht escrevia essas palavras em 1929. Na realidade, sómente em 1926/27, a Europa conseguiu voltar ao nível de produção de 1913, e isso mesmo à custa de medidas, que fizeram da indústria açucareira uma das industrias mais protegidas do universo, nos programas de autarquia, ou mercê de tarifas altas e até de premios, ou subsídios especiais. Desde 1919, a Convenção de Bruxelas havia sido denunciada, e o esforço dos ex-beligerantes, vencidos ou vencedores, ía aplicar-se deliberadamente à restauração de suas fabricas de açúcar.

II

A' medida que se ía reduzindo a produção europeia, cresciam as probabilidades dos demais produtores.

Lembremos o caso de Cuba que, no começo da guerra, produzia aproximadamente 2.600.000 toneladas. Em 1915/16, ela passava de 3.000.000 toneladas, quantidade que não fôra alcançada até então em país nenhum. Em 1917/18, excedendo-se a si mesma, Cuba produziu 3.444.605 e quasi completava quatro milhões de toneladas em 1918/19, num surto de produção surpreendente e quasi fabuloso, se não fosse conhecido o vulto dos capitais americanos, que nesse objetivo se aplicaram.

Êsse mesmo fenômeno poderá ser observado nos algarismos brasileiros, através de nossa exportação de açúcar.

Em 1913, haviamos exportado apenas 5.371 toneladas.

A partir dessa data, fomos numa expansão regular, descontada, em alguns anos, a influencia que podia advir da situação de nossas safras. A exportação, a partir de 1914, foi a seguinte:

	Toneladas
1914.	31.875
1915.	59.170
1916.	54.438
1917.	138.159
1918.	115.634
1919.	69.429
1920.	109.149
1921.	172.094
1922.	252.112

A influencia da guerra foi sensível. No periodo anterior á guerra, a nossa média de exportação anual não ía adiante de 20.000 toneladas.

Nos primeiros três anos de luta, subiu a

cerca de 50.000 toneladas. De 1917 em diante, porém, tomou expansão maior, alcançando o máximo no trienio de 1920 a 1922. Neste ultimo ano se registra, aliás, a maior exportação verificada no seculo atual. Se observarmos que o decréscimo de produção do açúcar de beterraba, na Europa, chegou ao ponto extremo em 1920, concluiremos que o desenvolvimento de nossa exportação acompanhou, de perto, o decrescimo da produção europeia.

Entre o volume de exportação e o preço, a correspondência foi tambem contínua. O valor da tonelada de açúcar, em moeda inglesa, o qual, desde 1910, vinha em média pouco acima de onze libras, não se alterou nos dois primeiros anos da luta, sendo, para 1914 e 1915, respectivamente, de 11,7 e 12,8. Mas a partir dessa data, sobe, vertiginosamente:

1916.	24,0
1917.	27,9
1918.	47,2
1919.	44,7
1920.	45,6

O valor máximo foi verificado em 1918, enquanto a exportação maior se fazia em 1922. As variações cambiais cooperavam, todavia, para essas divergências, pois que a maior cotação, em moeda brasileira, ocorria em 1920, com o preço de 970$000 por tonelada.

A partir do ano de 1920, descem os preços quasi aos niveis anteriores à guerra, com uma pequena reação em 1923 e 1924. A quéda do câmbio dissimulava, todavia, ou mascarava a quéda do valor em moeda britânica.

Se a influência da guerra europeia não foi imediata quanto aos preços, o certo é que desde o primeiro momento surgiu, para a produção brasileira, uma oportunidade nova, que se foi ampliando com o tempo, à medida que se tornavam mais sensíveis os efeitos da desorganização das lavouras de beterraba.

III

O que se passou no Brasil ocorreu tambem nos demais países produtores de açúcar, todos êles favorecidos pela guerra, apezar das medidas que os grandes compradores haviam tomado.

Sabia a Alemanha que a Inglaterra não possuia grandes estoques de açúcar, mercadoria que a Grã-Bretanha em grande parte recebia dos Imperios Centrais, na proporção de 39% em 1912 e 66% em 1913. No começo da luta, todo o açúcar existente na Inglaterra chegava apenas a 337.000 toneladas, para um consumo anual de 1.885.000 toneladas. Afim de fazer face à situação, o govêrno inglês criou uma Comissão de Suprimento de Açúcar, centralizando todas as aquisições dessa mercadoria. Os seus grandes fornecedores, no periodo da luta, foram Cuba, Java, as Indias Inglêsas do Ocidente e o Perú. Depois de 1919, ainda continuou a contribuição desses vendedores, incluindo-se tambem o Perú. Os Estados Unidos e o Canadá concorreram com parcelas consideraveis de açúcar cristal. No periodo de 1914/15 a 1921, as aquisições britanicas de açúcar se elevaram a um total de 9.029.344 toneladas, por conta própria, e a 1.077.840, por conta dos aliados. A guerra submarina dificultava o abastecimento, o que não impediu que a Inglaterra concluisse a guerra com um estoque de 238.332 toneladas, mais do que o seu estoque de 1917.

Cessada a guerra, as lavouras de beterraba ressurgiram. Mas o desenvolvimento da produção de cana de açúcar tivera tão grande expansão, que em 1923/24, o total da produção mundial de açúcar de todos os tipos já excedia de um milhão e meio de toneladas a produção de antes da guerra.

Já em 1923/24, a produção mundial ultrapassava o consumo universal. O gráfico, baseado nos algarismos de Gustav Mikusch, mostra que em 1923/24 se encontravam as duas linhas, a do consumo e a da produção. No ano imediato, havia um excesso de dois milhões de toneladas, continuando o consumo abaixo da produção. Em 1926/27, novamente se aproximavam as duas linhas, para de novo se separarem a partir dessa data. Em 1928/29, a diferença era de quasi dois milhões de toneladas. Em 1930/31 excedia a dois milhões de toneladas.

A partir de 1925, desaparecera a situação excepcional criada pela guerra, muito embora a grande crise do açúcar se viesse verificar, de acôrdo com o que se passava no universo, em 1930, como poderemos certificar pelos preços de 1921 a 1935, tomados em média, sôbre a praça de Londres, em shillings e pence por hundredweight (cwt = 50 qg. 802):

1921.	18/3 ½
1922.	15/3
1923.	25/9
1924.	21/9
1925.	12/9
1926.	12/3
1927.	13/9
1928.	11/7 ½
1929.	9/0 ½
1930.	6/7

1931.	6/3 ¾
1932.	5/9 ½
1933.	5/3
1934.	4/8 ¾
1935.	4/7 ¾

A primeira queda violenta ocorre de 1924 a 1925, passando os preços de 21-9 a 12/9. Estacionam nêsse nivel, mais ou menos, até 1927. Em 1928 sofrem nova queda, que se repetiu em 1929. Em 1930 se acentúa a baixa, que continúa até 1935. Essas oscilações estavam, aliás, em correspondência com o movimento de produção, refletindo a influência dos saldos existentes sôbre o consumo mundial.

De todas essas considerações, em torno da conflagração mundial de 1914, e de sua influência no mercado açucareiro, poderemos concluir o seguinte:

I — A guerra abriu novas e maiores oportunidades à produção açucareira, embora nem sempre se pudesse observar essa influência, dada a demora do ciclo vegetativo da cana de açúcar e as incertezas das safras.

II — A situação que daí resultou garantiu um periodo de cêrca de dez anos de prosperidade às lavouras canavieiras do universo.

IV

Não podiamos estudar a situação, sem a recordação de experiências recentes, como as que haviamos apurado na conflagração mundial de 1914. Entretanto, seria insensato confundir os acontecimentos e tirar as mesmas conclusões, quando ha uma série enorme de fatores, diversificando os dois sucessos. Procuremos apontar os aspectos mais significativos do problema:

I — Os estoques de açúcar são hoje maiores, pelas reservas acumuladas por conta dos próprios govêrnos.

II — No começo da guerra de 1914, a Inglaterra recebia de suas colonias cerca de 4% do açúcar que importava, o que a tornava dependente do mercado mundial. Mesmo durante a guerra, não cresceu muito essa percentagem, adquirindo a Grã-Bretânha de aliados e neutros 85% do açúcar de que precisava. Em 1913, os Dominios produziam cêrca de...... 3.200.000 toneladas de açúcar; em 1937, a produção dêles alcançava a 7.700.000 toneladas, o que fez passar a sua percentagem, na produção mundial, de 17% a 26%. Atualmente, a parte de produção dos Dominios, nas importações britânicas, excede a 60%, o que torna mais precária a posição dos demais produtores.

III — Na guerra de 1914, houve muita usina destruida e campos de beterraba devastados pela própria luta. As depredações, na guerra atual, não chegaram ainda a ter importância. Foram poupados, pelo menos, os campos francêses, que na peleja anterior haviam sido ocupados pelos exercitos germanicos e devastados pela sucessão das tremendas batalhas a que serviram de teatro.

Entretanto, mesmo que sejam dados esses descontos, nem por isso a situação parece menos favorável a um surto de exportação, se não com a importância do outro, ao certo com uma procura maior do que a anterior à peleja. Basta a mobilização para determinar, quasi infalivelmente, uma quéda de produção nos campos europeus. Devemos contar ainda com os efeitos da guerra submarina, que não poupará os navios pelo fáto de fazerem o transporte de açúcar. Além de tudo isso, a execução do Acôrdo Internacional de Londres trouxe, para o terceiro ano quota, um excesso previsto de 350.000 toneladas, mas excesso que os técnicos acreditavam que se reduziria muito com as renuncias voluntárias, como o demonstrava, aliás, a posição dos preços internacionais, com a redução da diferença, ainda ha pouco em vigor, entre as vendas para entrega em prazo curto e a prazo longo.

Dir-se-á que ainda estamos vinculados ao Acôrdo Internacional de Londres. Êsse Acôrdo, porém, previa, no art. 51, que "qualquer Govêrno contratante, caso se envolva em hostilidades, pode pedir a suspensão de suas obrigações em face do Acôrdo. Se o pedido fôr negado, tal Govêrno pode dar aviso de sua retirada do Acôrdo". A letra "e" do art. 36 não é menos explicita, dizendo: "No caso de qualquer Govêrno dar aviso de retirada do Acôrdo, em conformidade com as disposições deste artigo, qualquer dos outros govêrnos contratantes terá o direito, nos três mêses que se seguem, de dar tambem aviso de retirada."

Acresce que o Acôrdo, criando um Conselho Geral e uma Comissão Executiva, lhes deu por séde a cidade de Londres, o que por si só mostraria a necessidade de pelo menos suspender a vigência do Acôrdo, enquanto existir o estado de guerra. Em 1914, a Convenção de Bruxelas ficou tambem suspensa.

Sómente depois da conflagração se manifestaram as denuncias do tratado.

Não podemos, pois, nos considerar presos pelas obrigações do Acôrdo de Londres. E voltamos à situação já apontada: ha perspectivas de maior procura internacional de açúcar. Devemos abster-nos de maior interesse pela situação ? Ou será antes o caso de estudar as possibilidades, para que o Brasil não fique à margem de uma exportação vantajosa ? A inação acarretaria responsabilidades sérias para o Instituto do Açucar e do Alcool, que passaria a ser o culpado pelo que houvessemos deixado de lucrar.

V

A dificuldade, porém, está em avaliar exatamente a situação.

Tudo parece indicar que estamos diante de uma guerra demorada.

Mas poderia tambem suceder que ela se encerrasse dentro de pouco. Tudo depende da influência que venha a ter a intervenção sovietica, ou da maneira como a interpretem a Inglaterra e a França. O ciclo vegetativo da cana de açúcar torna ainda mais precários os calculos e arriscadas as decisões.

Por outro lado, o Brasil possue hoje uma organização da indústria canavieira, organização que não existia em 1914 e cuja continuação pode ser considerada muito mais importante para o produtor do que a obtenção de lucros, ou de novos mercados, na equivalência dos que tivemos naquela quadra. O problema essencial, na hora presente, é menos o de conseguir mercados estrangeiros do que o de não comprometer a existência, ou o prestigio do Instituto. Todas as vantagens devem ser procuradas dentro da organização existente, ou por seu intermédio.

Não havendo organização, cada produtor planta por sua própria conta, correndo todos os riscos do aumento de lavouras. Depois do Instituto, porém, êsses riscos desapareceram. E' o Instituto encarregado de superintender a produção, garantindo preços. Dado um volume excepcional de safra, na ausência de consumo equivalente, poderia o próprio Instituto sossobrar, na impossibilidade de colocação dos excessos de produção. Além dêsse aspecto, devemos considerar a distribuição das quotas entre as unidades federativas e a conveniência de manter a situação presente. Uma produção livre, ou não controlada, poderia subverter ou alterar o estado atual das quotas, trazendo problemas de enorme gravidade para o que pode ser denominado o aspecto federativo da política do açúcar.

Dai resulta a necessidade de se manter o controle da produção sob a autoridade do Instituto. Qualquer medida, para aproveitar a situação dos mercados externos, deve ser do Instituto e não da iniciativa dos produtores.

Resta vêr se as quotas atuais permitem atender a essas exigências, trazidas pela guerra.

Devemos argumentar com a limitação ? Ou com o volume da produção efectiva ?

E' claro que com a limitação, fundamento da politica do Instituto. Tomar por base a produção seria o mesmo que admitir, ou reconhecer a liberdade de produção, atitude perigosa para os destinos do Instituto.

A limitação atual atinge a 12.170.000 sacos de açúcar de usina. O consumo, depois de se manter na média mensal de 840.000 sacos, no triênio de 1935 a 1937, subiu, em 1938, a 915.000 sacos. No ano corrente, de janeiro a agôsto, a média mensal é de 949.000 sacos. Tomando a média do consumo de 1938 e dos oito mêses de 1939, teriamos cêrca de 930.000. A tendencia, porém, é para que a média do segundo semestre seja superior à do primeiro. A probabilidade é para que o consumo, na safra 1939/40, não seja muito inferior a..... 11.600.000 sacos.

Teriamos, assim, um saldo de 670.000 sacos, menos que a nossa quota internacional, quota que tudo indica venha a ser inferior à procura, ou à possibilidade de colocação da mercadoria brasileira. Abandonaremos a quota ? E' claro que não. Se nos esforçamos para mantê-la, em periodos de preços baixos, não se explica que a desprezemos quando as cotações devem melhorar.

E' verdade que existe o extra-limite. Embora a limitação seja de 12.170.000 sacos, espera-se, para a safra atual, uma produção de 13.000.000 o que equivale a um acrescimo de 6,8% sôbre a limitação. Dir-se-á que o extra-limite é inevitavel, mas se o admitimos como normal e o incorporamos ao nosso regime de economia coordenada, estamos, praticamente, abrindo uma brecha na represa da limitação. Seria mais prudente, nêsse caso, fixar essa margem de tolerância, tomando por ponto de referência a produção nacional, e admitindo o rateio entre os Estados, quando não fosse alcançada em todos êles a margem estabelecida."

* * *

O assunto foi, em seguida, debatido pelos membros da Comissão Executiva presentes à

DIVERSAS NOTAS

BALANCETE DO I. A. A.

Na sessão efetuada a 5 de setembro ultimo pela C. E. do I. A. A., o presidente submeteu à consideração da Casa o balancete do Instituto, levantado em 31 de agôsto passado.

Entre os elementos que constituem o documento exibido, destacam-se os referentes ao orçamento do exercicio corrente e aos fundos disponiveis do Instituto, como parte integrante do seu patrimonio.

A posição atual do balancete demonstra uma economia real já de Rs. 625:169$000, na verba de Pessoal e Rs. 95:731$756, na verba Material, o que indica uma economia provavel, no exercicio, de cerca de Rs. 1.000:000$000.

Das cifras referentes ao patrimonio do Instituto, constata-se que é constituido o mesmo por quarenta e oito mil contos de réis em dinheiro, 18.000:000$000 em emprestimos legais, 51.000:000$000 em distilarias e refinarias e 2.000:000$000 em estoques de açúcar e melaço, perfazendo um total de Rs. .... 119:000:000$000.

O balancete foi remetido ao Conselho Consultivo, para o devido exame e aprovação.

MERCADO DA CAPITAL DA REPUBLICA

O presidente do I. A. A. dirigiu à Cia Usinas Nacionais, a 1º de setembro ultimo, uma carta solicitando-lhe definir as condições do preço de 47$000 Fob Recife, proposto para o açúcar cristal destinado ao abastecimento das refinarias desta Capital.

Em resposta recebeu s. s. a seguinte carta:

"Snr. Presidente.

"Acusamos recebida a carta de v. excia. destacada de ontem. Quando em carta dirigida a v. excia. propuzemos pagar à razão de 47$000 Fob — Recife todo o açúcar que fôr adquirido por esta Companhia para o suprimento de sua fabrica neste Distrito Federal, é claro que considerâmos esse preço comercial. Não pudesse a empreza que dirigimos arcar com as responsabilidades decorrentes dessa oferta, de certo não a teriamos feito. Seria uma leviandade imperdoavel de nossa parte não consultar antes se os novos preços constantes da oferta feita decorriam da "exata e rigorosa apreciação das condições comerciais e industriais existentes". A nossa proposta baseou-se na experiencia colhida em sete mêses de administração e consequentemente na média de lucro que esta Companhia pode e deve ter em condições normais de trabalho.

Póde, pois, v. excia. ficar tranquilo que se a nossa oferta beneficia a produção, oferecendo-lhe preço mais elevado, não prejudicará todavia as necessidades de conservação e melhoramento do patrimonio que administramos.

Com os nossos cumprimentos atenciosos.

Ass. **Duarte Lima** — Presidente da Cia. Usinas Nacionais".

Essa ultima carta foi lida perante a C. E. do I. A. A., em sua sessão de 5 de setembro recem-findo, tendo os delegados se manifestado satisfeitos com a resposta da Cia. Usinas Nacionais e ratificado, em consequencia da sessão, tendo sido finalmente tomada a seguinte resolução:

"O Instituto do Açucar e do Alcool estudará as consequencias, condições e modalidades de uma nova quota, correspondente a 5% sobre a limitação geral do país, para atender a necessidades novas que resultem da situação de guerra. Essa quota se destina tão sómente à safra futura."

* * *

O sr. J. I. Monteiro de Barros, representante dos usineiros de São Paulo, fez então um apelo à Comissão para que, à vista da situação favoravel dos mercados externos, proceda o Instituto a um estudo minucioso e imediato, para determinar, desde logo, uma formula a adotar para a liberação dos extra-limite da safra corrente.

No Estado de São Paulo a safra já ultrapassou a primeira metade, e necessitam os produtores tomar uma orientação sobre os excessos de sua produção, afim de que, desde já, nesse sentido, encaminhem devidamente o curso da mesma.

O presidente declarou que o pedido do sr. J. I. Monteiro de Barros será tomado na devida consideração, oportunamente.

carta citada, a autorisação para o preço de 47$000 Fob, Recife ou Alagôas, para a rama destinada ao abastecimento do mercado da Capital Federal.

QUOTAS DE EQUILIBRIO DA SAFRA 1938/39

Na sessão efetuada a 19 do mês passado pela Comissão Executiva do I. A. A., foi lida a seguinte exposição da Gerencia do Instituto:

"Reajustamento de quotas de equilibrio da safra 1938/1939

	Sacos
Produção do Brasil em 1938/39..	12.702.710

Quota de equilibrio:

	Sacos
Pernambuco.	726.558
Alagôas.	210.000
Rio de Janeiro.	271.570
	1.208.128

Sobre a produção do país, a quota fornecida pelos Estados mencionados representa uma percentagem de 9,5%.

Considerando, naquela proporção, a quota de equilibrio dos mesmos Estados, teriamos:

Pernambuco. . . 9,5%		
sobre.	4.974.561 =	472.583
Alagôas. 9,5%		
sobre.	1.588.786 =	150.934
Rio de Janeiro.. 9,5%		
sobre.	2.023.707 =	192.252
	8.587.054	815.769

Para o reajustamento, teriamos:

Parte reajustavel:

Pernambuco:

		Sacos
Quota efetuada.	726.558	
Quota devida.	472.583	253.975

Alagôas:

		Sacos
Quota efetuada.	210.000	
Quota devida.	150.934	59.066

Rio de Janeiro:

		Sacos
Quota efetuada.	271.570	
Quota devida.	192.252	79.318
A reajustar.		392.359

Sobre-taxas de liberação, pagas:

Pernambuco. .	489.316 a 2$000	978:632$000
Alagôas.	231.681 a 2$000	463:362$000
Rio de Janeiro.	25.269 a 4$000	101:076$000
Total das sobre-taxas.		1.543:070$000
Est. do Rio — Sobre-taxa de 6$000, de reajustamento de quotas de equilibrio.		110:164$000
	Rs.	1.653:234$000

Por conta já foram efetuados os seguintes reajustamentos:

Pernambuco.	198:643$500
Alagôas.	92:108$500
Rio de Janeiro.	52:547$000
Rs.	343:299$000

Recebido — total.	1.653:234$000
Pago.	343:299$000
Saldo. . . . . Rs	1.309:935$000

Computando em 3$000, por saco, o imposto de exportação, teriamos a restituir:

A Pernambuco	253.965 scs. a 3$	761:925$000
A Alagôas.......	59.066 scs. a 3$	177:198$000
A Rio de Jan...	79.318 scs. a 3$	237:954$000
	392.359 scs. Rs.	1.177:077:$000

Ass. **Julio Reis** — Gerente"

Ante os fundamentos da exposição, o sr. Barbosa Lima Sobrinho lembrou o aproveitamento das importancias a restituir, e que perfazem o total de 1.177:077$000, em obras de utilidade publica, ligadas a interesses da industria açucareira nos três Estados em causa, isto é, Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro. Poderiam as mesmas ser aplicadas em melhoramentos de estradas de rodagem que servissem ao transito publico e ao das distilarias do Instituto no Cabo e em Campos e ao transito geral em Alagôas.

A uma consulta do sr. Monteiro de Barros, esclareceu o presidente que não se trata absolutamente de devolução de qualquer parcela a usineiros dos três Estados referidos, mas de reparação aos cofres dos Estados, por impostos de exportação que deixaram de arrecadar sobre quotas de açúcar retirados do consumo interno, por conta de contribuições que caberiam a outros Estados, para o equilibrio entre a produção e o consumo nacionais.

Os delegados de Alagôas e do Estado do Rio sugeriram que aquelas importancias fossem empregadas em melhorias e ampliações dos hospitais existentes em Maceió e Campos. Finalmente, a Comissão resolveu, por unanimidade, facultar a aplicação pelo I. A. A. das importancias de 761:925$000, 177:198$000 e 237:954$000, respectivamente, em Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro, reservando-se o estudo do plano ou proposta para o destino correspondente.

ESTADO DO RIO

No interesse comum do Instituto do Açúcar e do Alcool e dos produtores fluminenses, propôz a Gerencia do I. A. A. uma formula de reajustamento da quota de equilibrio do Estado do Rio de Janeiro, proporcionando aos produtores a redução da quota de açúcar demerara de 6 para 4%, suprindo a diferença com a entrega de melaços, em volume correspondente.

Por saco de açúcar reduzido da quota, receberia o Instituto um volume de 125 quilos de melaços, a que equivaleria, em ambos os casos, uma mesma produção de 30 litros de alcool.

A quota de equilibrio do Estado do Rio seria, assim, constituida por 80.000 sacos de açúcar demerara e 5.000 toneladas de melaços, mantido o preço de 36$000 para o açúcar e estabelecido o de Rs. 200$000 por tonelada de melaços normais, posta na Distilaria.

Ao Instituto, a par de uma economia de Rs. 200:000$000, proporcionaria a operação os elementos necessários à maior facilidade e eficiencia na dissolução do açúcar em alcool, pela sua mistura em maior proporção com os melaços.

Aos produtores proporcionar-se-ia uma operação rendosa, com a venda de melaços a Rs. 200$000 a tonelada, ao mesmo tempo que se lhes facultaria uma produção de 40.000 sacos de açúcar cristal, a mais, para o seu mercado livre.

Submetida a proposta à consideração da Comissão Executiva, na sessão de 5 do mês passado, o sr. Tarcisio d'Almeida Miranda, representante dos usineiros fluminenses, declarou que interessará a proposta, contanto que o preço dos melaços seja fixado em 280$000 a tonelada, compativel com os preços atuais do alcool potavel produzido nas usinas do Estado do Rio.

S. s. apresentou a alternativa da opção dos usineiros, de entrega da quota integral em açúcar, ou parte em açúcar e parte em melaços, nas condições da proposta em debate.

Os delegados presentes, inicialmente, se manifestaram contrários ao preço de 280$000, bem como à opção proposta pelo sr. Tarcisio de Miranda.

A proposta só poderia ser objeto de consideração da Casa, nas condições indicadas na sugestão da Gerencia do Instituto, devendo, em qualquer hipotese, presidir à sua resolução o exame e verificação das vantagens técnicas que possam advir para o Instituto, da aquisição dos melaços, nas condições ali indicadas, sem maior transtorno ao plano de defesa da safra, já instituido.

O sr. Tarcisio de Almeida Miranda insistiu no ponto de vista que externou, afirmando que, fóra dele, a proposta se afasta dos interesses dos produtores fluminenses.

Com a palavra, o sr. Alde Sampaio declarou que, uma vez que a proposta em debate estava merecendo impugnação pelo proprio representante do Estado do Rio, se sentia à vontade para afirmar que julgava inconveniente qualquer alteração no plano de defesa da safra 1939/1940, em qualquer dos Estados que para o mesmo vão contribuir.

O presidente observou que a aceitação da proposta em debate, embora fosse de interesse para o Instituto, sem prejuizo para os produtores, proporcionaria alterações ao plano de defesa, promovendo, talvês, reivindicações equivalentes por parte de outros Estados, e cujos efeitos, em geral, prejudiciais à execução dos principios de autoridade do Instituto, que têm sido sempre o segredo do exito de suas resoluções.

O sr. Alde Sampaio lembrou ainda que o Instituto, para garantir a eficiencia industrial da distilaria, por meio da compra de melaços em proporção necessária à mistura ao açúcar, para facilidade de sua fermentação, deverá adquirir essê produto aos preços do mercado, de acôrdo com a cotação do alcool potavel, isto é, segundo a proposta do sr. Tarcisio de Miranda, a Rs. 280$000 a tonelada.

O sr. Alberto de Andrade Queiroz ressaltou que as distilarias do Instituto são instaladas para atender à utilização dos excessos de

materia prima, quando oferecidos pelos produtores, adquirindo-os a preços que, sem causar prejuizo, não poderão constituir, entretanto, vantagens especiais para os produtores.

No caso em debate se apresentava circunstancia contrária à prevista na lei, relativamente à finalidade das distilarias do Instituto.

Os produtores fluminenses não dispõem de excessos de materia prima, para cuja utilisação seja necessária a intervenção da distilaria do Instituto; indica-o claramente a condição de preços que impõem os produtores, para a materia prima, através das propostas de seu representante junto à Comissão Executiva.

Nessas condições, a distilaria não necessitará funcionar, aguardando que situações menos favoraveis que possam surgir para os produtores fluminenses, demandem a sua interferencia, para atenuar a crise surgida.

Assim, constatado que não deverá ser dispensada a contribuição do Estado do Rio ao plano de defesa da safra, opinava pela manutenção da quota de equilibrio integral, instituida no proprio plano para os produtores fluminenses.

Debatido suficientemente o assunto, submeteu-o o sr. Barbosa Lima Sobrinho ao voto da Casa. Contra o voto do sr. Tarcisio d'Almeida Miranda, que mantem as alternativas de sua proposta, resolveu a Comissão Executiva "não aprovar a proposta de alteração da quota de equilibrio do Estado do Rio de Janeiro, para manter a quota de equilibrio integral de 120.000 sacos de açúcar demerara, de acôrdo com o estipulado no plano de defesa da safra 1939/1940, tomando o Instituto as medidas necessárias para a imediata regularisação das entregas da mencionada quota à Distilaria do Instituto, em Martins Lage".

EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR

Com a aproximação da safra dos Estados do Norte do Brasil, e dada a natural procura de açúcar nos mercados externos, por motivo da guerra européa, avolumam-se as ofertas de toda a parte, para compra de açúcar brasileiro.

Entre as propostas recebidas, destaca-se uma de Montevidéo, por intermedio do embaixador Batista Luzardo, para a compra de 10 mil toneladas de açúcar, efetuando-se, desde já, um embarque de 2.400 toneladas, para atender à urgente necessidade do mercado uruguaio.

No telegrama em causa, pede ainda aquele diplomata brasileiro cotações para resolver ofertas que lhe são encaminhadas por outros pretendentes.

A segunda oferta foi apresentada por Marcelino Martins & Cia., firma exportadora de café, desta praça, para a compra de 200 000 sacas, a embarcar de setembro a dezembro deste ano. O pagamento será efetuado, pelo preço que fôr estipulado, em mil réis, contra entrega de documentos relativos à mercadoria, posta a bordo dos navios determinados pelo comprador, nos portos designados pelo Instituto.

Uma terceira proposta foi ainda feita ao Instituto, por intermédio do sr. Arnaldo Pereira de Oliveira, para uma venda de dez mil toneladas de açúcar branco moido frio, para embarque de setembro a novembro.

Recebeu ainda o Instituto uma oferta de negocio, diréta de Helsingfors, na Finlandia.

Nenhuma das ofertas mencionadas estipula qualquer base de preço, estabelecendo apenas as condições de embarque e garantias de pagamento. Esta circunstancia mostra seguramente a desorientação dos mercados externos do açúcar, indicando as evidentes perspectivas de altas imediatas em todos os mercados mundiais.

O presidente do I. A. A., ante a indeterminação de estimativas reais da safra brasileira até o momento, e por não existir tambem em nossos mercados qualquer estoque disponivel para a exportação para o estrangeiro, a todos os pretendentes tem informado que sómente a partir de novembro próximo poderá indicar as possibilidades e condições da realização de qualquer negocio de açúcar para o exterior.

ABASTECIMENTO DE SÃO PAULO

Na 42ª sessão da Comissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool, o sr. Barbosa Lima Sobrinho leu o seguinte telegrama que lhe foi dirigido pela Delegacia Regional do I. A. A., em São Paulo, a 31 de agôsto ultimo:

"Em consequencia da mediação do Instituto — remessa de açúcar das Usinas Paulistas para a Capital — ficou quebrada a firmeza do mercado cristal, hoje frouxo, tendo sido feitos diversos negócios na base correspondente ao preço estabelecido pelo I. A. A. — 61$800. Em virtude de compras feitas pelos refinadores é possivel que não se verifique necessidade de encaminhamento de quantida-

de superior a 15.000 sacos para esta Capital o que será apurado a primeiro de setembro, estando, portanto, assegurada a regularidade do abastecimento para o consumo da capital".

Os delegados presentes se congratularam com o presidente pelo pronto e eficaz resultado das providencias tomadas em São Paulo, para normalisação do mercado de açúcar de consumo da capital paulista.

— Em telegrama posteriormente dirigido à administração do I. A. A., a Delegacia Regional, em São Paulo, prestou informações sobre a situação de crise de abastecimento de açúcar que voltou a afligir as refinarias da capital paulista.

Sobre o assunto, a Gerencia do Instituto emitiu o parecer abaixo que foi lido na sessão efetuada pela Comissão Executiva, a 5 de setembro ultimo:

"Refinarias de São Paulo — Em 13-9-39.

Dos 40.000 sacos de açúcar destinados ao abastecimento da capital do Estado de São Paulo, já entregaram os usineiros paulistas 30.000 sacos, e estão sendo tomadas as providencias para os embarques dos restantes 10 mil sacos.

Esses 40.000 sacos haviam sido calculados para sustentar o mercado, até a chegada dos primeiros lotes de uma compra efetuada pelos refinadores paulistas aos produtores de Pernambuco, para embarque até 9 do corrente. Tambem falharam, para São Paulo, os embarques esperados da Baía.

Estes fátos, aliados à maior procura de açúcar, estão determinando a probabilidade de elevação de preços de refinados até 80$000, por 60 quilos, para atender a necessidade de aquisição do cristal nas usinas do Estado, a 65$000, independente de fretes e outras despesas.

Está sendo afirmado pela Delegacia Regional que o saldo de produção das Usinas que não atingirão às respectivas quotas, subirá a 140.000 sacos e dentro desta cifra poderia ser estabelecida uma nova quota de cristal para as refinarias paulistas, nas condições de garantia e preços, estabelecidas na operação anterior.

A nova quota não superaria a 40.000 sacos, necessários à manutenção do mercado até o fim do mês, quando deverá começar a entrar açúcar dos Estados do Norte, por conta das compras ali já realizadas.

Será atingido, assim, o total de 80.000 sacos de açúcar para abastecimento da capital paulista, correspondente a uma liberação de 4% sobre o limite do Estado, por conta de saldos de produção de cerca de 7% do mesmo limite.

Trata-se, pois, de uma liberação antecipada para as Usinas que contribuiram para o abastecimento da cidade de São Paulo, sem outras vantagens de qualquer natureza.

Ass. **Julio Reis** — Gerente".

A Comissão Executiva, por unanimidade, aprovou o parecer da Gerencia, autorizando, pois, a realização de um novo lote de 40.000 sacos de açúcar cristal, para abastecimento às refinarias da Capital do Estado de São Paulo, mantidas às usinas fornecedoras as mesmas garantias de antecipação de liberação de excesso, que no caso anterior, e mantido o preço de Rs. 61$000, por saco de 60 quilos, Cif São Paulo.

COTAÇÕES NO EXTERIOR

A Gerencia do I. A. A. organizou o quadro abaixo, relativo aos preços do açúcar no mercado de Nova York, bem como aos da sua correspondencia em nossa moeda, no caso de embarque para portos europeus:

EXPORTAÇÃO

Cotação Nova York

Cif — por libra — 0,458 quilos — 2,17 cents.
Taxa dolar — média de compra pelos Bancos — 18$831.

Libra de açúcar. . . .	=	$409		
um quilo.	=	$893		
um saco.	=	553$600 — Cif Europa		
Frete — tonelada.		30 sh.	=	122$400
Frete por saco.		7$200		
Seguro 8% ad valorem. . .		4$000		11$200
Preço Cif.	=	53$600		
Preço Fob.	=	42$400		

Despesas a cargo do embarcador:

Imposto e despesas de embarque — 4$000.
Liquido em terra — 38$400 — demerara.
(Cristal — negocios normais Fob 52$000 — despesas embarque 4$000 — terra 48$000).
(Demerara — idem 48$000 — 12%; 48$000 — 5$800 = 42$200).

BALANÇA AUTOMATICA "TOLEDO"

ESPECIALMENTE CONSTRUIDA PARA PESAR AÇÚCAR E CEREAIS

MODELO 31-1891
CAPACIDADE: 100 kg. — SENSIBILIDADE = 15 grs.



O modelo em apreço, cuja fotogravura reproduzimos á margem, é usado com resultados altamente satisfatorios em importantes usinas e engenhos de açúcar, tanto no Brasil, como em todos os países do mundo.

A **rapidês, exatidão e durabilidade**, sob as mais severas condições de trabalho, fazem das balanças "Toledo" um instrumento ideal para o controle da produção, proporcionam, em média, uma economia de 150/200 Réis por saca. **Paga-se por si mesma em três meses de trabalho.**

E' dez vezes mais rapida que as balanças comumente usadas em engenhos de açúcar e usinas.

E' a unica balança que indica automaticamente a quantidade de açúcar ou cereal que **falta** ou **sobra.**

TOLEDO SCALE COMPANY, TOLEDO-OHIO

Representantes para todo o Brasil:

AV. RIO BRANCO, 66/74
Teleph. 43-4820 - Ramal 11

HERM. STOLTZ & Co.

End. Telegr. "HERMSTOLTZ"
CAIXA POSTAL 200

Secção Técnica
RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO
Caixa Postal 461

RECIFE
Caixa Postal 168

RELATORIO QUE DOCUMENTA UM TEMPERAMENTO E UMA CULTURA

Agamenon Magalhães.

O relatorio de Barbosa Lima Sobrinho, apresentado à Comissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool, é documento que se lê com interesse e emoção intelectual. O homem de letras, quando escreve, mesmo relatorio, movimenta os assuntos, deixando nos conceitos e no estilo as faiscas do espirito.

O que ha, entretanto, no relatorio de Barbosa Lima Sobrinho, não é um liberal. E' um homem de sistema. O pensador, que procura na cultura, a estatica das grandes linhas. O intelectual que procura encontrar a harmonia das atitudes e do pensamento no equilibrio das idéias. Diria melhor na equidistancia, que leva ao ecletismo e nunca aos extremos.

E seu relatorio é uma tese, cheia de observações lucidas, sobre a intervenção do Estado no dominio econômico. O homem de cultura, diante da responsabilidade de uma administração e diante de fatos econômicos, transige com os sistemas. Cede. Mas as transigencias ou concessões, que faz, são para voltar às suas ideias centrais. Leia-se esse trecho: "O maior perigo, aliás, da intervenção na economia, é que nos leva a um plano inclinado, onde se torna dificil estacar. Não que aumente o desejo de ação da instituição interveniente, mas porque as consequencias das intervenções anteriores trazem necessidades novas de ação do poder coordenador. Cumpre, entretanto, no instante mesmo em que reconhecemos essa contingencia, proclamar a moderação do Instituto, ou o seu desejo de permitir, quanto possivel, a ação livre das forças economicas, convencido, como ėstá, e sempre esteve, que assim foge á influencia perigosa dos elementos artificiais, que constituem o clima inevitavel da intervenção. Não quero, com essas palavras, estabelecer restrições á formula de intervenção, adotada na politica açucareira, pois que maior mal teria sido, no caso, a continuação do regime de livre produção e de livre comercio, através do qual a industria açucareira havia chegado, no Brasil, a uma fase de profunda depressão e de falencia fatal. A politica do sr. Getulio Vargas, executada pelos srs. Leonardo Truda e Andrade Queiroz, constituiu mais do que uma conveniencia, a propria salvação da economia açucareira. O que desejo, todavia, frisar, com aqueles reparos, é que o Instituto tem tido a inteligencia de permitir, dentro de um regime de intervenção, a influencia corretiva das forças economicas, orientando sem oprimir, coordenando sem violencias e sem vexames".

E' o liberal que transige. Transige para não ir até os extremos da intervenção. Na maquina o que mais lhe seduz são os freios. Nessa atitude, o temperamento de Barbosa Lima Sobrinho define-se. Define-se pelo pendor das medidas exatas. Pelo censo do que é demais e pode ser evitado. Prefere refletir e fazer que os outros reflitam a avançar contundindo.

COMO EVITAR AS EXPLOSÕES DEVIDAS A'S POEIRAS DE AÇUCAR

(F. Tödt — "Zeitschrift d. Wirtschaftsgruppe Zuckerindustrie", abril 1936)

O autor realiza, de inicio, uma especie de "compte-rendu" das medidas postas em pratica até o presente para evitar as explosões motivadas pelas poeiras de açúcar (tomada com terra de certas peças metalicas, ionização do ar, aumento do teor em humidade da atmosféra, preparação de um pó cujas particulas tenham todas a mesma dimensão afim de suprimir novas peneiradas, redução do teor em oxigenio ou adição de gases inertes, como o gás carbonico, etc., etc.). Tais processos, como o têm demonstrado investigações recentes e em particular as realizadas por Burkhardt, são as mais das vezes totalmente ineficazes, quando não perigosos, como por exemplo a humidificação da atmosféra, sabido atualmente que o açúcar humido explode muito mais depressa e mais facilmente que o sêco.

O estudo das causas de eletrização do açúcar mostra que a melhor proteção contra as explosões propiciadas pelas poeiras reside, dum lado, na instalação de rêdes ou grelhas metalicas permitindo cindir em diversas partes o espaço total reservado ás poeiras e, doutro lado, no emprego dum excesso de ar tão fraco quanto possivel, no momento em que se movimentam ou páram os moinhos.

RESOLUÇÕES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A.

RESOLUÇÃO Nº 10/39 — De 22 de agôsto de 1939

Dispõe sobre a organização de um arquivo de legislação

A Comissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, resolve:

Art. 1º — A Secção Juridica manterá um arquivo no qual será classificada e fichada toda a legislação federal, estadual relativa à materia orçamentária, fiscal, processual e de organização administrativa, especialmente a organização judiciária, e a legislação municipal referente à materia orçamentária e fiscal.

Art. 2º — A Secção Juridica organizará um cadastro da tributação federal, estadual e municipal sobre as usinas, engenhos, banguês e meio aparelhos e sobre a cana de açúcar e seus derivados.

Art. 3º — Sempre que a Secção Juridica verificar a ilegalidade ou inconstitucionalidade de algum imposto ou taxa incidente sobre os estabelecimentos ou mercadorias referidas no art. 2º, comunicará o fáto ao Presidente do Instituto, mediante relatório circunstanciado, no qual indicará as razões em que se funda.

§ unico — O Presidente do Instituto poderá submeter o relatório acima referido à apreciação da Comissão Executiva, para os fins previstos na letra "o" do Art. 4º do Decreto nº 22.981.

Art. 4º — Afim de dar cumprimento ao disposto nos Arts. 1º e 2º fica a Secção Juridica autorizada a elaborar a correspondencia que se tornar necessária.

§ 1º — Essa correspondencia será subscrita pelo Presidente do Instituto e remetida por intermédio da Secção de Arquivo. O Presidente poderá autorizar o Chefe da Secção Juridica a subscrever parte ou a totalidade dessa correspondencia.

§ 2º — A Secção Juridica arquivará cópia da correspondencia relativa a esse serviço.

Art. 5º — Será fornecido à Secção Juridica todo o material que fôr necessário à perfeita organização deste serviço.

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1939.

Barbosa Lima Sobrinho — Presidente.

NOVOS USOS PARA O FERMENTO

Das 305.000 toneladas de fermento produzidas anualmente no Reino Unido, carca de 175.000 são estragadas. Agora, quantidade tão apreciavel irá ser utilisada, como, de resto, já se faz no continente europeu, na produção do chamado extrato de fermento, que apresenta a caracteristica de em nada poder ser distinguido — gôsto, cheiro e aparencia — do extrato de carne. Sua composição tambem é bem semelhante á dêste ultimo, se bem que não identica, a unica diferença residindo no fato de encerrar o produto animal maior riqueza proteínica. Entretanto, seu teor em vitaminas é bem alto, constituindo, assim, um alimento de grande valia e daí não ser coisa das mais problematicas a criação de um mercado promissor para a sua exploração industrial em larga escala.

DECISÕES DO PRESIDENTE DO I. A. A.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açucar e do Alcool, despachou os seguintes processos:

1.077/39 — Josué Lins de Andrade — Gravatá — PE — Transferência de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

1.148/39 — José Severino Alves — Imaruí — SC — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

5.414/35 — José Gallo — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-8-39.

3.388/39 — José Joaquim Azevedo — Macaúhas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

1.075/39 — José Barbosa do Amaral — Valença — ER — Montagem de engenho — Foi indeferido — 7-8-39.

2.999/38 — Manoel Messias de Oliveira — Pósse — GO — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

3.372/38 — Miguel Antonio de Souza — Macaúbas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

2.816/38 — Maria Afra da Conceição — Afonso Claudio — ES — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

1.444/38 — Mileto de Cerqueira Pinto — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-8-39.

1.439/38 — Manoel Antonio Donato — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-8-39.

3.384/38 — Heitor Ramos Neto — Macaúhas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 10-8-39.

90/38 — Gabriel Elias Pereira — S. Miguel da Anta — MG — Transferência de inscrição — Foi arquivado por faltar ao requerente a qualidade de procurador devidamente autenticada — 11-8-39.

411/38 — Orozimho Valentim Barbosa — Itaperuna — ER — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 11-8-39.

3.036/38 — Alvaro Alves Vilas Bôas — Guarará — MG — Transferência de inscrição — Foi deferido — 12-8-39.

1.335/39 — Alcebiades Marques Rodrigues — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-839.

1.231/39 — Almiro Candido da Silva — Guarará — MG — Transferência de inscrição — Foi deferido — 12-8-39.

3.289/38 — Antonio Benjamin da Costa — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

3.288/38 — Antonio Dias Moreira — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

435/39 — Antonio Lucio de Oliveira — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

984/39 — Antonio Francisco Gomes — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 12-8-39.

71/39 — Antonio Maciel — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

835/39 — Antonio Nepomuceno Teixeira — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

834/39 — Antonio Pereira de Paiva — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

962/39 — Benevenuto Candido Ferreira — Delvinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

857/39 — Antonio Domingues da Silva — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 12-8-39.

1.059/39 — Francisco Joaquim Pinto Filho — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

1.295/38 — Laurindo José da Silva — Paramirim — BA — Inscrição de engenho — Foi deferido — 12-8-39.

1.055/39 — João Euzebio Gomes — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

957/39 — João Francisco Costa — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.859/38 — João Tosta — São José dos Campos — SP — Transferência de inscrição — Foi deferido — 14-8-39.

831/39 — Francisco Rodrigues de Paula — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

960/39 — Manoel Gomes dos Reis — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi indeferido — 14-8-39.

1.065/39 — Maria Filisbina de Jesus — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.136/39 — Lindolfo Alves da Silva — Guanhães — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 14-8-39.

954/39 — José Alves Pereira — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.376-39 — José Amancio de Faria — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.243/39 — José Ferreira de Oliveira — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.063/39 — José Marques da Costa — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

849/39 — José Pedro Pereira — Alto Rio Doce — MG Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 14-8-39.

1.133/39 — José de Sá Barreto Sampaio — Barbalha — CE — Transferência de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.

899/39 — Germano José do Prado — Bôa Esperança — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.

2.765/36 — Joaquim Basilio de Godoy — Lindoya — SP — Transferência de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

841/39 — Joaquim Gonçalves Viana — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

326/39 — José Claro Coelho — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

567/39 — José Jardiano de Araujo — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

999/39 — José da Silva Araujo Primo — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido porque o engenho em causa se encontra completamente paralizado — 19-8-39.

1.054/39 — José Pinto da Costa — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

983/39 — José Pedro da Silva — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.

2.909/38 — José Matoso da Costa — Curvelo — MG Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

729/39 — João da Cruz Reis — São Manoel — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8- .

926/39 — Manoel Moreira da Silva — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.

5.052/35 — Antenor Thomé da Costa — Itaperuna — RJ. Inscrição de engenho — Foi deferido — 5-8-39.

1.049/39 — Braz Bento Barroso — Teofilo Otoni — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.

741/39 — Matilde Maria de Almeida — Cassia — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

2.926/38 — Antonio Silva Gusmão — Arassuai — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

1.616/38 — Antonio Manoel de Oliveira — Dôres da Bôa Esperança — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

978/38 — Antonio Firmino Ferreira — Pedra Branca — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

2.884/38 — José Gabriel Ribeiro — Monte Carmelo — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

836/39 — Benedito Soares Ferreira — Minas Novas — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.

1.465/38 — Antonio Rodrigues dos Reis — Rio Casca — MG — Alteração de inscrição — Foi arquivado por nada haver o que deferir — 19-8-39.

1.760/39 — Arsenio Armenio da Silveira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi deferido — 19-8-39.

2.925-38 — Camillo Araujo Pechin — Arassuai — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 21-8-39.

177/39 — Gabriel Machado Pinheiro — Minas Novas — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 21-8-39.

2.921/38 — José Alexandrino Borges — Frutal — MG — Cancelamento de inscripão — Foi deferido — 21-8-39.

573/37 — Sociedade Produtos Agricolas do Estado de São Paulo — São Paulo — SP — Inscrição de fábrica de alcool de cereais — Foi arquivado — 22-8-39.

773/36 — Jonas Veiga — Nepomuceno — MG — Inscrição de engenho — Foi mandado inscrever como produtor de aguardente — 22-8-39.

109/37 — Anami Kititaro — Juquery — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

554/37 — André José Filho — Presidente Wenceslau — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

110/37 — Antonio Bueno de Morais — Juquerí — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

142/37 — Antonio Martins — Mogí das Cruzes — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

575/37 — Antenor Brandão — Jaboticabal — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

20/38 — Avelino Benedito Ramos — Nazareth — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.

2.323/38 — Claudio de Almeida Pena — Paramirim BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 24-8-39.

1.245/39 — João Alves da Silva — Guanhães — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 21-8-39.

520/39 — Albertino Ferreira de Toledo — Carangola
rido — 24-8-39.
— MG — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi defe-

832/39 — Diogenes Gomes de Oliveira — Alto Rio Doce MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.

249/37 — Francisco Pedro Monteiro da Silva — Araraquára — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 24-8-39.

1.882/38 — Gonçalo Tavares — S. Vicente Ferrer — MA — Remoção de engenho — Foi deferido — 24-8-39.

136/37 — Gastão Rachou — Itapecerica — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 24-8-39.

558/37 — Guilherme Chaves de Oliveira — Paruaíba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 24-8-39.

139/37 — Guilherme Malier — Xiririca — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

557/37 — Henrique Dias Rodrigues Filho — Iporanga — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

691/37 — Irmãos Bertivelli — Amparo — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

180/39 — João Moura de Araujo — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.

8.906/35 — João Horta do Prado — Descalvado — SP — Inscrição de fábrica de aguardento — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

308/39 — Joaquim Miguel da Costa — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.

141/37 — Bazilide Godoy — Cabriúva — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

692/37 — Benedito Alves Capucho — Lençóes — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 24-8-39.

560/37 — Benedito Pereira de Souza — Lageado — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

555/37 — Domingos Jamariquelle — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

851/37 — Cassio Marcondes de Godoy — Pindamonhangaba — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

85/37 — Carlos Moretto & Irmãos — Lençóes — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

824/37 — Benedito Pinto de Morais — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

271/38 — Faustino Bizetto — Jundiaí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita.

544/37 — Toragiro Torigoe — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.

277/37 — Takashi Aricava — Iguape — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

216/38 — Thomaz Rossetti — Limeira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

108/37 — Tahira Eki — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

689/37 — Tarcilio de Oliveira Dias — Caconde — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

215/38 — Sebastião Gonçalves da Silva — Botucatú — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.

68/37 — Raul Vieira da Silva — Santa Branca — SP

— Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

655/38 — Renato Pereira — Itapira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

579/37 — Paulino Nunes — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

581/37 — Oliveira & Machado — Parnaíba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

829/37 — Oliveira Lopes & Cia. — Rio Preto — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

690/37 — Nahar Soubhia — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

576/37 — Merlindo Marchetti — Lençóes — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

270/38 — Manoel Nascimento Menezes Martins — Rio Preto — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

580/37 — Manoel Antunes da Silva — Jacupiranga — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

2/38 — Lazaro Ribeiro — Cabreúva — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

773/37 — Leopoldo Casella — Barirí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

593/37 — Luiz Campanari — Monte Alegre — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

254/38 — Kiugo Morimitu — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

577/37 — Kakukiti Nisioka — Jundiaí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

823/37 — Julio de Sordi — Caconde — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

86/37 — Josino Ferraz de Camargo — Ibitinga — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

887/37 — José Benedito da Fonseca — Socorro — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi aquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

556/37 — José F. Teixeira de Barros — S. Carlos — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

214/38 — José Portari — Itapolis — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

592/37 — Jorge Candido de Souza — São Paulo — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

687/37 — Joaquim Ribeiro — Promissão — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

693/37 — Joaquim Martiniano Ferreira — Buquira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Fui arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

140/37 — João Alcides de Ramos — Xiririca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

571/37 — João Carlos Pereira — Pindamonhangaba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

863/37 — João Finazzi — Itapira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita.

8.953/35 — João Ramos de Camargo — Santa Izabel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

2.710/36 — Jesuino Afonso Ferreira — Piracaia — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

278/37 — Jeronymo Ometto — Rio Claro — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

279/37 — Jeronymo Alves — Santa Izabel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

574/37 — Climerio Martins de Siqueira — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

578/37 — Benedito Alves Pereira — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.

822/37 — Antonio Carino da Silva — Itapolis — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

53/38 — Verissimo Antonio de Morais — Nazareth — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

1.762/39 — Abel Dias Ferreira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 28-8-39.

3.020/38 — Adelina Aguida Vilela — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.674/38 — Agnello Pereira — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.320/39 — Amancio Antonio de Almeida — São João Evangelista — MG — Montagem de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.749/39 — Antonio Dias Sobreira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 28-8-39.

967/39 — Cristiano Francisco de Medeiros — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

3.018/38 — Domingos Firmino dos Santos — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

219/39 — Domingos Gonçalves Branco — Arassuaí — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

955/39 — Emilio Ferreira de Brito — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.059/39 — Evaristo Martins da Silva — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

2.033/39 — Cia. Agricola e Industrial Magalhães (Usina Barcelos) — São João da Barra — RJ — Importação de material para distilaria de alcool anidro — Aprovado o plano — 28-8-39.

1.062/39 — Francisco Beraldo Rodrigues Moreira — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.051/39 — Francisco Joaquim Pinto — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.052/39 — Francisco Vital de Brito — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

958/39 — Gabriel José Garcia — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

917/39 — Jacinto Moreira da Silva — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro. — Foi deferido — 28-8-39.

968/39 — Jeronimo Vilela Martins — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

850/39 — João Moreira da Silva — Carmo do Paranaíba

— MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

703/39 — João Luiz Vinhal — Carmo de Paranaiba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

860/39 — João Moreira de Morais — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.991/38 — João Alves de Oliveira — Curvelo — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 28-8-39.

964/39 — Joaquim Francisco Pinto Junior — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

179/39 — Joaquim Inácio de Figueiredo — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

982/39 — José Silvestre de Andrade — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.244/38 — José Raimundo Vieira — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.380/38 — Josino Bento de Toledo — Campo Belo — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.186/39 — Juventino Barnabé Dias Duarte — Cunhães — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

966/39 — Levindo Teofilo Rodrigues — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

953/39 — Marcolino Marques Barbosa — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

197/39 — Marcial de Magalhães Barbalho — Virginopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

2.247/38 — Manoel Marques dos Santos — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.322/38 — Manoel Francisco de Souza — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.312/38 — Otaviano José Trindane & Irmãos — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

965/39 — Otaviano Francisco de Mereiros — Delfinopolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

3.327/38 — Pascoal Guerra — Itapira — SP — Transferência e remoção de engenho — Foi deferido — 28-8-39.

2.148/39 — Tancredo Costa & Cia. — Palmares — PE — Importação de material para distilaria — Foi aprovado o plano — 28-8-39.

1.774/39 — José Corrêa Lima — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.787/39 — José Gomes dos Santos — São Pedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.801/39 — José Joaquim de Souza — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.758/39 — José Moreira Cabral — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.775/39 — José Serafim de Oliveira — São Pedro — CE — Transferência de inscrição — Foi deferido — 4-9-39.

1.789/39 — Joaquim Alves do Nascimento — São Pedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.790/39 — João Marcelino de França — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.724/39 — Gertrudes Moreira da Silva — Varzea Alegre — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

2.977/38 — Candido Marques da Rocha — Paraopeba — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar registrado — 4-9-39.

895/39 — Barbara Maria de Jesus — Campo Belo — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

2.709/36 — Segisfredo Pinto Cunha — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.206/35 — Theofilo Pedro de Oliveira — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.212/36 — Pedro Gonçalves Rios — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.166/35 — Osorio Higino de Souza — Tapiratiba — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.210/35 — Manoel Luciano da Silva — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

3.108/35 — Luiz Ribeiro Porto — Santa Branca — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.432/35 — Luiz de Oliveira Santos — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.170/35 — José Thomaz do Prado — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.150/35 — José Rodrigues Coelho — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

2.977/35 — José Lino Nunes de Arruda — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.168/35 — José Henrique Goulart — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.908/38 — José Gomes Conceição — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.165/35 — José Antonio de Moura — Paraibuna — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.882/35 — Francisco Antonio Barbosa — Cajurú — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.892/35 — Francisco Alves Cursino — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

2.772/36 — Fernando dos Santos — Olimpia — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.880/35 — Benedito Carvalho de Souza — Natividade — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.195/35 — Benedito Bebiano da Silva — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.149/35 — A. Luiz Vieira — S. Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.420/35 — Antonio Massa Grande — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.151/35 — Antonio Basilio dos Santos — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.175/35 — Antonio Antunes de Oliveira — São Luiz do

Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.169/35 — Alexandrino Pereira — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 6-9-39.

2.774/36 — José Cezar Fernandes — Rio Preto — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 8-9-39.

340/39 — Francisco Pimenta da Silva — Nepomuceno — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 8-9-39.

2.737/38 — Canuto Ferreira de Jesus — Piranga — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.889/35 — Benedito Rogerio Abel — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 8-9-39.

8.824/35 — Aristides Dias & Irmãos — Cajurú — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

5.370/35 — Alberto Pedro Martins — Frutal — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.272/35 — José Francisco de Souza — Amargósa — BA — Inscrição de engenho — Foi deferido — 8-9-39.

8.891/35 — Candido Corrêa de Queiroz — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.881/35 — Floriano José da Silva — Cajurú — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.821/35 — Fernandes Faria — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.921/35 — Guilhot & Rodrigues — Bananal — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 11-9-39.

8.161/35 — Geraldo Caetano França — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 11-9-39.

2.396/36 — Jannário da Silva Rosa — Itaperuna — RJ — Alteração de inscrição — Foi arquivado por não haver o que deferir — 11-9-39.

8.870/35 — João José Prates — Cajurú — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.163/35 — José Bento de Almeida — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.198/35 — José Claro Pereira — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.162/35 — José Candido Limão — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.160/35 — José Gabrile Barbosa — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.221/36 — José Marcelino da Silva — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objéto — 11-9-39.

1.018/38 — José Jeremias Alberto — Santa Barbara — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

118/38 — Maria Francisca Schwenck — Carangola — MG — Cancelamento de inscrição — Foi arquivado por nada haver que deferir — 11-9-39.

8.817/35 — Manoel Barbosa Machado — Santa Branca — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.153-35 — Marcelino Rodrigues Dourado — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.223/36 — Narciso Lourenço Correia — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.226/35 — Neftal Gonçalves Rios — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito. — 11-9-39.

8.430/35 — Onofre Pires Dias — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

2.320/39 — José Manoel de Oliveira — Paramirim — BA — Foi autorizada a inscrição como engenho rapadureiro. — Em 10-8-939 (*).

(*) Reproduz-se por ter saído com incorreções.

O QUE TODO FAZENDEIRO DEVE SABER

Com o titulo acima, publica "La Fertilización Scientifica" de Havana, o seguinte:

1 — Sabe o senhor que a variedade de cana mais produtiva é a que absorve mais elementos nutritivos do terreno e, por consequencia, a que mais rapidamente esgota a fertilidade do mesmo?

2 — Sabe que uma produção de 80 arrobas de cana por "cavaleria" (*) absorve do terreno circundante 1 libra de nitrogenio, 1 de acido fosforico e 3 de potassa?

3 — Sabe o senhor que a cana necessita de uma proporção definida de nitrogenio, fosforo e potassa em seus tecidos, para que a produção seja satisfatoria?

4 — Sabe o senhor que a aplicação de um adubo incompleto, com um ou dois desses elementos, faz que a planta absorva o terceiro do terreno, esgotando-o desse último mais prontamente?

5 — Sabe o senhor que aplicar a um terreno esgotado, ou muito pobre em um elemento nutritivo, adubos que não contenham esse elemento é perder tempo e dinheiro, pois a planta não poderá utiliza-los?

6 — Sabe o senhor que adubar o terreno só com nitrogenio ou semente com nitrogenio e fosforo esgota o terreno mais prontamente de potassa, e que se a provisão desse elemento no terreno é deficiente, a cana não póde utilisar os outros?

7 — Sabe o senhor que se a planta não contem potassa suficiente, o nitrogenio se acumula nas folhas, mas não se aproveita e, conseguintemente, o crescimento é muito pouco?

8 — Sabe o senhor que, em consequencia dessa falta de equilibrio, contem a planta maior quantidade de açúcares redutores que de sacarose?

9 — Sabe o senhor que, nessas condições, parte dos açúcares redutores se convertem em materias como o amido e a dextrina, que passam ao açúcar e dificultam a defeção?

10 — Sabe o senhor que, adubando com um adubo completo com nitrogenio, fosforo e potassa, se assegura um bom rendimento em tonelagem de cana de açúcar?

(*) — Cavaleria é uma medida agraria cubana, que corresponde a 1.343 areas, e a area equivalente a um quadrado de 10 metros de lado.

O PRIVILEGIO DOS SENHORES DE ENGENHO, NOS TEMPOS COLONIAIS

Alberto Lamego

Em fevereiro de 1777, o Major Gregorio Francisco de Miranda e mais mercadores da Vila de São Salvador representaram ao monarca contra as pretenções de alguns lavradores pobres, que, possuindo dois ou tres escravos, "com os quais cultivavam pequeno terreno, armando as suas engenhocas com dinheiro emprestado, onde fabricavam diminuto assucar", queriam gozar dos privilegios de senhores de engenho.

Alegaram que eles já haviam pedido "o titulo ou regalias" ao vice-rei, mas como este o indeferira, por conhecer que só queriam fraudar os negociantes, haviam, na qualidade de camaristas, que o eram alguns, recorrido ao Secretario do Reino.

Para obstarem a concessão da graça obrepticiamente, juntaram os suplicantes uma justificação, na qual provavam que tudo o que aqueles possuiam era comprado com promessa de pagamento, com as futuras safras de cana, mas estas eram tão limitadas que nem chegavam para o sustento das suas familias e, quando "sobrava algum assucar, o vendiam de noite, para não satisfazerem as suas dividas". (1).

Muitos dos proprietarios das engenhocas se achavam, então, ausentes de Campos, destacados na fortaleza de Santa Cruz e em outros pontos, a serviço real e, tendo conhecimento da representação e justificação referidas, se dirigiram ao Marquês de Lavradio, pedindo-lhe que ordenasse ao ouvidor e mais justiças da Comarca, "a suspensão de todas as execuções, até que, desembaraçados do serviço real", pudessem continuar as suas safras e, com o rendimento delas, pagar aos seus credores. (2).

A' sua petição lançou o vice-rei este despacho: "Os que estão prejudicados devem assignar este requerimento. Rio, 26 de Março de 1777", o que foi imediatamente cumprido. (3).

Essa suplica foi enviada, em 14 de fevereiro de 1778, ao Secretario do Reino, Cons.º Martinho de Melo Castro, mostrando-se o Marquês de Lavradio favoravel aos desejos dos senhores de engenho de Campos, "pois o assúcar que fabricavam era em maior abundancia que o dos engenhos da capital e seus reconcovos" e servia para a carga da maior parte dos navios que seguiam para Lisboa. (4).

Decorrido bastante tempo, sem ter solução o pedido dos senhores de engenho de Campos, tornaram á presença real, pedindo que se lhes concedêsse a graça de não poderem os devedores ser executados em suas fabricas e sómente nos seus rendimentos, como se fazia no Rio de Janeiro, pois os seus credores não queriam que as regalias concedidas pela provisão de 26 de abril de 1760 (5) se extendessem aos lavradores de cana de Campos.

O procurador da Corôa, que teve de dar o seu parecer sobre a nova petição, assim se manifestou: "A agricultura de assucar **que ha muitos annos, apenas, era conhecida nos Campos Goytacazes**, onde só haviam dois ou trez engenhos de assucar, tem se adiantado tanto, nos ultimos tempos, que presentemente se acham alli erigidos muitos e se cultiva tanta canna, que é importante este ramo de lavoura naquella terra e della se transporta mui commodamente, pelo rio Parahyba e, depois, pela costa do norte, para o Rio de Janeiro a cuja capitania pertence e sempre pertenceu, ainda, quando formava a pequena capitania da Parahyba do Sul, pertencente ao Visconde de Asseca e então separada do dominio da Corôa e hoje a ella unida.

Parece, pois, que os supplicantes devem gozar dos mesmos privilegios, concedidos aos lavradores de assucar do Rio de Janeiro, não só pelas razões do dito privilegio, como porque os Campos dos Goytacazes sempre se reputavam parte da capitania do Rio de Janeiro".

O Procurador da Fazenda foi de opinião que se devia ouvir o governador do Rio de Janeiro e tambem foi este o parecer do Conselho Ultramarino, pelo que foi expedida a carta régia, para esse fim, em 1 de julho de 1784. (6).

O procurador dos lavradores — Duarte Francisco do Rego Escossia — não ficou satisfeito com a resolução régia, porque as providencias tomadas roubavam muito tempo.

Na esperança de obter a graça pedida, sem serem precisas novas informações do

govêrno do Rio de Janeiro, por nova suplica que faria, decorrido algum tempo, requereu a entrega da sua petição anterior, "por não querer por ora usar della", o que lhe foi deferido em 3 de julho, recebendo-a em 20 do dito mês e ano.

De fato, no ano seguinte, novo requerimento fez à rainha, insistindo pelas referidas regalias, para os seus constituintes, que continuavam em angustiosa situação, ameaçados pelos credores, implorando que a estes só fosse permitido executar a terça parte dos rendimentos, "pois não era justo que, tendo Campos mais de 200 donos de engenhocas de assucar, não gozassem estes dos privilegios concedidos a todos os lavradores do Brasil".

O expediente usado de nada lhe serviu; os Procuradores régios e Conselho Ultramarino não mudaram de opinião e aos 9 de junho do dito ano ordenou-se ao govêrnador do Rio que informasse com o seu parecer.

Afinal, foram concedidos aos senhores de engenho, de Campos, os mesmos privilegios concedidos aos do Rio de Janeiro, pela resolução de 22 de setembro de 1758, de que fôra expedida a provisão já citada de 26 de abril de 1760.

Mais tarde, por alvará de 21 de janeiro de 1809, foi autorgado a todos habitantes do Brasil e dominios ultramarinos o privilegio de não serem executados os seus engenhos de assucar e lavoura de cana e sómente a terça parte dos seus rendimentos.

Depuzeram as testemunhas:

Domingos Fernandes da Rocha, sapateiro, que, confirmando as alegações, acrescentou que em Campos consta mais de 200 engenhos, a que não se devia dar o nome de engenhos e os que mereciam ser assim chamados eram: os da viuva de Pedro Freire Vidal, de José Licerio da Fonseca, do capitão Belchior Rangel de Souza, de Maria das Neves Pinto, de Antonio da Silva Esteves, de Sebastiana de Almeida, de Manoel Pereira da Costa, da viuva de Carlos Martins Pestana, de João Batista Pereira, de Caetano José da Mota, de José Soares, de Custodio Valentim Codiço, de Inácio Gago Machado, da viuva do capitão Miguel de Moraes Pessanha, do capitão Antonio Pereira da Silva, e do mestre de Campo João José de Barcelos Coutinho, todos engenhos reais, com terras e escravos proprios, como eram igualmente os de Visconde Asseca, da Religião de São Bento e o de Colegio, sequestradas as permutas;

Manoel de Oliveira Guimarães, que vivia "do serviço dos seus escravos", incluiu no numero dos que deviam ser considerados como senhores de engenho: José da Silva Rego, José de Oliveira Bastos, Antonio Rodrigues Arêas, Caetano Pereira Rabelo, Francisco Manhães de Andrade, Capitão Antonio Pereira, João Gomes da Mota, capitão Luís Manoel Pinto, Manoel Pereira da Costa, João Alvaro de Araujo, José Luís Martins e a viuva de José Luís Martins.

As mais testemunhas: **Joaquim Guilherme da Mota, Francisco Pinto de Oliveira, Miguel da Rocha, Manoel Furtado de Mendonça** e **João Fernandes da Costa**, confirmaram os itens da justificação, que foi julgada pelo juís ordinario José Licenio de Campos, em junho de 1776, funcionando nela o escrivão Manoel de Azevedo Castelo Branco. ("Arch. Mar. Ult. de Lisbôa").

(2) "Sr. Marquez, Vice-rei.

Dizem os senhores de engenho de fazer assucar, dos Campos dos Goytacazes e seus lavradores, que os commerciantes daquella villa, apenas, apanharam os supplicantes destacados na fortaleza de Santa Cruz desta cidade e em outros lugares, (porque todos os ditos commerciantes lá ficaram) romperam no attentado de proseguir as suas respectivas execuções contra os supplicantes, pondo-lhes em praça os bens pertencentes ás ditas fabricas e ainda estas, sem quererem attender que tanto uma cousa como outras não podem ser arrematadas pelo privilegio da Provisão Régia e mais que V. Excia., foi o mesmo que em utilidade publica, por essa incomparavel grandeza, foi servido dirigir uma carta ao Ouvidor daquella comarca em que lhe dizia tinha dado a El-rei da utilidade que se seguia dos povos, na conservação daquellas fabricas, que davam assucar, que delle tinha comprado muitos navios dos que tinham saído deste porto; utilidade que interessa ao Estado. Senhor, talvez que essa carta fosse o estimulo daquelle rompimento, porque os supplicados, postos em desesperação, chegaram de certo a mofar de despacho de V. Excia. e tiveram o punivel arrojo de fazer contra elle e contra os supplicantes uma celebre justificação, para com ella, requererem a S. Mag., o que fizeram. Pedem a V. Excia. se digne, pela sua conhecida grandeza e piedade, ordenar que o Ouvidor e mais justiças daquella Comarca, façam sustar as ditas execuções, até que os supplicantes, desembaraçados do serviço real, possam voltar á labuta de suas fabricas e tirarem dellas o rendimento para pagar aos supplicados".

(3) Assinaram: Alferes Antonio Luís de

Souza, alferes Francisco Nunes Coutinho, capitão André Mendes Viuva, capitão Paschoal de Macedo e Castro, alferes Manoel de Menezes, Celestino José Ribeiro de Mendonça, Manoel Ribeiro da Silva, João Clemente Sá, Manoel Soares, José Gomes Crespo, Antonio da Silva Riscado, João da Silva Tavares, Gregorio Gomes Rangel, Luís da Silva Riscado, Pedro Vasques de Mendonça, Antonio da Terra Pereira, Manoel de Barros Carneiro, José da Silva Tavares, Manoel da Silva Tavares, Antonio Furtado de Mendonça, José Pereira Ramos, Luís Pereira Gomes, Vicente Pereira Gomes, José Ferreira Malte, José Barros Carneiro, Nicolau de Almeida Pessanha, Venceslau Pereira da Silva, José Rangel da Silva, Antonio Batista Franco, Francisco Correia, João Francisco Guimarães, Joaquim José de Aguiar, Antonio Ferreira, Inácio Ferreira, Manoel Ferreira de Araújo e José da Silva (Idem).

(4) "Exmo. Snr.

Remetto a V. Excia. o requerimento junto que fazem os donos das fabricas de assucar da villa de Campos e seus lavradores, aos quaes não tem attendido o ouvidor da Capitania do Espirito Santo, por mais que elles lhe têm requerido e, se acaso favorecer, alguns dos mesmos, entram logo a embaraçar os commerciantes daquella villa e da cidade do Rio de Janeiro, que têm procurado todos os meios de destruir as ditas fazendas, sem eu até o presente alcançar o fim para que procuram destrui-las, tendo o assucar dellas servido para a maior parte dos serviços, que deste porto tem seguido viagem para o dessa Côrte, que aliás, não poderia ter daqui partido, por serem diminutos os assucares dos engenhos desta Capital e seus reconcavos, sendo tanto os daquellas fabricas quanto o fazem o resto dos engenhos desta cidade, de que já dei conta por officio de 3 de junho de 1775, de que ainda, não me tem chegado a resolução e como são muitos os requerimentos desta natureza, que todos os dias se fazem, os quaes, subindo por aggravo para a Relação, não querem os Ministros da mesma attendê-los e eu não sabendo quaes os despachos que hei de proferir, torno a remetter a V. Excia., o ultimo requerimento, para pôr na presença da Rainha, minha Senhora". (Idem).

(5) Referiam-se a esta Provisão:

"D. João, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que, por parte dos officiaes da Camara do Rio de Janeiro, se me representou... Hey por bem conceder aos supplicantes a mercê que pedem, sem delimitação de tempo, para que não sejam executados os senhores de engenho da Capitania do Rio de Janeiro, nem se façam penhoras, por seus credores, nas fabricas dos ditos engenhos e das fazendas de canna, e somente serão executados os devedores nos rendimentos das suas fazendas, para assim se poderem conservar e terem cabedaes com que acudir ao meu serviço, com declaração que sempre os bens moveis, fabricas dos engenhos e fazendas de cannas, fiquem obrigados aos credores pelo prejuizo que se seguirá, de que não fazendo embargo nelles, poderão os possuidores vendê-los a outros e ficarem prejudicados os que pretenderem os pagamentos das suas dividas. Pelo que mando ao meu governador e capitão General do Rio de Janeiro, etc., que cumpram esta minha provisão. Lisbôa, 26 de abril de 1760". (Idem).

(6) Carta Régia de 1 de julho de 1784 que ordenou ao Vice-rei: "...declaro tudo que houver a este respeito..." (Idem).

DISTILAÇÃO ALCOOLICA A MULTIPLO EFEITO

Gustavo T. Reich, de Filadelfia, ha tempos, teve ocasião de se ocupar dum método, de sua invenção, para a evaporação a multipo efeito do môsto fermentado ou "cerveja", compreendendo uma pluralidade de ciclos. No começo do primeiro ciclo, deixa-se que o liquido do primeiro efeito flúa continuamente para o segundo, cuja saída é fechada até que o liquido, ali, atinja um determinado nivel. Fecha-se, depois, a comunicação dos liquidos entre os dois efeitos e remove-se o conteúdo residual alcoolico do liquido do segundo efeito, enquanto se deixa o liquido referido ir-se acumulando até um limite pre-determinado. A essa altura, deixa-se o liquido residual do segundo efeito correr para o terceiro ou, então, para uma corrente intermediaria, onde os meios fiquem igualizados, como, por exemplo, um reservatorio; fecha-se, depois, a saída do liquido no segundo efeito e faz-se com que o liquido do primeiro efeito entre para aquele ultimo, começando assim novo ciclo.

O atual ponto de vista do autor é que se pode muito bem eliminar ou atenuar, pelo menos, as desvantagens decorrentes do trabalho nos evaporadores a niveis variaveis. Acentúa Reich que não é dificil uma operação mais limpa e suave, com um aumento de capacidade do evaporador, para tanto bastando a colocação de recipientes de reserva nos condutos do liquido, entre os efeitos, os quais devem ficar em comunicação com o tubo de vapor do efeito, precedente ou procedente. Quando tais recipientes se comunicam com o vapor do efeito procedente (colocaam posteriormente), resulta logo uma vantagem, na operação, que é realizar-se o aquecimento do liquido, contido nos vasos aludidos, por meio indireto, isto é, com uma porção de vapor do efeito precedente, de modo que, em ultima análise, os recipientes nada mais representam, na verdade, que evaporadores intermediarios, agindo paralelamente ao efeito procedente.

OS PREÇOS DO AÇUCAR EM FACE DA NOVA GUERRA EUROPEIA

Escreve o sr. M. Golodetz, de Londres, com a data do mês passado:

"Relativamente ás perspectivas dos negocios açucareiros no mundo, encaradas dentro destas condições especiais de tempo de guerra, pode-se afirmar que, a rigor, não é logico estabelecer um paralelo com a situação em 1914-1918. Na safra de 1913-14, produziram os campos beterrabeiros do Velho Mundo 8.400.400 toneladas ou seja um pouco menos da metade da produção total de açúcar, no mundo, naquele ano. Durante os quatro anos da guerra, o continente europeu (este país a esta epoca não era virtualmente produtor de açúcar) continuou a fabricar açúcar mas já com uma redução de cerca de 40% em relação ao que produzira em 1913-14. A produção europeia em 1938-39 ascendeu a 8.711.000 toneladas, representando esses algarismos apenas 30% da produção mundial. Admitindo-se a hipotese de que sómente os países europeus sejam envolvidos no conflito, a redução na produção de açúcar, no mundo, a qual fatalmente terá de se seguir, não será de tão grandes proporções, como à primeira vista se possa afigurar; a entrada dos demais países do velho continente na conflagração é que determinará redução na produção local muito mais drastica do que por ocasião da guerra passada. Por conta de um simples decrescimo na produção é que os preços não irão subir de maneira desordenada, mesmo quando a falta de qualquer controle lhes permita pista livre. Outras condições, entretanto, intervirão fatalmente nas cotações, como a dificuldade de transportes, os altos seguros, a depreciação da moeda e uma serie de outros fatores de perturbação, caracteristicos, aliás, dos tempos de luta. Se realmente existe uma coisa como esta — um preço mundial para o açúcar, em epoca de guerra — esse mesmo preço atingirá uma cotação bem alta, não resta duvida, mas não tão elevada quanto se pensa. E isso é explicavel uma vez que não se deve contar com uma redução imediata, brusca, do consumo europeu. Um certo contingentamento terá logar, mas, com toda probabilidade isso será realizado numa escala muito menor do que da ultima vez".

AUMENTA O CONSUMO DE AÇUCAR NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA

Durante os cinco primeiros mêses do ano em curso, as entregas de açúcar para consumo interno nos Estados Unidos foram de 2.158.677 toneladas metricas, valor bruto, contra 2.040.946 toneladas consumidas no ano anterior. Houve, portanto, este ano, um aumento de 117.731 toneladas, aproximadamente 5 por cento. Esses dados são da Divisão de Açúcar do Departamento de Agricultura. Em Porto Rico, de janeiro a maio deste ano, o consumo de açúcar ascendeu a 24.164 toneladas; no mesmo periodo de 1938 foram consumidas 20.442. Ainda nos cinco primeiros mêses do ano corrente, o consumo de Hawaii foi de 7.380 toneladas contra 6.930 toneladas de janeiro a maio de 1938.

Nos treze principais países da Europa, o consumo de açúcar, durante os primeiros nove mêses do ano industrial em curso, isto é, de setembro de 1938 a maio de 1939, foi de 6.203.152 toneladas metricas, valor bruto. Em relação a identico periodo do ano anterior, quando se consumiram 5.703.267 toneladas, houve este ano um acrescimo de 499.885 toneladas, ou seja, aproximadamente, 8,8 por cento. Os estoques de açúcar que esses países possuiam em 1 de junho de 1939 elevavam-se a 3.046.780 toneladas, contra 3.447.491 toneladas na mesma data de 1938. Houve, pois, este ano uma diminuição de 400.709 toneladas.

IRRIGAÇÃO POR MEIO DE UM TRATOR

Uma companhia açucareira do Hawaí poz recentemente para trabalhar, no acionamento de uma bomba centrifuga de irrigação, um trator Diesel Caterpillar de 60 H.P. Uma calha, colocada na parte trazeira do trator, ficava em ligação com o motor deste ultimo e uma extensa transmissão se encarregava da conexão do motor com a bomba, instalada numa base provisoria. A bomba impulsionava 1.000 galões dagua por minuto, operando à 1.750 rotações na unidade de tempo, sendo a elevação de 193 pés. Num período de mais de 1.000 horas de trabalho, as despezas com combustivel e oleo lubrificante medeiaram os 27 centavos por hora, enquanto que os calculos para o bombeamento com energia eletrica davam de 1 dolar a 1 dolar e 25 centavos de gasto durante o mesmo espaço de tempo. Com o trator, o custo por tonelada de cana irrigada foi apenas de 2,6 centavos.

CRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL

"Não é facil julgar presentemente o desenvolvimento do consumo de açúcar em alguns países europeus, diz "Facts About Sugar", devido ás modificações politicas que se processaram no ano passado. Essa observação é particularmente verdadeira em relação á Alemanha, Hungria e à antiga Tchecoslovaquia. Contudo, sabe-se que o consumo de açúcar na Alemanha aumentou consideravelmente e que esse ritmo ascencional não sofreu solução de continuidade. Segundo a Associação Central da Industria Açucareira da Alemanha, o consumo de açúcar no Reich e na Austria, durante o mês de maio ultimo, subiu a 178.524 toneladas de açúcar refinado, cifra que acusa um aumento de 26,10 por cento sobre o mesmo mês do ano anterior, quando foram consumidas 141.576 toneladas. No periodo de outubro de 1938, a maio deste ano, o aumento foi de 15,62 por cento.

Para o protetorado da Boemia e Moravia, os numeros mostram um aparente decrescimo, o que se deve atribuir ao fato de que em 1937/38 e 1938/39 as estatisticas se referiam a diferentes territorios.

Nò mês de abril, o aumento no consumo de alguns países se exprime nas seguintes percentagens: França, 17,39; Italia, 2,21; Suecia, 28,70; Irlanda, 52,99. Houve decrescimo na Polonia e na Rumania, nesta de 31,47 por cento e naquela de 7,45 por cento.

As importações tambem subiram consideravelmente em abril, excedendo as do ano passado em 34,53 por cento. Esse fato se explica principalmente por ter sido muito reduzida a safra de beterraba no ano passado em muitos países, especialmente na França, Inglaterra, Irlanda e Bulgaria. Tambem concorreu para fazer crescer as importações o desejo de algumas potencias de acumular estoques para o caso de haver guerra.

Quanto ás exportações, ficaram mais ou menos no mesmo nivel de 1938. As exportações da Alemanha elevaram-se ligeiramente, em consequencia da decisão da Associação Central de exportar um por cento do contingente basico. Explica-se a diminuição nas exportações do Protetorado da Boemia e Moravia pelo fato de que as cifras relativas a 1938/39 compreendem apenas o Protetorado, ao passo que as de 1937/38 abrangiam toda a antiga Tchecoslovaquia. Seria uma conclusão erronea a de que o Protetorado da Boemia e Moravia não exportará mais grandes quantidades de açúcar.

No que respeita aos estoques não ha modificações de importancia a registrar. Em quasi todos os países os estoques são menores do que os do ano passado, com exceção da Inglaterra e da Rumania. Na Inglaterra, as cifras incluem tambem os estoques de reserva do governo e na Rumania a grande produção levou a um aumento de estoques.

HUNGRIA

Das comunicações do Congresso Agrario, reunido recentemente em Budapest, ressalta que a industria açucareira hungara sofreu muito com a redução do seu territorio e a interdição de exportação. Desde que as fabricas não têm atendido senão às necessidades internas, a safra não dura mais que 30-35 dias, o que aumenta consideravelmente o preço de venda.

Demais, é preciso continuar a exploração, para não deixar sem pão os operarios, cujas habitações são agrupadas em tôrno das usinas.

Atualmente, a situação é tal que apezar da redução das taxas, sobre 100 pengo, (*) restam à usina 46 pengo, dos quais 16 ou 18 são absorvidos pelo transporte da beterraba. Segundo as estatisticas oficiais, o saldo deverá bastar para assegurar uma produção com lucro.

(*) Pengo é a moeda hungara, valendo ao par 4 francos 468 cts.

POLONIA

A situação internacional aumenta o interesse das seguintes informações sobre a Polonia açucareira, publicadas pelo "Journal des Fabricants de Sucre", de Paris, na sua edição de 19 de agôsto ultimo:

"DADOS NUMERICOS — Recolhidos e postos em dia pelo Grupo Açucareiro Polonês, os dados estatisticos aqui reproduzidos dão a imagem exata do desenvolvimento da industria açucareira no curso das nove ultimas safras:

Safras	Fabricas e Refinarias ativas	Superficie cultivada
1930/31.	60	180.814
1931/32.	67	138.239
1932/33.	64	114.899
1933/34.	62	98.249
1934/35.	63	111.989
1935/36.	61	118.745
1936/37.	60	122.119
1937/38.	61	146.239
1938/39.	61	149.478

	Produção ton.	Exportação ton.
1930/31.	698.051	268.838
1931/32.	443.756	217.585
1932/33.	375.983	98.177
1933/34.	309.893	83.628
1934/35.	401.379	99.785
1935/36.	400.087	73.074
1936/37.	412.616	37.077
1937/38.	505.865	80.711
1938/39.	491.260 (estim.)	50.000

A produção em 1939/40 é estimada em 575.000 toneladas.

Nas duas colunas de produção e de exportação o peso é expresso em açúcar branco.

Desde a safra de 1937/38, a exportação é feita conforme o plano da Convenção Internacional de 6 de Maio de 1937.

GOLPE DE VISTA SOBRE A SAFRA DE 1938/39 — A superficie das plantações de beterraba aumentou para a safra de 1938/39, sendo de 149.478 hectares, contra 146.239 em 1937/38.

A colheita atingiu a um total de 3.159.159 toneladas metricas de beterraba, contra..... 3.252.125 na safra precedente. A média por hectare foi de 211 quintais.

A safra começou na maior parte das usinas na segunda quinzena de outubro, sendo 61 o numero das fabricas em atividade. A fabricação seguiu geralmente um curso satisfatorio e normal; a riqueza sacarina de beterraba diminuiu: 18,26 em 1938/39, contra 18,37 em 1936/38.

A produção de açúcar se fixou definitivamente em 491.260 toneladas, valor em açúcar branco.

CONSUMO — O consumo de açúcar na Polonia, durante a safra de 1937/38, marcou de novo um aumento. O mercado local consumiu, nos doze mêses dessa safra 412.551 toneladas, valor em açúcar branco, contra 374.599 na safra precedente. A diferença para mais se elevou, pois, a 37.952 toneladas, ou seja 10,1%.

EXPORTAÇÃO — Durante a safra de 1937/38, a Polonia exportou 80.711 toneladas. No primeiro plano dos países importadores pode-se incluir a Finlandia, a Inglaterra, a Grecia e a Rumania.

TAXAS DE DIREITOS — A taxa de consumo por 100 qls. de açúcar é fixado, desde 1º de dezembro de 1935, em 37 zlotys, (*) para os açúcares purificados e 40,50 para os açúcares refinados.

Esse imposto grava unicamente o açúcar indigena, isto é, a parte da produção de cada usina destinada ao mercado interior (açúcar de contingenciamento). Para todo outro açúcar, fóra do contingenciamento, assim como para o açúcar importado, a taxa de consumo está fixada em 125 zlotys. O açúcar aglomerado e o açúcar refinado pagam um direito aduaneiro de 105 zlotys por 100 quilos e o açúcar bruto, 90 zlotys. Por conseguinte, o imposto total que recái sobre o açúcar importado se eleva a 230 zlotys por 100 quilos de açúcar aglomerado e de açúcar refinado e a 215 zlotys por 100 quilos de açúcar bruto.

A ORGANIZAÇÃO DA INDUSTRIA AÇUCAREIRA POLONÊSA — As usinas polonêsas são organizadas em duas Uniões:

1 — Zwiazeka Zachodnio-Polskiego Przemyslu Cukrowniczego (União da Industria Açucareira da Polonia Ocidental), em Poznan, com 22 usinas em atividade na safra de 1938/39. O presidente da União é o sr. Joseph Zyecklinski.

2 — Zwiazek Zawodowy O. Krolestwa Polskiego, Wolynia, Malspolski, Slaska (União das Usinas do antigo Reino da Polonia), em Varsovia, com 35 usinas em atividade na safra de 1938/39. O presidente da União é o sr. Ludwik Pannenko.

As quatro outras usinas não fazem parte do agrupamento polonês.

Essas duas Uniões são representadas no exterior pela Rada Naczelna Polskiego Przemylus Cukrowniczego (Conselho Supremo da Industria Açucareira Polonêsa). Esse Conselho representa os interesses de toda a industria polonêsa. O seu presidente é o sr. Joseph Zyecklinski e o vice-presidente o principe Zanusz Rodziwill.

A venda do açúcar das usinas cartelizadas dessas duas Uniões é efetuada em comum pelo Bank Cukrowyictwa (Banco da Industria Açucareira), em Poznan, com filiais em Varsovia, Swow e Gdynia.

(*) 100 zlotys equivalem a 708,71 francos.

REINO UNIDO

Os dados estatisticos organizados pela Camara de Comercio Inglêsa acusam um decrescimo de 62 mil toneladas nas importações de açúcar, este ano, em relação a 1938. As exportações de 1939 excederam em 13 mil toneladas as do ano passado, enquanto as cifras referentes ao consumo e aos estoques conservam-se aproximadamente no mesmo nivel. De janeiro a junho do ano em curso, as importações sobrepujaram as do mesmo periodo de 1938 em 88.500 toneladas (numeros redondos); quanto ás exportações nota-se tambem um aumento — de 23 mil toneladas — em 1939, primeiro semestre, sobre 1938. O consumo de açúcar importado revela igualmente uma elevação de 88 mil toneladas nos seis primeiros mêses deste ano. As cifras que se seguem são em toneladas de 2.240 libras:

	1939	1938
Importações junho.	176.251	238.090
Importações, janeiro a junho:		
Açucares do Imperio.	585.858	539.957
Açucares do estrangeiro.	574.346	530.290
Açúcar refinado..	17.623	18.949
Total das importações.	1.177.827	1.089.196

	1939	1938
Exportações, junho.	44.935	31.782
Exportações, janeiro a junho..	199.586	176.527
Consumo, junho.	168.084 (1)	169.394 (1)
" janeineiro a junho..	1.087.222 (1)	1.006.975 (1)
Estoques, 30 de junho:		
Acúçar bruto. ..	267.800	276.000
Açúcar refinado.	2.550	2.400
Açúcar produzido no país. ...	77.750	69.750
Total dos estoques.	348.100	348.100

(1) Referem-se somente ao consumo de açúcar importado, valor bruto.

Durante o mês de junho, os totais dos estoques decresceram de 66.250 toneladas, das quais 26.150 toneladas se devem à diminuição dos estoques de açúcar de fabricação inglêsa e 40.100 à diminuição nos estoques importados. De janeiro a maio, o consumo de açúcar produzido no país elevou-se a 133.658 toneladas contra 138.442 no mesmo periodo do ano anterior. O consumo de açúcar da mesma origem em junho do ano passado foi de 18.967 toneladas. A importação de açúcar em junho foi principalmente de São Domingos e Cuba; aquele vendeu 48.076 toneladas e esta 47.244. Dos dominios e colonias, os fornecedores foram os seguintes: Indias Ocidentais Britanicas, 42.838 toneladas; Ilhas Mauricio, 18.967 toneladas.

A exportação de açúcar refinado fez-se principalmente para a Suiça, 13.614 toneladas; Finlandia, 5.536 toneladas e Noruega, 3.912 toneladas.

INDIA

No seu numero de junho, "The Australian Sugar Journal" publicou uma previsão sobre a produção de açúcar pelas fabricas modernas da India, na estação de 1938/39. Calculava-se, então, que essa produção seria de cerca de 756 mil toneladas, contra 930.700 toneladas na safra 1937/38.

Essa estimativa, porém, acaba de ser revista pelo Instituto de Técnologia do Açúcar, de Cawnpore, segundo informa aquela publicação no seu numero de agôsto ultimo. Calcula-se agora que a quéda da produção açucareira será maior do que se previa. Espera-se que as fabricas produzam mais ou menos 655.900 toneladas.

Nas Provincias Unidas, a redução na safra canavieira foi de 2.500.000 toneladas, resultando numa diminuição de 207.000 toneladas de açúcar, em relação ao ano agricola anterior. Com exceção de Madras e Bombaim, onde se verificaram pequenos aumentos, todas as demais provincias acusam produção inferior à do ano anterior.

A quéda da produção indiana em 1938/39 foi um dos muitos fatores que influiram para que o Conselho Internacional do Açúcar fosse obrigado a fazer reajustamentos nas quotas para atender às condições do mercado mundial.

O Instituto Internacional de Agricultura acaba de receber do governo da India informações referentes à cultura da cana na safra 1939/40.

A superficie dedicada ao cultivo da cana

de açúcar é estimada em 1.499.000 hectares, isto é, um aumento de 10,4% sobre a primeira estimativa do ano anterior (1.358.000 hectares) e um aumento de 0,4% sobre a média quinquenal precedente (1.493.000 hectares).

IRAK

O govêrno irakiano pretende criar a industria açucareira no Irak. Esse projeto acha-se ainda em estado embrionario. O Banco Agricola e Industrial Irakiano, "Oustansier Strett", Bagda, tem procurado fazer ensaios de cultura de beterraba e de cana de açúcar. A construção de fabricas só será decidida se esses ensaios derem resultados satisfatorios.

A importação de açúcar em Irak, cuja população não passa de 4.500.000 habitantes, é objéto de um comercio relativamente apreciavel (cerca de 43.000 toneladas por ano).

O açúcar é importado nas três fórmas seguintes:

a) Açúcar em pães — Consumo anual, aproximadamente, de 24.000 toneladas.

b) Açúcar cristalizado ou em pó — Consumo anual de 19.000 toneladas.

c) Açúcar em pedaços — Consumo anual de 500 toneladas.

Além disso, o Irak importa para a industria local de confeitaria uma pequena quantidade de glucose — 15 toneladas anualmente — assim como açúcar refinado — 500 a 1.000 quilos por ano.

O açúcar em pães é importado principalmente do Egito e dos Países Baixos; o açúcar cristalizado ou em pó, das Indias Neerlandêsas, da Inglaterra e da Holanda; o açúcar em pedaços, de Hong-Kong, Belgica e Tchecoslovaquia.

Até 1924/25, grande parte do açúcar importado no Irak provinha da França, (Refinarias de São Luís e Refinaria do Mediterraneo). A concorrencia ativa, em particular, da Belgica, Holanda, Egito, Tchecoslovaquia e Russia fez a França perder inteiramente esse mercado, para o qual as suas expedições de açúcar são atualmente nulas.

ESTADOS UNIDOS

No ultimo numero de sua circular, Willett & Gray publicam o total de consumo de açúcar nos Estados Unidos, durante o primeiro semestre do ano de 1939. A cifra desse consumo demonstra um aumento de 25.253 toneladas inglêsas, com relação à cifra do periodo correspondente de 1938 e sendo comparado com a do periodo mais normal do primeiro semestre de 1936, o consumo acusa uma baixa de 455.151 toneladas inglêas.

Eis um quadro que indica o consumo semestral e total dos dez ultimos anos:

	1º semestre	2º semestre	Total
1939.......	2.512.734	——	——
1938.......	2.491.481	3.112.570	5.604.051
1937.......	2.874.355	2.816.228	5.690.583
1936.......	2.967.885	2.553.627	5.521.512
1935.......	2.831.265	2.508.643	5.339.908
1934.......	2.706.236	2.428.510	5.134.746
1933.......	2.832.488	2.437.878	5.270.366
1932.......	2.616.723	2.597.238	5.213.961
1931.......	2.679.344	2.795.860	5.475.204
1930.......	2.879.882	2.719.495	5.599.377
1929.......	3.009.377	2.801.603	5.810.980

Resulta desse quadro que o consumo do primeiro semestre é, quasi sempre, sensivelmente superior ao do segundo.

— As estatisticas de Lamborn & Cia. demonstram que a exportação de açúcar refinado nos Estados Unidos, durante os cinco primeiros mêses do ano em curso, atingiu a..... 33.594 toneladas metricas. Em relação ao mesmo periodo do ano anterior, quando as exportações não foram além de 19.861 toneladas, constata-se um aumento de 13.732 toneladas, que correspondem a quasi 70 por cento. As cifras das exportações de 1939 são as mais altas desde 1934, ano em que os embarques alcançaram a 35.183 toneladas.

O açúcar refinado que os Estados Unidos exportaram de janeiro a maio deste ano foi encaminhado para mais de 50 países. Na lista dos importadores do produto norte-americano, figura em primeiro logar a Inglaterra, que comprou 13.141 toneladas; a Belgica vem a seguir com 4.534 toneladas. Em terceiro logar está a Republica de São Salvador com 2.492 toneladas. Em 1938, a Inglaterra tambem ocupou o primeiro posto entre os importadores do açúcar norte-americano, com 12.175 toneladas, seguindo-se Panamá e Honduras, que compraram, respectivamente, 1.735 e 1.380 toneladas.

TRINDADE

A Usina Santa Madalena, a maior da colonia, encerrou a safra deste ano com uma produção bastante inferior á de 1938, que foi de 43.872 toneladas. Quasi todas as fabricas de Trindade, aliás, acusam decrescimo de produção. Em consequencia, a colonia não se

aproveitou do aumento de quota que lhe foi concedido pelo Conselho Internacional do Açucar. Espera-se, no entanto, que Trindade reclamará um acrescimo adicional para o proximo ano, se o limite fôr aumentado.

A circunstancia de muitos plantadores ficarem desencorajados em face da quota concedida á colonia e terem diminuido as suas culturas explica em parte a redução da safra. Uma prova disso está no fato de ter havido uma redução de cerca de 80 mil toneladas na quantidade de cana entregue ás usinas, o que explica a diminuição de pelo menos 9 mil toneladas na produção açucareira. Diversas propriedades sofreram ainda as consequencias de brusca modificações atmosfericas, pois, a uma fase de forte estiagem, seguiram-se pesadas chuvas. O governo cogita de conceder um auxilio especial aos plantadores, atendendo á redução da safra.

JAVA

Em 1938, funcionaram na ilha de Java 80 fabricas de açúcar. As plantações de cana estenderam-se numa area de 210.779 acres (85.309 hectares), u mpouco menor que a do ano anterior que foi de 211.788 acres........ (85.710 hectares). A quantidade total de cana colhida elevou-se a 11.618.640 toneladas, ou seja uma média de 55,36 toneladas por acre (136.286 toneladas por hectare). A produção de açúcar de todos os tipos atingiu à cifra de 1.378.286 toneladas, que correspondem a um rendimento de 14.380 libras por acre (16.084 quilos por hectare). Esses dados e outros que daremos a seguir baseiam-se nas estatisticas levantadas por Mr. P. C. Nicola, de Pasoeroean.

A média de produção de açúcar em Java no ano transacto foi de 14.380 libras por acre, ou seja 16.084 quilos por hectare. Como se sabe, todas as usinas dessa possessão holandêsa vendem o açúcar que produzem por intermedio de um "trust" — o Nederlandsch Indische Vareeniging Voor der Afzet van Suiker,—cujas iniciais formam o nome "Nivas", pelo qual é habitualmente designado e conhecido.

Em 1938, a média de tonelagem de cana subiu a 55,36 toneladas por acre, ou seja 136,69 toneladas por hectare. O grupo de Sitoebondo obteve a cifra mais elevada com 62,68 toneladas, seguido do grupo Djcja, com 61,46 toneladas. O Grupo Tegal registrou a cifra mais baixa, não logrando mais do que 50,43 toneladas de cana por acre.

O conteúdo de açúcar na cana foi maior que o de 1937, bem assim a média de extração que alcançou a cifra de 11,61. O Grupo Pekalongon conseguiu registrar o mais alto rendimento com a cifra de 13,24 por cento; o mais baixo correspondeu ao Grupo Banjoemas com 10,03 por cento.

A média mais elevada de rendimento de açúcar por acre foi obtido no grupo Djcja com 15.899 libras, ou seja 17.782 quilos por hectare e a mais baixa foi a do Grupo Probolingo com 12.051 libras, correspondentes a 13.479 quilos por hectare. A cifra maxima por fabrica foi obtida no Grupo Sitoebondo, onde a propriedade de Pradjekan conseguiu a mais alta cifra de açúcar por acre com 17.971 libras, ou seja 20.098 quilos por hectare.

O total da produção de açúcar subiu a 1.378.286 toneladas, sendo 1.366.477 toneladas de açúcar de primeira e as restantes 11.809 de tipos inferiores. O consumo do territorio das Indias Holandêsas foi estimado em 320.000 toneladas. Todo o remanescente foi destinado à exportação.

O estoque de açúcar existente ao começar a moagem em 1938 era de 309.502 toneladas e em 1 de abril deste ano de 202.831 toneladas.

PODE A INDUSTRIA DIRIGIR-SE A SI MESMA?

A ECONOMIA DIRIGIDA APLICADA A' INDUSTRIA AÇUCAREIRA

O. W. WILLCOX

(Tradução autorizada de Teodoro Cabral)

CAPITULO II

Vemos, entretanto, que todas as nações, onde a industria do açúcar de beterraba se firmou, se esforçam por protegel-a e ha mesmo nações que recentemente crearam deliberadamente industrias açucareiras, onde antes não existia nenhuma, sustentando tais industrias "artificiais" com subvenções diretas que representam não pequeno encargo para a fazenda publica, ou mantendo altas tarifas aduaneiras, como um meio alternativo de compelir o povo a pagar a conta. Entre as nações que assim escarneceram dos livrecambistas e dos economistas classicos, quando podiam ter continuado a deixar os seus povos comprar açúcar estrangeiro barato, devem ser mencionadas a Grã-Bretanha e a Turquia. Acredita-se, em geral, que os homens, quando entregues a si mesmos, comprarão no mercado acessivel mais barato, tal como se esforçarão por vender no mercado mais caro. Todavia, vemos mais da metade da população consumidora de açúcar do globo dar as costas deliberadamente ao açúcar barato, fazendo, como coletividades politicas, exatamente o contrario do que gostosamente fariam como individuos.

Eis aí uma evidente anomalia para a qual a ciencia da econômia politica corrente não tem explicação pronta. A industria do açúcar da beterraba, tal qual agora se acha estabelecida e fomentada, não se ajusta a nenhum dos criterios dessa ciencia. A sua dilatada manutenção viola o principio da concurrencia e nega aos produtores eficientes a vantagem que deviam usufruir pela sua situação mais favoravel ou pela sua habilidade, ou por ambas as cousas, e nega aos consumidores o direito de adquirir o que precisam ao mais baixo preço possivel; obstrue propositadamente o movimento "natural" das mercadorias no comercio e, por isso, sofre a excomunhão de todos os livre-cambistas. Premeia a relativa ineficiencia, razão pela qual é aborrecida pelos "duros individualistas" e por todos os que acreditam na sobrevivencia do mais apto. E' a manifesta negação do acariciado desejo de todos os economistas classicos, de que o comercio internacional seja recomposto de modo que a produção dos generos basicos seja entregue ás regiões "mais aptas a produzil-os". Frequentemente se alega tudo isso e mais alguma cousa para provar que a industria do açúcar da beterraba não póde apresentar a sombra de uma desculpa logica ou legitima para a sua existencia.

Permanece, todavia, o fato de que mais de trinta nações, incluindo praticamente tudo o que chamamos de mundo civilizado fóra dos topicos, estão firmemente determinadas a apoiar uma industria que, em face de todos os dogmas da econômia politica ordinaria, é indigna de apoio; não se trata de um fenomeno superficial, mas de um que deve ter profunda significação humana. Talvez a explicação seja esta: a logica da econômia corrente não compreende tanta reação econômica humana quanto julgavam muitos dentre nós; que as regras e doutrinas oriundas da observação da conduta economica de individuos não podem ou não devem aplicar-se á conduta econômica de grandes grupos de individuos integrados. Esse fato é muito bem atestado e muito obvio para admitir duvida. Os homens podem fazer e fazem, corporativamente, o que não fazem e não podem fazer como individuos. Talvez não se afaste da verdade dizer-se que deve haver dois mundos economicos e duas ciencias economicas e que estas duas não se juxtapõem.

Entrámos nessa digressão para antecipar o conceito dominante de que "as leis econômicas não podem ser postas de parte". Este livro está cheio de exemplos em que os homens estão pondo de parte leis econômicas, ou, melhor diriamos, de exemplos em que os homens se movem em campos onde as "leis" da econômia corrente não têm validade; é, literalmente, outro mundo. Somos o primeiro a conceder plena competencia aos descendentes intelectuais de Adam Smith no campo de que êles já se aproximaram — o

das reações do "homem econômico" —, mas chamo a atenção contra qualquer tentativa de exportar os conceitos construidos em torno desse individuo hipotetico para o dominio fundamentalmente diverso da econômia da comunidade. Seria complicar o assunto sem nenhum proposito util. O que se passa a conhecer como econômia social é evidentemente uma entidade distinta entre as ciencias sociais e tem as suas raizes na natureza humana. Concedemos que o economista ordinario é um obreiro util — diremos mesmo indispensavel — quando trata da sua especialidade; mas, quando tenta cultivar este campo diferente com as suas ferramentas ordinarias, transforma-se com toda a probabilidade numa praga, conforme veremos.

Resumindo: deixando de lado países como a França, onde, no momento, a produção e o consumo de açúcar se acham mais ou menos balanceados, todos os países exportam ou importam açúcar. Os países importadores constituem o chamado mercado livre. Esse mercado é, apenas relativamente livre; ha, geralmente, nêle, alguma industria açucareira indigena, que é favorecida pela legislação fiscal. Mas, tal qual se apresenta, é uma tentação para os produtores estrangeiros. Para êle afluem de todas as direções os excessos ou "surplus" de açúcar, tanto de países que deliberadamente crearam para si o negocio da exportação, como de países onde só há excessos pequenos ou ocasionais a serem colocados. Onde se concentra dessa maneira a concurrencia de tantas procedencias, quem produz com menos custo é que fixa o preço mundial, exceto quando o preço é fixado pelo produtor mais necessitado, ou por produtores que, por uma razão ou por outra, praticam o que é chamado "dumping". Em qualquer dos casos, o produtor que produz a alto custo malbarata o seu capital no esforço desesperado de resistir á maré, ou eventualmente abandona o negocio, a não ser que tenha por traz de si um mercado interno bem protegido

Mas, estando completamente à mercê da politica fiscal dos países importadores, o mercado de exportação é cheio de perigos a que não escapam mesmo os produtores mais eficientes e que produzam ao mais baixo preço de custo. Um país que tem uma industria açucareira rudimentar e se apresenta como componente do mercado livre póde entender, amanhã, subitamente, de dar pleno desenvolvimento à sua industria açucareira.

Ilustra este ponto o recente caso de Java. Essa colonia holandêsa fica situada perto do Equador, onde se associam todas as circunstancias para fornecerem á cana de açúcar um "habitat" mais ou menos ideal. Além de seus dons naturais de sólo e clima, Java podia contar, como produtora de açúcar, com as seguintes vantagens: proximidade das vastas populações da India, China e Japão, ausencia de outros países açucareiros muito desenvolvidos na região, e abundancia de mão de obra barata. Sobre essa base a iniciativa holandêsa montou a industria agricola-manufatureira mais maravilhosa que o mundo já conheceu. Em nenhuma outra parte houve tão intelligente e bem sucedida pesquiza de uma variedade de cana com a maxima "quantidade de vida" possivel e em nenhuma outra parte foi essa vida evocada com mais habilidade cientifica e mais atenção pelo detalhe. O resultado combinado da ciencia holandêsa e da habilidade de organização holandêsa foi que Java podia produzir e produziu açúcar mais barato que qualquer outro país do mundo. Os rivais distantes não tinham a possibilidade de penetrar no mercado oriental de Java, ao passo que Java podia bater o preço mundial ao oéste de Suez. Centenas de milhões de capital holandês e de outras origens foram empregados na industria açucareira da ilha, dando emprego a dezenas de milhares de indigenas numa das nações mais densamente povoadas do mundo; e, graças a sucessivas realizações cientificas, os gerentes das usinas e seus agrobiologistas elevaram a sua produção ao maximo de três milhões de toneladas por ano, esquecidos de que, durante todo o tempo, a sua florescente industria estava numa caverna de leões adormecidos.

Eventualmente despertaram os leões figurados. A India, berço original da cana de açúcar, sempre teve industria açucareira. Mas era das mais primitivas. Um par de rôlos de madeira ou de ferro, um bufalo, uma caldeira sobre um fogão rustico e três hindús constituiam e em grande parte ainda constituem uma usina açucareira na India. O produto é o "gur", mistura de açúcar e melaço que satisfaz o paladar das camadas mais humildes da sociedade indiana. Mas há uma consideravel parte da população que exige açúcar branco e este lhe podia fornecer a preço modico o eficientissimo holandês de Java. Havia uma moderada tarifa aduaneira indiana, que não era bastante elevada para proteger convenientemente as poucas fabricas indianas de açúcar branco, que existiam graças a circunstancias excecionais.

Os inglêses, senhores da India, que aqui

como em toda parte tinham sido os principais expoentes da idéa do "laissez-faire" em economia, começaram a compreender, afinal, a realidade da situação. Perceberam, afinal, que, do ponto de vista indiano era má economia social a prolongada dependencia da India, quanto a um genero necessario, em face da existencia latente desse genero no país. E esse mal podia ser sanado com o mais simples dos expedientes: uma alta tarifa aduaneira para o açúcar. O efeito foi praticamente instantaneo. Surgiram novas fabricas de açúcar branco em toda parte, tão rapidamente quanto era possivel arranjar contratos para a plantação de cana. Um crescido numero de "ryots" indianos encontrou novas oportunidades de trabalho num país que tanto necessita de tais oportunidades.

Naturalmente, a proporção que se multiplicavam as facilidades locais para a fabricação do açúcar, ia Java perdendo o mercado indiano. Entrementes, os japonêses, que eram bons freguezes, fomentavam igualmente a sua industria açucareira nacional, em Formosa e na Mandchuria, e até os chinêses, que, em globo, comem pouco açúcar, começaram a montar usinas açucareiras. O resultado de tudo foi que os plantadores javanêses, que alegremente tinham expandido a sua produção anual ao ápice dos três milhões de toneladas, viram retrahir-se o seu mercado livre a menos de meio milhão de toneladas, a maior parte para satisfazer o consumo "per capita" relativamente baixo dos indigenas javanêses. Em tempo relativamente curto o numero de suas usinas em funcionamento decresceu de 172 para menos de 40. Enormes fabricas do valor de um milhão de dolars foram vendidas, com armas e bagagens, até por mil dolars, para serem desmontadas e carregado o equipamento aproveitavel para a India ou para o Japão, para produzir açúcar para os mesmos clientes, mas sob a administração de uma econômia social diferente, onde se paga mais pelo açúcar e onde se ignora a existencia dos apostolos do "laissez-faire" que reclamam a vitoria na corrida para o mais ligeiro e na batalha para o mais forte. Jamais houve tão completa derrocada de uma industria exportadora tão altamente desenvolvida, despedaçada por uma tarifa aduaneira adversa, creada para proteger e desenvolver uma industria nacional.

O desmoronamento da industria açucareira javanêsa oferece materia adequada para basear uma discussão sobre as industrias "parasiticas" e "rapinantes". Do ponto de vista da econômia ordinaria, do "laissez-faire", a industria do açúcar da beterraba é uma industria parisitica por excelencia. Ela é ineficiente por causa dos defeitos inherentes à sua materia prima em comparação com a materia prima muito melhor de outros produtores. Como condição essencial, para viver, tem de receber um premio maior do que o que seria pago se o "homem economico" seguisse a sua natural inclinação; é mantida por um "tour de force" que impede os consumidores de comprarem em mercados mais baratos. Suga recursos ao poder aquisitivo — a que honestamente não tem direito — conforme o que por honestidade entendem os circulos do "laissez-faire". A industria da cana de açúcar na India era, em particular, o que, em geral, é a industria do açúcar de beterraba. No conjunto era primitiva; mesmo as usinas "modernas" eram mal equipadas e mal dirigidas e muitas das novas não são melhores. A industria acha-se localizada, na maior parte, em regiões subtropicais, onde não existem todas as vantagens climaticas exigidas pela cana de açúcar. Além disso, as variedades de cana mais geralmente utilizadas pelos plantadores indianos são sobreviventes inferiores dos tempos antigos; e, se bem que os geneticistas indianos, guiados por Vekatraman, que não é nada menos que um genio, tenham oferecido ao "ryot" indiano melhores agrotipos de cana, a delgada Coimbatore, que êles tanto têm propagado, não se compara com as "nobres" canas tropicais.

Por outro lado (proseguindo com a logica da economia corrente do "laissez-faire"), a industria da cana de açúcar de Java era tudo o que podia ser uma industria econômicamente respeitavel. Era eficiente. A mão de obra era barata. Podia utilizar essa excelente materia prima, num clima onde a cana se acha nas melhores condições e a essa materia prima aplicava a industria e a ciencia agrobiologica, quimica e mecanica de maneira magistral. Podia fornecer o açúcar a um baixo preço sem igual. Tinha toda a justificação logica de existir e a sua destruição por uma tarifa estupida, que apenas podia substituir o açúcar barato pelo açúcar caro, foi uma violação dos principios essenciais da economia classica.

Todavia (seguindo, agora, a logica da economia social), a razão de ter sido destruida a industria açucareira de Java estava na sua propria grande eficiencia. Em pé de igualdade ninguem lhe podia fazer competencia. Derrotava as industrias açucareiras indigenas. Por uma pessôa que empregava a

seu serviço, deixava sem emprego três ou mais pessôas em outra parte. Era essencialmente rapinante, pois alcançava longe, arrebatava o bem estar econômico de outrem, sem dar adequada compensação. Poder-se-ia responder que a industria javanêsa deu suficiente compensação quando reduziu o preço do açúcar ao minimo possivel e estava pronta a fornecer tudo o que era preciso nessa base. Póde-se responder a essa objeção dizendo que a diferença de um "penny" por libra no preço do açúcar, paga pelas classes mais abastadas da população da India, constituiu uma imensa vantagem para as massas indianas, para com as quais nenhum dever social tinham os produtores de Java. E estes certamente tinham menos interesses reciprocos com os humildes "ryots" que os compatriotas desses mesmos "ryots".

Quanto á objeção de que não se compreende que se inverta a ordem "natural", transformando mercadorias baratas em mercadorias caras, replica-se que nenhum econômista do "laissez-faire" poderá ser qualificado de economista social enquanto não veja o que é preciso que se lhe mostre. Eis aqui, de fato, a "pons asinorum" que separa esses dois ramos da ciencia economica. O economista social, conforme aparecerá em ação neste livro, póde ser descrito como uma pessôa que, sendo preciso, terá a audacia de começar a reconstruir uma industria desmantelada com a supressão dos eficientes para dar lugar aos ineficientes, fazendo o consumidor pagar mais pela obtenção do que necessita. Parece estranho, mas é assim. E não é teoria, mas fato. Todo o negocio mundial do açúcar está envolvido com as industrias açucareiras parasiticas, armadas e fortificadas contra as industrias açucareiras rapinantes. A catastrofe da industria de Java é um simples episodio de um conflito geral, interno e externo, entre a eficiencia e a relativa ineficiencia, conflito em que as comunidades politicas, com admiravel unanimidade, deram o seu apoio ao lado mais fraco. Atualmente o mercado livre serve apenas a um decimo do mercado total e essa proporção promete tornar-se ainda menor. Indiscutivelmente, na sua econômia açucareira, o mundo prefere o parasitismo e as comunidades politicas estão encontrando o resultado de sua preferencia. Aqui o economista social está manifestamente por cima e o apostolo do "laissez-faire" está manifestamente por baixo.

Temos, entretanto, de concluir o nosso estudo sobre a historia recente da industria açucareira mundial. Anteriormente ao eposidio que acabamos de relatar, em que a outróra florescente industria açucareira de Java ficou reduzida quasi que a uma insignificancia, os produtores javanêses, juntamente com o resto do mundo açucareiro, já tinham atravessado umas duas décadas acidentadas. A Grande Guerra de 1914 poz fim a uma idade mais ou menos insulsa, em que a produção e o consumo do açúcar estavam em relativo equilibrio; se algo se podia notar, era que a procura tendia a exceder a oferta devido ao aumento geral da população e à ascensão do nivel de prosperidade que se refletia no gradual aumento do consumo "per capita" em muitas das principais nações. A produção estava dividida quasi igualmente entre o açúcar de cana e o de beterraba. O mercado livre era ainda amplo. A industria do açúcar de beterraba estava mais altamente desenvolvida, tecnicamente e industrialmente. Contudo, o açúcar de beterraba ainda não podia competir com o açúcar de cana em termos de igualdade no mercado livre; e, para superar essa inferioridade, varios governos, que haviam garantido aos seus industriais do açúcar, por meio de tarifas proíbitivas, a posse absoluta dos respectivos mercados nacionais, os encorajaram a produzirem excessos exportaveis, concedendo-lhes, de uma fórma ou de outra, premios de exportação, de modo a habilita-los a vender mais barato que alguns produtores tropicais. Essa concurrencia açucareira apoiada em premios estava ajustada de maneira mais ou menos satisfatoria por meio de negociações internacionais, das quais resultou o convenio conhecido na historia açucareira como Convenio de Bruxelas, após o qual o comercio do açúcar se firmou mais ou menos placidamente em um estado normal até que irrompeu a Grande Guerra.

Essa catastrofe, que abalou o mundo, teve prfofunda repercussão na industria açucareira. Quasi toda a Europa, isto é, quasi toda a área européa da beterraba foi envolvida no conflito; e, além da muita destruição real de fabricas de açúcar e da devastação de campos produtores de beterraba, a industria foi gravemente prejudicada pela carencia de mão de obra e escassez de fertilizantes e de outros materiais essenciais e pelo reajustamento agrario provocado pela grande luta. O resultado pratico foi que, ao encerrarem-se as hostilidades, havia grande falta de açúcar nos mercados mundiais. Em face dessa falta foram largamente reduzidas as restrições á importação. Países que

antes mantinham tarifas proíbitivas tiveram de modifical-as para não ficarem sem açúcar. O mercado livre sofreu subitamente uma vasta expansão.

Em toda parte os produtores apressaram-se em tirar vantagem do que parecia ser uma excelente oportunidade. Surdiram nos tropicos novas usinas de açúcar e em parte alguma mais espetacularmente do que em Cuba. A ansia de produzir açúcar que tiveram os cubanos ou, melhor, os seus financiadores norte-americanos, é exemplificada no seu metodo de utilizar novas terras para a produção e que era o de abater e queimar a mata primitiva, cavar buracos no sólo e lançar nêles estacas de cana. Não arrancavam os tocos, nem lavravam o sólo para amaciar o leito da semente. Não havia tempo. Seja dito, para credito do sólo virgem de Cuba, que mesmo com esse tratamento rustico, a produção era abundante. Não havendo falta de capital, enquanto vigoraram bons preços, a produção cubana de açúcar expandiu-se até alcançar mais de cinco milhões de toneladas por ano; e, durante esse tempo, expansão paralela se dava em outros países que cultivav a cana.

Nesse entrementes os produtores europeus de açúcar de beterraba restauravam a sua industria; e, à proporção que recuperavam a possiblidade de proverem aos seus proprios mercados internos, começaram a reconstruir as suas paredes aduaneiras até à altura original. Gradualmente era satisfeita a necessidade mundial de açúcar, gradualmente o mercado livre se retraía ás suas dimensões primitivas ou ainda menores. Diminuia forçosamente a precipitação louca de produzir açúcar, não antes, porém, de ter-se desenvolvido uma extraordinaria capacidade produtora, não antes, tambem, de se terem acumulado enormes estoques. Com tal aumento da capacidade produtora e com tamanhos estoques de açúcar invendivel pendentes sobre o mercado, o preço do açúcar no mercado mundial caiu a niveis tais que nenhum produtor, nem mesmo os super-eficientes holandêses de Java, podia ter lucro ou conseguir mais que cobrir o custo de produção. Com a crise que começou em 1929, quando o consumo "per capita" do açúcar desceu apezar dessa mercadoria ter tido o preço minimo conhecido, esse quadro ainda se tornou mais negro.

Por essa época, Wall Street, pensando nos seus mais de cem milhões de dolares em jogo na industria açúcareira cubana, determinou que um senhor Chadbourne, qual Moisés, retirasse as hostes açucareiras do deserto em que estouvadamente se tinham extraviado. Era, segundo as aparencias, um pesado designio: nada menos que persuadir os donos de todas as usinas de açúcar, cujos produtos entravam no mercado livre, a restringirem suas ofertas e a reduzirem sua nova produção até que se escoassem os estoques acumulados. Parecia que só por esse meio podia o açúcar ser de novo vendido a um preço razoavel, com o sentido de um preço que désse aos lavradores e usinas uma compensação apreciavel pelo seu trabalho e inversão de dinheiro. O que era preciso não era um simples "gentlemen's agreement", mas um contrato obrigatorio, lavrado de acordo com o direito publico de cada país contratante,, pelo qual cada usina e cada plantador de beterraba ou de cana fosse obrigado, sob pena de multa ou prisão, a fazer o sacrificio necessario e a observar as estipulações no interesse de todos.

Parece estranho, mas o senhor Chadbourne teve até certo ponto os seus esforços coroados de êxito. Os varios fabricantes de açúcar, de regiões tão diversas como o Perú, a Tchecoslovaquia, a Belgica, Cuba, a Polonia, a Alemanha, Java, a Iugoslavia e a Hungria, foram acessiveis á logica, o que se deu principalmente entre as nações exportadoras. Não sem muita discussão, foram levados a concordar em pôr no mercado livre uma tonelagem total de açúcar não excedente ás necessidades normais desse mercado e a aceitarem quotas proporcionais desse mercado, divididas em rateio que foi julgado mutuamente conveniente. Além disso, cada grupo de produtores concordou em persuadir (e persuadiu) seus legisladores compatricios a votarem uma lei que restringisse cada usina á sua quota de produção rateada de acôrdo com o plano Chadbourne e a restringir cada lavrador individual de beterraba ou de cana ao seu contingente na quota da usina com a qual estava ligado. Enfim, todo o mercado livre do açúcar foi amigavelmente parcelado ou rateado em toda a linha — nacionalmente, localmente, industrialmente e agricolamente — do mais poderoso capitalista ao mais humilde lavrador.

Dentro da alçada do assunto que nos ocupa, a realização do convenio de Chadbourne é um fenomeno notavel. Revela-se, nêle, o andamento de uma fase de economia social pratica, construtiva, em grande escala internacional: um bem organizado esforço mundial para deter uma rapinagem de extensão mundial e a substituição da economia

do "laissez-faire" pela economia dirigida. O fato de que o artigo em apreço fosse o açúcar é de menos importancia do que se esse empreendimento se tivesse concretizado com outra mercadoria. Estamos bastante familiarizados com os carteis mundiais nesse ou em outros ramos da produção, os quais têm sido pouco mais que acôrdos frouxos entre poderosos grupos de industriais, que se mantinham unidos enquanto o julgavam conveniente. O que ha de notavel no convenio Chadbourne é que êle pudesse unir todas as nações que concorriam ao mercado livre, as que o desejavam e as que não o desejavam, as grandes e as pequenas.

Seria um prazer poder afirmar que o plano Chadbourne teve completo êxito, mas os seus resultados ficaram muito aquém do objetivo visado, que era possibilitar a colocação regular do excesso de produção por um periodo de cinco anos, conservar a oferta em equilibrio com a procura enquanto ia sendo colocado o excesso de produção em estoque, de modo a manter um preço que, no minimo, não acarretasse prejuizo. Mas o plano não teve todo o efeito desejado, nem em conservar o preço, nem em remover o excesso. Isso foi devido a dois fatores. O primeiro foi o decrescimo do consumo "per capita" do açúcar em todo o mundo, em resultado da crise. Mais serio ainda foi o fato de que o plano não incluiu "todos" os países exportadores, especialmente os países que não eram exportadores, porém estavam forcejando por tomar posse mais completa de seus mercados internos e que, assim, estavam tornando ainda menor o mercado livre. Por isso o plano atingiu o fim do periodo com um grande excesso de açúcar em mão e não foi renovado.

Uma das principais lições do episodio de Chadbourne é, pois, que, para que o controle da produção e do preço seja um eficaz instrumento de reconstrução econômica, é preciso que todos os produtores entrem no plano. Isso póde ser dificil, em escala internacional, principalmente quando o mercado disponivel é constituido no todo ou em parte de nações que se sentem impellidas para o auto-abastecimento; mas, teremos ampla ocasião de ver que é praticavel e tem sido praticado dentro dos limites nacionais, onde os interesses em conflito podem ser levados a ajustar-se numa econômia nacional.

NOTA DO TRADUTOR. — Esta obra foi publicada em 1936, antes, pois do acôrdo internacional açucareiro de Londres (1937), que veio modificar a situação que o autor critica no presente capitulo. Aliás, o acôrdo de Londres consagra, em parte, os principios econômicos sustentados por O. W. Willcox.

O AÇUCAR COMO REMEDIO

Nem todos sabem que açucar, alem de ótimo alimento, agradavel e são, póde tambem ser considerado, sob não poucos aspectos, como remedio. O açúcar é um otimo tonico do aparelho muscular e, portanto, do mais importante musculo do nosso organismo, o coração.

O coração doente, que dificilmente mantem a função circuladora, com o auxilio de remedios que lhe fortifiquem as pulsações e regulem o rítmo, exige tambem uma maior quantidade de açúcar, porque maior é o esforço que dêle se exige. Não se pode, pois conceber uma doença do coração, leve ou grave, orgânica ou nervosa, sem que se administre ao paciente uma quantidade de açúcar maior que a normal, seja com leite, seja com agua.

Em grandes doses, o açúcar póde realizar funções purgativas e, até em doses normais, é diuretico.

Lembremos, finalmente, que o organismo vivo tem a maravilhosa faculdade de transformar os hidratos de carbono em gorduras, sempre que disponha deles em quantidade suficiente. Daí que o melhor tratamento para aumentar de pêso seja o feito com açúcar, com o que ha ainda a vantagem de facilitar a circulação do sangue e fortificar os musculos e os nervos. E' um tratamento que devia ser sempre utilisado depois das doenças prolongadas e nas diversas formas de depauperamento organico.

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

BALANCETE EM 31 DE AGÔSTO DE 1939

A T I V O

Ativo fixo				
Bibliotéca do Instituto		25:268$100		
Construção de distilarias:				
Pernambuco	18.174:780$300			
Ponte Nova	2.274:685$500	20.422:465$800		
Distilarias centrais — Campos — Custo de Instalação		18.965:366$650		
Laboratorios Recife — Aparelhos e Utensilios		45:794$600		
Material permanente (Secção de Alcool-Motor)		20:943$300		
Tanques, Maquinismos, Bombas, Accessorios e Instalações etc.		643:019$900		
Móveis e utensilios		517:772$400		
Vasilhames e tambores		869:303$000		
Veículos		205:053$300	41.714:987$050	
Titulos e ações			9.611:000$000	51.325:987$050
Emprestimos				
Caixa de Emprestimos a Funcionarios			96:899$000	
Compras de açúcar c/ retrovenda			975:420$000	
Custeio de refinarias			1.500:000$000	
Emprestimos a produtores de açúcar			2.445:933$000	
Financiamento a Distilarias			12.141:094$650	
Financiamento p/aquisição de ações da Cia. Usinas Nacionais			722:444$900	17.881:791$550
Despesas Deferidas				
Açúcar c/despesas			1.765:619$000	
Alugueis			105:275$800	
Comissões			280:022$399	
Despesas de viagem			385:761$100	
Despesas Gerais			205:838$700	
Despesas judiciais			90:860$400	
Diárias			222:285$000	
Diversas despesas			613:996$200	
Estampilhas			2:083$600	
Gratificações			327:587$200	
Juros			88:881$440	
Laboratórios — Recife:				
Drogas e materiais			418$300	
Material de escritório			164:044$300	
Portes e telegramas			28:364$100	
Vencimentos			1.600:727$100	5.881:764$540
Contas de resultado				
Açucar c/reajustamento, quotas de equilibrio			843:275$300	
Alcool motor c/fabrico			4.191:208$990	
Anuário Açucareiro — Ano de 1938		79:275$900		
Ano de 1939		6:000$000	85:125$900	
Compras de Açúcar			30.004:224$300	
Compras de alcool			17:529$000	
Compras de gasolina			12:777$910	
Despesas do alcool motor			484:656$225	
Distilarias Centrais — Campos — Despesas de Fabricação			3.469:320$500	
Livros e Boletins Estatísticos			44:518$820	
Materia Prima			6.251:872$550	
Revista Brasil Açucareiro			1:546$200	45.406:055$695
Devedores Diversos				
Adeantamento p/ compras de alcool			876:876$400	
Cobrança do interior			110:375$100	
Contas Correntes (Saldos Devedores)			3.479:303$111	
Letras a receber			52:871$400	4.519:426$011
Caixas e bancos				
Caixa — séde do Instituto:		107:689$100		

Banco do Brasil — Rio :			
C/ de arrecadação	38.715:945$400		
C/ Taxa s/ açúcar de Engenho	1.440:328$400		
C/ Movimento	3.474:695$200		
C/ Com Juros — Caixa Emprestimos a Funcionários	107:859$800		
C/ Depositos Especiais	681:486$000	44.528:003$900	
Delegacias Regionais c/suprimentos		3.637:324$300	
Distilarias Centrais c/suprimentos		106:461$600	48.271:789$800
Contas de Compensação			
Açúcar caucionado		1.500:000$000	
Açúcar depositado em penhor		58.085:853$800	
Banco do Brasil c/ creditos		2:001$000	
Depositantes de titulos e valôres		1.003:000$000	
Titulos e valores apenhados		866:777$800	
Valores caucionados		27.078:054$400	
Valores em hipotéca		27.078:054$400	89.511:107$000
			262.797:921$646

P A S S I V O

Fundos acumulados			
Arrecadação de sobre-taxa s/excesso prod. açúcar		3.238:056$500	
Arrecadação de sobre-taxa s/produção de açúcar		439:652$000	
Taxa s/açúcar		122.552:129$150	
Taxa s/açúcar de engenho		1.539:097$720	
Taxa s/açúcar de refinarias		1:158$300	
Taxa especial equilibrio da safra 1938/39		2.217:572$000	129.987:665$670
Reservas			
Juros suspensos		359:743$300	
Reserva de alcool motor		1.853.800$801	2.213:544$101
Contas de Resultado			
Açúcar c/normalização mercados internos		71:757$000	
Alcool aldeído — produção de Distilarias Centrais		73:582$450	
Alcool anídro — produção de Distilarias Centrais		7.427:985$300	
Multas		2:450$000	
Oleo de Fusel — produção de Distilarias Centrais		6:491$600	
Sobras e Vasamentos		33:499$625	
Vendas de açúcar		20.783:879$600	
Vendas de alcool motor		4.525:705$050	
Vendas de alcool s/mistura		928:650$000	33.854:000$625
Obrigações			
Contas correntes (Saldos Credores)	2.189:581$520		
Depositos Especiais	1.113:981$500		
Depositos de Taxa s/rapadura a restituir	358:074$600		
Instituto de Tecnologia c/ subvenção	82:672$374		
Ordens de Pagamento	1.301:726$400		
Vales emitidos s/alcool motor	271:421$656	5.317:458$050	
Banco do Brasil c/financiamento		1.914:146$200	7.231:604$250
Contas de compensação			
Banco do Brasil c/caução de açúcar		975:420$000	
Créditos á n/disposição		58.085:853$800	
Depositários de titulos e valores		866:777$800	
Outorgantes de hipotéca		27.078:054$400	
Penhor mercantil :			
Usina Brasileiro S. A.	1.003:000$000		
Cia. Usinas Nacionais	1.500:000$000	2.503:000$000	
Titulos e valores depositados		2:001$000	89.511:107$000
			262.797:921$646

Lucidio Leite
Contador

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

ORÇAMENTO PARA 1939 — POSIÇÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1939

Nos.	Verbas	Duodecimo	Saldo anterior	Quota mensal	Despesas mês: Agôsto	Total Despesas	Média mensal	Credito anual	Saldo do Credito anual
	PESSOAL :								
1	Comissão Executiva.	11:900$000(1)	(1)	(1)	(1)	35:700$000	$	35:700$000	$
2	Conselho Consultivo	4:700$000(2)	(2)	(2)	(2)	14:100$000	$	14:100$000	$
3	Séde do Instituto ...	110:925$000	104:289$900	215:214$900	103:092$100	775:277$200	96:909$650	1.317:660$000	542:382$800
4	Secção Técnica	18:394$500	23:356$000	46:750$500	14:250$000	114:655$500	14:331$940	220:734$000	106:078$500
5	Fiscalis. Tributaria	62:022$000	71:688$000	133:710$000	64:524$400	426:990$400	53:373$800	744:264$000	317:273$600
6	Delegacias Regionais	45:950$000	130:602$800	176:552$800	42:956$800	234:004$000	29:250$500	551:400$000	317:396$000
7	Desp. de Transporte.	69:166$666	165:070$962	234:237$628	66:665$400	385:761$100	48:220$140	830:000$000	444:238$900
8	Diárias	38:400$000	80:150$000	118:550$000	33:635$000	222:285$000	27:785$620	460:800$000	238:515$000
9	Gratificações : Comissão Executiva — Presidencia. (relativo a 9 mêses)	5:000$000	$	5:000$000	5:000$000	25:000$000	5:000$000	45:000$000	20:000$000
	Comissão Executiva — Represent. e Deleg. (relativo a 9 mêses)	11:300$000	11:600$000	22:900$000	12:900$000	46:500$000	9:300$000	101:700$000	55:200$000
	Conselho Consultivo. (relativo a 9 mêses)	5:633$333	17:733$332	23:366$665	3:600$000	8:400$000	1:680$000	50:700$000	42:300$000
	Pro-Labore semestral	41:666$666	78:087$262	119:753$928	$	217:068$800	27:133$600	500:000$000	282:931$200
	Diversos	6:800$000	18:740$000	25:540$000	1:758$400	30:618$400	3:827$300	81:600$000	50:981$600
	MATERIAL :								
1	Material Permanente	3:041$666	6:923$262	9:964$928	5:781$800	20:150$200	2:518$780	36:500$000	16:349$800
2	Material de Consumo	12:900$000	24:403$300	37:303$300	12:605$900	78:502$600	9:812$830	154:800$000	76:297$400
3	Diversas Despesas ..	47:506$166	67:470$962	114:977$128	48:125$900	313:198$100	39:149$760	570:074$000	256:876$900
		495:305$997	805:115$780	1.283:821$777	414:895$700	2.948:211$300	368:293$920	5.715:032$000	2.766:820$700

(1) — Quota mensal relativa a 3 meses, de Janeiro a Março — Conta parada, p/força do Decreto-lei n.º 1.178, de 30-3-39.

(2) — Idem, idem, idem.

LUCIDIO LEITE
Contador

AÇUCAR ALEMÃO PARA O SUDÉSTE EUROPEU

Transcrevemos abaixo um artigo publicado no jornal "Neues Wiener Tageblatt", de Viena, e da autoria do seu correspondente especial em Magdeburgo. Esse artigo, se bem que tenha a data de 5 de agôsto ultimo, anterior de muito á guerra, conserva grande parte do seu interesse e atualidade. Assinalemos, por exemplo, o valor das informações que nos presta sobre a industria açucareira do sudéste da Europa, para acentuar o interesse que apresenta o trabalho que abrigamos em nossas colunas:

"O entrelaçamento, cada vez mais acentuado, das relações de ordem economica entre o Reich e os Estados do Sudéste europeu, possuidores de zonas açucareiras, torna oportuno um estudo sobre a situação dos negocios de açúcar nas mesmas regiões e é dentro de tal ponto de vista que tentaremos dar uma ideia do assunto, relativamente a cada país, em particular:

A HUNGRIA DESISTE DA EXPORTAÇÃO

Existiam na Hungria, antes da Grande Guerra, 35 usinas, das quais, em virtude do Tratado de Trianon, 21 tiveram de ser cedidas. A' industria açucareira hungara, restavam, assim, apenas 14 fabricas. Em atividade, porém, desde 1931/32, só se podiam contar 12 usinas. Em outubro de 1938, foram cedidas pela Slovaquia ao país magiar 3 fabricas, de modo que o total se elevou a 15 organizações. Depois da conflagação mundial, ficou a industria açucareira local inteiramente por terra; essa situação era de tal ordem que nem mesmo para cobrir o baixo consumo interno era suficente a produção, tanto que na safra de 1921/22 teve-se de importar açúcar do estrangeiro. A safra de 1923/24, porém, conseguiu sobrepôr-se aos terriveis efeitos da guerra: a produção foi ás 123.654 toneladas, das quais 82.725, poderam ser exportadas. Nos anos subsequentes, a produção foi-se elevando cada vez mais até alcançar no ano-campanha 1930/31 seu nivel mais elevado com 234.171 toneladas. A essa epoca, as dificuldades de venda no mercado livre condicionaram uma limitação consideravel no plantio da beterraba açucareira. Para 1938/39, espera-se uma produção de 127.000 toneladas contra 111.027 do ano anterior. A exportação do açucar hungaro tem mostrado tendencia a cair sempre nestes ultimos anos. Enquanto em 1929/30 foram exportadas 132.376 toneladas, em 1937/38 apenas 4.804 saíram do país. Instituída a economia dirigida nos negocios açucareiros da Hungria, a industria se encaminhará agora a cobrir estritamente as necessidades do consumo domestico, desistindo de toda e qualquer grande remessa para o exterior, não obstante dispôr o país de uma quota basica de exportação de 40.000 toneladas.

RUMANIA

Data o desenvolvimento da industria do açucar na Rumania do ano de 1874. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o escopo principal da referida industria é o abastecimento exato do mercado interno. Como acontece com a maioria dos países europeus, a industria está sob o controle direto do governo, que procura determinar a estabilidade dos preços para a beterraba, suas sementes e para o açúcar, ao mesmo tempo que intervem nas oscilações do mercado. A produção açucareira sofreu nos ultimos anos oscilações mais ou menos serias, pois em 1937/38, para referir um exemplo, apenas foram produzidas 75.676 toneladas, não se chegando, assim, a cobrir as necessidades imediatas do mercado interno. A Rumania viu-se compelida, então, a importar 14.719 toneladas. A produção de 1938/39 deverá produzir cerca de 155.000 toneladas, com o que se satisfaz plenamente as necessidades internas e se provê ao abastecimento de emergencia. Em sintese, o que se pode afirmar quanto ao desenvolvimento da industria de açúcar naquele país, nestes proximos anos, é que se adstringirá aos limites do consumo domestico.

IUGOSLAVIA

O mesmo que se disse para a Rumania, pode-se aplicar, no tocante ao desenvolvimento açucareiro, á Iugoslavia. Aqui tam-

bem o objetivo de suprir exatamente o abastecimento interno logrou exito. A Iugoslavia, não obstante ter deixado de exportar açúcar desde 1929/30, jamais se desinteressou de todas as convenções internacionais visando a regular as exportações de açúcar para o mercado livre. E' participante do Convenio Internacional desde maio de 1937 e manteve de pé sua exigencia no contingente de reserva de uma exportação no montante de 12.500 toneladas. Quanto a efetuar essa remessa, é cousa, porém, passivel de duvidas, pelo menos no corrente ano, quando, mercê de sua pessima safra, teve de mandar buscar lá fóra cerca de 9.942 toneladas de açúcar. Não acreditamos, na realidade, que a industria açucareira na Iugoslavia possa adquirir, nos anos vindouros, tanta importancia que lhe permita exportar para o mercado livre. A produção em 1938/39 atingiu 86.000 toneladas contra 37.370, no ano anterior.

A BULGARIA COBRE SUAS PROPRIAS NECESSIDADES

Este país, de 1927/28 a 1933/34, exportou para o mercado livre grandes partidas de açúcar. Daí para cá, entretanto, a industria açucareira local tem-se situado de modo a suprir estritamente as necessidades internas. As usinas bulgaras, de certo tempo a esta parte, são manejadas, quasi que nos seus elementos essenciais, por sociedades capitalistas alienigenas, que, dado o alto custo da beterraba, lutam com toda a sorte de dificuldades. Nos ultimos tempos, então, o Estado cada vez mais procura intervir a fundo na organização da economia açucareira. Até 1937/38, poude a industria açucareira bulgara fazer frente, sem dificuldades, ás necessidades do consumo interno; chegou ao ponto de se amontoarem até consideraveis remanescentes de safras. Em 1938/39, porém, sobreveiu uma safra má, determinando como consequencia a importação de 12.154 tons. de açúcar, vindas principalmente da Alemanha e do Protetorado. Isso, entretanto, deve ser encarado como um caso excepcional. A produção de açúcar em 1938/39 atingiu 20.000 toneladas contra 32.430 no ano precedente.

SITUAÇÃO DA TURQUIA

Enquanto a Rumania, Iugoslavia e Bulgaria registram um longo desenvolvimento na sua economia açucareira, a fundação da industria correlata na Turquia vem de data recentissima. No ano de 1927, foram construidas as duas primeiras fabricas, respectivamente em Uschak, na Smyrna, e em Alpullu, na Tracia. A elas, foram acrescidas posteriormente mais duas usinas. O plantio da beterraba açucareira na Turquia está na dependencia muito mais do que em qualquer outro país das condições meteorologicas. Uma simples falta de chuva, o que não é coisa esporadica ali, e o fracasso da safra é inevitavel. Isso explica as grandes oscilações no espaço de um só ano. A produção açucareira local beirou em 1938/39 as 47.000 tons. contra 57.306 toneladas e 73.206 toneladas, nos dois anos precedentes, quando as areas plantadas pouca ou quasi nenhuma alteração sofreram. O consumo foi em 1938/39 de 115.000 toneladas contra 107.977 toneladas, relativamente ás 88.215 toneladas dos anos-campanha 1937/38 e 1936/37. A produção turca ainda não atingiu um desenvolvimento de molde a permitir o suprimento das necessidades internas, de modo que ainda terão de ser recebidas do exterior grandes quantidades de açúcar para aquele fim. O principal fornecedor é o Protetorado. A Turquia emprega atualmente todos os esforços no sentido de ampliar cada vez mais seu parque industrial açucareiro colimando preencher, dentro em breve, suas necessidades consuntivas daquele produto mundial com os seus proprios recursos. Durante certo espaço de tempo, ainda, terá aquele país de depender da importação do exterior.

A GRECIA NÃO DISPÕE DE INDUSTRIA AÇUCAREIRA

Pertence a Grecia ao reduzido numero de nações europeias sem cultivo da beterraba e sem industria açucareira propria. Não faltaram, para corrigir esse inconveniente, esforços publicos reiterados no sentido de implantar o cultivo da beterraba e estabelecer uma industria açucareira local, verificando-se, contudo, um exito passageiro. Isso foi pouco tempo antes da Grande Guerra. A Grecia vê-se, pois, na conjuntura de ter de importar todo o açúcar necessario ao seu consumo interno. A importação registou, em 1937/38, 89.084 tons. contra 81.080 tons., em 1936/37, figurando como principais vendedores o Protetorado da Boemia-Moravia e a Grã-Bretanha.

Vemos por aí que, em condições normais, a economia açucareira da Hungria, Rumania, Iugoslavia e Bulgaria póde muito bem satisfazer ás respectivas necessidades consunti-

PRODUÇÃO E MOVIMENTO DE ALCOOL NO MUNDO

SUIÇA

A "Régie" dos alcoois e o Departamento Federal das Finanças têm-se recusado até aqui categóricamente a concordar com a concessão para a criação de uma fabrica de sacarificação de madeira, segundo noticia de "Der Holzmarkt Soloturn". Alegam sempre que as despesas de fabrico e a revenda de alcool produzido pela sacarificação da madeira resultariam para a administração num "deficit", que ela não está disposta nem em condições de suportar.

Desde longo tempo, o departamento florestal acentuou o fato de que um "deficit" dessa especie depende tanto do preço de venda como do preço de compra e que o preço de venda do alcool industrial exige largo prazo para ser aumentado. Esse preço, com efeito, não sofreu nenhuma modificação depois de 21 de novembro de 1932, apezar de ter havido, no outono de 1936, como que uma desvalorização do franco, cuja consequencia foi aumentar de cêrca de 40% o preço de todos os produtos importados (o alcool industrial pertence a essa categoria). Todos os consumidores de mercadorias importadas suportaram então a majoração de preços. Só quanto ao alcool industrial, o encarecimento não foi suportado pelo consumidor, mas pela "Régie" dos alcoois.

Ora, a 30 de junho de 1939, os preços de venda do alcool industrial foram elevados de 10%, em média. Os novos preços do alcool fino por tonelada metrica são os seguintes:

	Alcool fino 94 % (peso) Francos	Alcool absoluto Francos
Puros, em vagões-tanques, a partir de 10,000 qgs. ...	56	68
Brutos, em toneis, a partir de 10,000 qgs.	57	69
Brutos, em toneis, para 5,000 qgs., no minimo.	58	70
Brutos, por quantidades inferiores a 500 qgs.	60	72

A Associação Suíça de Economia Florestal propôs, em tempo, uma elevação de preços de 14%. A introdução da sacarificação de madeiras não teria então custado um centimo á Confederação.

Termina o referido jornal dizendo: "Não sabemos por que considerações foi agora determinado o aumento dos preços do alcool industrial, que se podia acreditar intangiveis durante largo tempo. Contentamo-nos em registrar o fato com satisfação. Não seriamos surpreendidos se por isso o maior obstaculo à realização da sacarificação da madeira na Suiça tenha sido afastado".

FERMENTAÇÃO ALCOOLICA NA CANA DE AÇUCAR ATINGIDA PELA GEADA

C. A. Fort, no "Sugar Bulletin", n.º 14, nos dá conta de suas observações sobre os efeitos da geada na cana de açúcar sob o ponto de vista da fermentação alcoolica. Aliás, de ha muito procuravam os pesquizadores na Luiziana determinar tais efeitos, caracterizados, sobretudo por uma deterioração qualitativa com o aumento de acidez (acido acético) e pela formação de goma (dextran) e manitol. Após as geadas de novembro ultimo, foram seguidas de perto as modificações, de ordem fermentativa, exibidas pela cana: o aumento da acidez e o aparecimento da goma apareceram tardiamente, mas o Brix do caldo baixou, encontrando-se, além disso, grandes quantidades de di-oxido de carbono no suco.

Sugerem tais fenomenos tratar-se, no caso, mais de uma fermentação alcoolica do que acida, o que, aliás, encontrou confirmação no fato de se ter encontrado alcool, no caldo, em quantidade acima de 0,71 %. Isto, como é bem de vêr, não poderá deixar de influir na análise duma cana nestas condições, como o exemplo seguinte evidenciou: o caldo apresentava 0,64 % de alcool por volume, a leitura do Brix era de 16,04º, e o teor em sacarose de 13,91 e a pureza constatada, 86,7 %.

A correção do calculo para esta concentração de alcool deveria ser 0,28º Brix e o Brix indicado seria, então, 16,32º, com uma pureza de 85,2. Erros desta ordem poderão tão somente se verificar nas análises dos caldos, que estão entrando na usina; os xaropes do evaporador estarão, realmente, livres de alcool, traduzindo as suas análises um resultado real.

O efeito do di-oxido de carbono na titulação do caldo ou nos distilados para a estimação do excesso de acidez pode ser muito bem eliminado pelo aquecimento, até a ebulição, da porção de prova durante alguns segundos e procedendo-se á titulação a quente. E' este um processo de escolha para as análises de caldos de canas, mais seriamente atingidas pela ação das baixas temperaturas, pois doutro modo poderão advir daí resultados falsos.

vas. Nos ultimos anos, porém, viram-se aqueles países, por motivos varios, na obrigação de receber de fóra grandes quantidades de açúcar. Tanto a Grecia como a Turquia tiveram, igualmente, nos recentes anos, de abastecer seus mercados de açúcar, no todo ou em grande parte, com encomendas do exterior. Esses países serão abastecidos, de futuro, ou pela propria Alemanha ou pelo Protetorado da Boemia-Moravia."

ESTUDO SOBRE OS APARELHOS DE VACUO

Colin W. Waddell

Qualquer que seja o processo que se utilise para reduzir o gasto de vapor nas panelas, torna-se preciso ter em conta, em primeiro logar, a quantidade dagua efetivamente consumida. Na tabela abaixo pode-se vêr o resultado das medidas de consumo — em toneladas metricas por 24 horas — efetuadas numa usina das Filipinas, a qual móe 100 toneladas de cana, por hora, produzindo em média 7,13 libras de açúcar no mesmo espaço de tempo e por pé quadrado da superficie de aquecimento total das panelas.

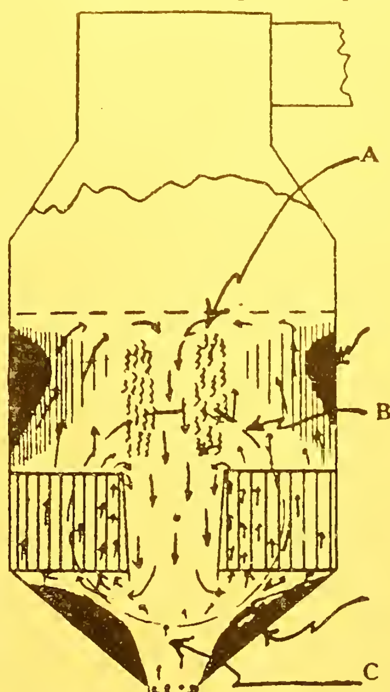


Fig. 1.

SEMANA	Adição direta dagua nas caldeiras de vacuo	Diluição dos méis nos reservatorios	Agua de lavagem	Quantidade total dagua ajuntada	Evaporação proveniente do xarope	Evaporação total de todas as caldeiras
2.	105.0	12,6	2.6	120.2	121.0	241.2
3.	74.6	10,4	4,7	89,7	120.0	209.7
4.	76.8	9,1	4,9	90,8	117.0	207.8
5.	69,0	7,0	5,5	81.5	119,0	200,5
6.	62,7	16,0	5,0	83.7	129.0	212.8
7.	54,4	22,0	4.5	80.9	126,0	206,9
8.	52,7	17,6	4.4	74,7	120.0	194,7
9.	44.3	19,7	4,7	68,7	122 0	190.7
10.	42.7	21,7	4.9	69.3	118.0	187,3
11.	42.3	20,8	3,5	66.6	114,0	180,6
Média.	62.5	15.7	4.5	82,7	120,6	203,3

Mostram bem as cifras acima em que medida póde ser reduzido o consumo dagua, se possivel com uma instalação suplementar.

As observações realizadas durante as semanas 4 e 5, quando a agua ajuntada aos melaços tinha sido notavelmente diminuída, mostraram que, provavelmente, menos de 15% da agua ajuntada, em média, são suficientes para eliminar os falsos grãos, após o re-aquecimento a 160° F. (71° C.) nos reservatorios, antes de sua introdução nos aparelhos de vacuo, os 85% restantes sendo utilizados, durante sua concentração, propriamente dita, para evitar a formação de grãos defeituosos.

Sabe-se que existem certas zonas nos aparelhos de vacuo onde a massa cozida tende a parar, principalmente quando começa a se notar a evaporação. Atingindo tais areas, a massa cozida vai-se esfriando e a velocidade de seu movimento tende a cair. O primeiro efeito é o aumento do grau de supersaturação e o segundo se traduz pela formação de um deposito de cristais.

A fig. 1 representa um aparelho ordinario de calandra chata, no qual, após numerosas experiencias foram delimitadas as diversas zonas de circulação. Em A, acha-se uma zona, onde se defrontam correntes opostas, que se contrariam: trata-se de uma zona de circulação lenta, onde se processa a formação de uns poucos grãos defeituosos. Em B existe uma zona de estagnação, com formação de falsos grãos. Finalmente em C está a

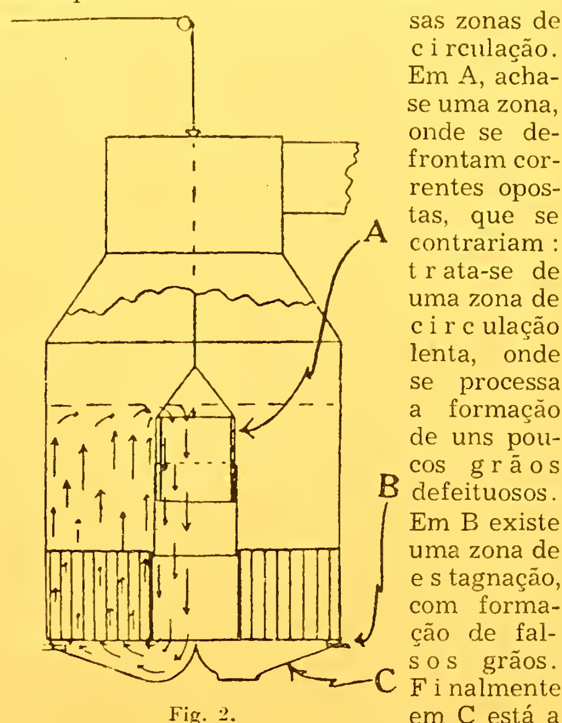


Fig. 2.

COMISSÃO EXECUTIVA

42.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 5 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, J. I. Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Tarcisio d'Almeida Miranda e Alde Saimpaio.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a áta da sessão de 29 de agôsto findo.

Abastecimento da Capital Federal — E' lido o parecer da Gerencia do Instituto sobre o recurso do sr. Atilano C. de Oliveira, proprietário das Usinas Mineiros e São Pedro, sitas no municipio de Campos, relativo á integralização da quota fixada a essas fabricas para a formação do lote de abastecimento da Capital Federal, visto terem fornecido anteriormente á Cia. Usinas Nacionais um lote de 10.000 sacos de açúcar ao preço de 46$000, por conta dos quais pede que seja considerado como realisado o fornecimento de 3.505 sacos, ainda a entregar á Companhia. O parecer opina por que, de acôrdo com resolução anterior da Comissão Executiva, deva ser mantida a quota de 17.305 sacos das Usinas Mineiros e São Pedro, pois a operação a que se refere agora o sr. Atilano C. de Oliveira não deverá influir na modificação da sua quota para o lote de abastecimento da Capital Federal. Para este, fixou-se o preço legal de 44$000, ao passo que o lote a que se refere o sr. Atilano C. de Oliveira foi vendido a 46$000.

A Comissão Executiva aprova o ponto de vista do parecer, observando, a respento, o presidente que a redução das quotas daquelas duas usinas diminuiria o lote total destinado ao abastecimento do Distrito Federal e redundaria em uma exceção que, além de contrariar a resolução anterior da Comissão Executiva, acarretaria reivindicações prejudiciais á execução integral do plano do Instituto, por parte de outras Usinas. Ao recorrente poderá, entretanto, ser facultado entender-se com a C. U. N., no sentido de considerar esta, como entrega por conta da parcela que lhe cabe, os 3.505 sacos que pleiteia reduzir na sua quota. Desde que a C. U. N. reconheça, mediante comunicação escrita ao Instituto, como efetivada a entrega daqueles 3.305 sacos por conta de sua participação no lote geral, nada haverá a opor a que deixem aquelas usinas de entregá-los à mesma Companhia. O Instituto registrará aquela quantidade como recebida pela C. U. N., não havendo, assim, qualquer modificação na execução integral do plano de abastecimento à Capital Federal. E' unanimemente aprovada a proposta da gerencia, com a emenda apresentada pelo presidente.

Financiamento — O sr. Barbosa Lima Sobrinho comunica que, desde o dia 2 de setembro ultimo, foram integralmente liquidadas as operações de retrovenda, relativas ao financiamento da safra 1938-39, realizadas em Pernambuco e Alagôas. Durante o período da safra 1938-39, foram financiados, em Pernambuco, 2.001.971 sacos de açúcar, no valôr de 68.122:443$000, e em Alagôas 145.020 sacos, no valôr de 4.467:592$700, perfazendo o total de 2.146.991 sacos no valôr de 72.590:035$700.

Usina Santa Silvia — E' lido o parecer da Gerencia, contrario ao pedido de aumento da quota da Usina Santa Silvia, no Paraná, de 256 para 3.000 sacos de açúcar, uma vez que a referida quota foi fixada em base regular e legal.

Distilaria do Cabo — E' autorizado, de acôrdo com os pareceres da Secção Técnica, o pagamento da quantia de 4:662$700, pela colocação do elevador da Distilaria Central de Pernambuco.

E' aprovada a instalação de uma chave elétrica de duas direções, afim de possibilitar a ligação da energia eletrica fornecida pelo motor Diesel à rede geral de distribuição da energia eletrica da Distilaria Central de Pernambuco.

E' ainda aprovado o pagamento da importancia de 14:333$100 à Cia. Construtora Nacional, por

---

zona correspondente á entrada do xarope pelo fundo da panela, a qual é mantida em circulação durante todo o tempo em que se procede á introdução do xarope.

O exame das condições do xarope num aparelho de vacuo comum levou o autor a formular algumas regras aplicaveis sobretudo aos aparelhos destinados ao cozinhamento do açúcar bruto. Assim, a relação da superficie de aquecimento para o volume deve ser, pelo menos, de 1 pé quadrado por 1 pé cubico. O xarope deve ser distribuido por 6 entradas independentes, pelo menos, dispostas a igual distancia do fundo da panela e perto da circunferencia.

A calandra deverá ser achatada e o espaço cilindrico central — representa mais ou menos 0,3 vezes o diametro da panela — será munido de um sistema telescopico (v. A, fig. 2) que se eleva automaticamente logo que o nivel da massa cozida aumenta. Suprime-se, desse modo, a zona onde as correntes opostas se encontram.

Além disso, pode-se instalar um dispositivo (como em B) para alimentar a panela em numerosos pontos de modo a estimular a circulação nas vizinhanças das paredes. Por fim, resta ainda logar para a instalação de condensadores independentes para cada aparelho. O controle cuidadoso das quantidades dagua, que vão sendo metidas, é outra coisa digna de consideração.

(De "The International Sugar Journal", junho, 1939).

serviços extra-contratuais e extraordinários, incluidos na 16.ª medição.

Deshidratante — E' aprovada a proposta do sub-assistente técnico, sr. João de Lucena Neiva para a aquisição, nos Estados Unidos, de 100 tambores de benzol, no valor de cerca de 70 contos de réis, para atender à necessidade que tem o Instituto de precaver-se contra a possibilidade de falta de deshidratante para o funcionamento das suas distilarias em Martins Lage e no Cabo, decorrente das dificuldades que poderão advir da situação criada pelo conflito europeu.

43.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 14 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, Alvaro Simões Lopes, J. I. Monteiro de Barros, Tarcisio d'Almeida Miranda, Alde Sampaio e Alfredo de Maya.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a áta da sessão de cinco de setembro ultimo.

Estimativas — O presidente traz ao conhecimento da Casa os elementos organizados pela Secção de Fiscalização, sobre as estimativas da safra, corrente, nos Estados do Rio, São Paulo e Minas. Segundo esses dados, os excessos de produção desses Estados serão, respectivamente, de 39.831, 266.277 e 3.756 sacos.

Fiscalização — Modificando uma proposta da Secção de Fiscalização, o presidente sugere que, em vista do aumento de despeza que a mesma acarretaria, resolve a Comissão Executiva elevar o numero de diarias dos fiscais tributarios do I.A.A. para 30 ou 31, conforme os dias do mês, mantendo porém, o seu valor atual de Rs. 20$000.

E' unanimemente aprovada a sugestão do presidente.

Transferencia de quota — E lido o parecer da Secção Jurídica sobre o requerimento em que o sr. Emilio R. Barbosa pede a incorporação da quota de sua Usina Alicinha ao limite da Usina Pontal. O parecer não considera suficiente a certidão junta ao processo pelo requerente para provar a propriedade do engenho em causa. Feita, porém, que seja, por documento habil, essa prova, não ha motivo para o indeferimento do pedido, cumprindo-se as formalidades legais relativas à desmontagem e lacramento dos maquinismos, etc. Em consequencia, a Comissão Executiva resolve fazer baixar o processo em diligencia, para o fim de ser apresentada pelo interessado a prova da qualidade de proprietario.

Incorporação de quota — Procede-se à leitura do parecer da Secção Jurídica, sobre o pedido de incorporação da quota do Engenho Socego à Usina Volta Grande, sitas em Minas, ambas as fabricas. O parecer é favoravel, uma vez que se cumpram as exigencias legais, como desmonte e lacramento do maquinário do engenho, etc.

44.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 19 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, José Inácio Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Alde Sampaio e Alfredo de Maya.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a áta da sessão de quatorze de setembo ultimo.

Interpretação da lei n.º 178 — E' lido o parecer da Secção Juridica, sobre as condições em que a Société de Sucréries Brésiliennes deseja instalar uma distilaria na Usina Paraiso, de sua propriedade, em Campos.

Pensa a Secção Juridica que, ao contrário do que julga a S. S. B., a situação dos fornecedores de cana a usinas de açúcar é identica à dos fornecedores de distilarias, em face da lei n.º 178. Nada obsta, porém, a fixação para as canas destinadas à produção de alcool de um preço diverso ao das canas destinadas à produção do açúcar. O parecer da Gerencia, lido a seguir, opina em sentido diverso do parecer da Secção Jurídica. Entende a Gerencia que, no caso vertente, por se tratar de um acôrdo entre as duas partes, para aproveitamento especial de materia prima sobre a qual nenhum direito de fornecimento assiste ao plantador e não havendo obrigação de aquisição por parte da Usina, não está o fornecimento sujeito ao regime da lei n.º 178. Por maioria de votos, a Comissão Executiva aprova o ponto de vista da Gerencia, podendo assim a S.S.B. instalar uma distilaria junto à Usina Paraiso, no municipio de Campos, adquirindo, para o fim especial de produção de alcool, na distilaria a instalar, matéria prima de plantadores de cana, independentes das obrigações criadas pela lei n.º 178.

Quota da Baía — O sr. Barbosa Lima Sobrinho submete à consideração da Casa a nova reivindicação dos produtores baianos, relativa ao reajustamento da quota de equilibrio da safra 1938/39, da Baía. Pleiteiam êles o pagamento das bonificações integrais, pagas pela Cia. Usinas Nacionais ao Instituto por diferença de base de polarização. Aprovada essa pretenção, o pagamento atingiria à importancia de 124:768$200. A Comissão, entretanto, resolve aceitar a proposta da Gerencia, excluindo-se, pois, do total a pagar aos produtores baianos a importancia de 14:453$700, relativa à falta de pêso verificada no lote de demerara embarcado para a C. U. N.

Distilaria de Ponte Nova — Aprovada a proposta do presidente, a Comissão resolve autorizar o lavantamento do deposito feito no Banco do Brasil pelo Instituto (7.800 libras esterlinas) e relativo à primeira prestação correspondente ao fornecimento do material do trem de moendas da Distilaria de Ponte Nova, contratado com a S.F.C. Babcock & Wilcox, de Paris, bem como autorizar o pagamento da segunda prestação, no justo prazo previsto no contrato, mediante os reajustamentos futuros das taxas cambiais, de acôrdo com as prestações de contas fundadas nos contratos de cambio fechados com o Banco.

Distilaria do Cabo — A Gerencia do I.A.A., afim de evitar a escassez de melaços de que carece a Distilaria Central de Pernambuco, para as experiencias que vai realizar, conforme indicações dos técnicos, propõe que o Instituto pague a tonelada de melaço a 107$000, nas usinas e não na Distilaria, como se resolvera a principio. Haverá assim um aumento de preço de 10$000 a 12$000 por tonelada, mas o Instituto fica garantido, quanto à obtenção da quantidade necessaria para o bom exito das experiencias a serem brevemente iniciadas naquele estabelecimento. E' aprovada a proposta.

A INGLATERRA E O MERCADO MUNDIAL DE AÇUCAR

No seu numero de agôsto ultimo, a revista "Facts About Sugar" publica a seguinte correspondencia sobre a posição da Inglaterra no mercado mundial de açúcar:

"Quando, em maio deste ano, os preços atingiram no mercado açucareiro de Londres o nivel de 8 "shillings", o governo britanico solicitou ao Conselho Internacional de Açucar que procedesse a um exame da posição estatistica e tomasse imediatas providencias no sentido de ser aumentada a quota do mercado livre, em 1938/39. Como é natural, a Inglaterra preocupava-se antes de tudo com o suprimento do seu mercado. Ao mesmo tempo, as refinarias inglêsas pareciam acreditar que os preços do açúcar bruto haviam atingido um nivel que já não eram adequados. Os jornais chegaram a dizer que, se o Conselho não se dispuzesse a liberar quotas adicionais, o governo inglês examinaria a possibilidade de abandonar aquele orgão.

MEDIDAS ADOTADAS PELO CONSELHO

Era evidente que o Conselho não podia deixar de atender ao pedido formulado pelo governo inglês, em vista da grande influencia que o Imperio Britanico exerce no acordo internacional do açúcar. Reunida em 10 de maio, a Comissão Executiva recomendou uma redistribuição imediata de quotas, num total de 239.000 toneladas, para os países que tiveram as suas quotas reduzidas em julho de 1938 e que dispunham de açúcar para satisfazer a nova distribuição. Recomendou ainda que os dominios e colonias britanicas tivessem permissão para aumentar de 153.265 toneladas as suas quotas do corrente ano. As medidas adotadas posteriormente para pôr em pratica essas recomendações são bem conhecidas.

E' indiscutivel que essas liberações adicionais, acrescentando cerca de 390.000 toneladas, melhorou a situação estatistica. Permaneceu, todavia, a duvida sobre se estava restaurado o equilibrio entre a oferta e a procura no mercado livre, e se a Inglaterra necessitava realmente da quantidade de açúcar posta á sua disposição. Temia-se que a União Sovietica não pudesse exportar a sua quota adicional de 65.956 toneladas. Segundo informou o "Financial Times", o governo inglês mostrava-se receioso da falta de açúcar em deposito e pensava que, mau grado o aumento das quotas, permaneceria um "deficit" de 106.000 toneladas. O unico país em condições de embarcar açúcar para o Reino Unido era Cuba e se não fossem tomadas as providencias necessarias para fazer frente à situação, a Inglaterra não teria outro recurso senão o de lançar mão das suas reservas. E nessa hipotese, não sómente os estoques visiveis, como os invisiveis, ficariam consideravelmente reduzidos.

Depois de divulgado esse resumo da situação do ponto de vista britanico, o Conselho Internacional de Açucar fez uma liberação adicional de 100 mil toneladas, a qual deveria ser fornecida por Cuba, Java e São Domingos. O Conselho tambem interpelou a União Sovietica sobre se exportará ou não a sua quota de 65.956 toneladas. Caso a União Sovietica renuncie à sua quota, esta será distribuida a Cuba.

A POSIÇÃO DA INGLATERRA

Nessas circunstancias, é oportuno considerar qual é a atual situação açucareira da Inglaterra. O escritório de estatistica de F. O. Licht publicou recentemente um quadro abrangendo as estatisticas inglêsas no periodo de setembro-maio, nos ultimos três anos. Deste quadro, destacamos as cifras abaixo:

Transferencia de quotas — E' aprovada a incorporação da quota da Usina São Gonçalo, adquirida pelo sr. Osman Loureiro Farias, ao limite da Usina Camaragibe, de propriedade do mesmo, e ambas sitas em Alagôas, uma vez cumpridas as exigencias da lei, conforme o parecer da Secção Jurídica.

— De acôrdo tambem com o parecer desta Secção, é autorizada nova distribuição das quotas dos Engenhos Trapiche e Serra Verde, do sr. Osman Loureiro Farias, não havendo, porem, alteração na soma das quotas das duas fabricas.

— E' indeferido o pedido do novo proprietario do Engenho Queimadas, no Maranhão, para a reconsideração do despacho do presidente que negou o restabelecimento da quota primitiva da referida fabrica, e de acôrdo com o parecer da Secção Jurídica.

ESTATISTICAS DO REINO UNIDO

	Setembro - Maio		
	1938—39	1937—38	1936—37
	(toneladas metricas, valor bruto)		
Importações	1.875.171	1.711.450	1.767.273
Estoques iniciais, 1. setembro	325.504	226.348	185.426
Suprimento total	2.200.675	1.937.798	1.952.699
Estoques finais, maio, 31	315.789	272.446	329.693
Entregas	1.884.886	1.665.352	1.603.006
Exportações	314.527	312.972	247.567
Consumo (calculado)	1.570.359	1.352.380	1.355.424
Consumo (oficial)	1.557.750	1.344.400	1.343.342

Não incluidos os estoques de açucar de beterraba cultivada no país. Estes, em 31 de maio, exprimiam-se nas seguintes cifras: 117 292 toneladas metricas, valor bruto, em 1939; 100.132 toneladas em 1938 e 137.499 toneladas, em 1937

Vê-se pelo quadro acima que as importações cresceram consideravelmente este ano. Aliás, sabe-se que a Inglaterra foi o primeiro país a constituir estoques de emergencia em 1938. O aumento das importações explica-se parte por essa medida, parte pelas maiores necessidades do consumo. O quadro mostra ainda que os estoques existentes em 31 de maio deste ano (incluindo o açúcar de fabricação inglêsa) excediam de 60.503 toneladas os estoques de 1938 na mesma data, sendo, porém, inferiores em 34.116 toneladas aos de maio de 1937. Isso mostra que a constituição de estoques de emergencia não foi feita com exito completo, resultando daí a ansiedade com que o governo britanico encara o problema do abastecimento dos seus mercados açucareiros.

OS FORNECEDORES DA INGLATERRA

O quadro a seguir mostra as fontes onde a Inglaterra se abasteceu de açúcar bruto no periodo de setembro a maio dos dois ultimos anos. As cifras são em toneladas metricas.

Importação da	Setembro - Maio 1938—39	1937—38
Australia	393.066	365.278
Ilha Mauricio	259.055	247 762
Africa do Sul	146.067	192.320
Indias Ocidentais Britanicas	131.271	86.050
Ilhas Fiji	71.668	65.167
Guiana Inglêsa	60.786	39.007
Outras fontes	11.635	10.366
Total do Imperio	1.073.548	1.005.950
Cuba	418.194	334.975
São Domingos	137.727	135 946
Java	91.799	65.239
Perú	51.909	74.646
Europa	1.860	11.298
Outros países	72.347	50.915
Total do estrangeiro	771.976	661.723
Total geral	1.847.384	1.678.901

Observe-se nos dados acima que as importações de países estrangeiros cresceram muito mais que as dos dominios e colonias britanicas, o aumento sendo na proporção de 110 mil toneladas para os países estrangeiros e 68 mil para os dominios e colonias. O maior aumento verificou-se em Cuba, com 83 mil toneladas.

No tocante às exportações de açúcar refinado, nota-se que foram quasi identicas no periodo de setembro-maio de 1938/39 e 1937/38, isto é, 283.144 e 281.646 toneladas, respectivamente. Já em 1936/37, elas foram bem inferiores — 220.137 toneladas. O aspecto mais saliente das estatisticas de 1938/39 é que nesse ano dilataram-se as exportações para a Noruega (48.793 contra 27.512 toneladas) e para a Irlanda (44.186 contra 15.710 toneladas), entre os países europeus, e para as Indias Britanicas (14.524 contra 218 toneladas). Por outro lado, as exportações para o Uruguai e a Grecia cairam notavelmente em 1938/39. Dessas modificações apontadas a mais importante é talvês o aumento das exportações para a India. Isso dá a razão por que o "trust" vendedor do açúcar de Java reduziu drasticamente todos os preços, em fins de 1938, dos açúcares que se destinavam às Indias.

CONCLUSÕES

Resumindo as condições presentes do mercado açucareiro da Inglaterra, na conformidade dos dados estatisticos, constata-se que as importações cresceram sendo sensivel no ano passado em consequencia do aumento do consumo e da acumulação de estoques de emergencia. Esse ultimo objetivo, aliás, não foi integralmente atingido. Deve-se esperar que em 1939/40 as necessidades da Inglaterra permaneceram em alto nivel, para o que contribuirá decisivamente o desejo do governo de melhorar a posição dos seus estoques.

Alguns observadores mostram-se apreensivos quanto á influencia sobre o consumo do recente aumento verificado nos preços de retalho, enquanto outros são de parecer que esse fato não exercerá a mais leve influencia desfavoravel no mercado. As exportações mostraram apenas uma ligeira tendencia para aumentar, dependendo das facilidades de obtenção de açúcar bruto um maior aumento. Em mêses recentes, os refinadores não têm podido atender aos pedidos recebidos. Em vista da posição estatistica, espera-se que os negocios açucareiros se desenvolvam intensamente no novo ano industrial. Convem notar que essas conclusões somente serão validas no caso de não surgirem novas ameaças no horizonte politico".

PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO, ESTOQUES E PREÇOS

DE AÇÚCARES EXCLUSIVAMENTE DE

U S I N A S

(Em scs. de 60 quilos)

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL — **SECÇÃO DE ESTATÍSTICA**

P E R Í O D O	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final	Preço m/ no D. Federal s/60 qs. Cristal	Preço m/ no D. Federal Refinado p/quilo
Setembro de 1939	1.337.108	1.418.225	o	—	1.191.301	1.564.032	N/	1$100
Setembro de 1938	1.007.091	1.365.922	o	215	1.102.679	1.270.119	56$500	1$100
Setembro de 1937	1.367.796	1.310.594	o	158	955.323	1.722.909	58$500	1$100
Setembro de 1936	1.695.143	1.267.478	o	245	908.716	2.053.660	47$500	1$100
JUNHO / SETEMBRO								
1939/40	1.490.848	4.013.653	o	100.000	3.840.469	1.564.032	—	—
1938/39	1.589.395	3.515.630	o	299	3.834.607	1.270.119	—	—
1937/38	1.631.815	3.922.502	o	1.098	3.880.306	1.722.909	—	—
1936/37	1.771.399	3.584.933	o	1.686	3.300.991	2.053.660	—	—

PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO E ESTOQUES

TOTAL DE TODOS OS TÍPOS

(Usinas e Engenhos)

P E R Í O D O	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final
Setembro de 1939	1.410.366	2.169.014	o	900	1.972.886	1.605.594
Setembro de 1938	1.027.488	2.173.422	o	215	1.916.217	1.284.478
Setembro de 1937	1.397.690	2.176.553	o	158	1.803.996	1.770.089
Setembro de 1936	1.821.914	2.099.532	o	487	1.771.651	2.149.308
JUNHO / SETEMBRO						
1939/40	1.600.537	6.383.233	o	121.287	6.256.898	1.605.594
1938/39	1.628.851	5.632.952	o	299	5.676.666	1.284.478
1937/38	1.764.335	6.027.376	o	1.289	6.020.324	1.770.089
1936/37	1.926.412	5.698.729	o	3.686	5.472.147	2.149.308

NOTA : — Consumo — refere-se a saídas para consumo.
Preços — referem-se ao ultimo dia do mês.
Refinado — refere-se ao genero de 1.ª qualidade no varejo.

PRODUÇÃO TOTAL DE AÇUCAR

(Usinas e Engenhos)
MOVIMENTO DA SAFRA DE 1939/40
(POSIÇÃO EM 30 DE SETEMBRO)

Instituto do Açúcar e do Alcool — **Secção de Estatística**

ESTADOS	AÇUCAR (Em sacos de 60 quilos)				ALCOOL (Litros)
	Produção autorizada	Estimativa	Total Usinas	Total de Usinas e Engenhos	
Acre	7.738	10.000	—	2.580	—
Amazonas	8.384	8.000	—	2.100	—
Pará	27.478	38.500	4.975	38.795	18.640
Maranhão	49.696	69.000	235	25.195	—
Piauí	42.311	42.600	1.503	21.383	—
Ceará	319.397	315.000	5.945	159.145	—
Rio G. do Norte	149.189	146.000	7.050	36.800	46.740
Paraíba	486.265	477.000	35.064	110.464	53.924
Pernambuco	5.317.108	5.700.000	94.179	122.879	—
Alagôas	1.958.067	2.250.000	72.455	97.755	62.781
Sergipe	791.721	820.000	5.422	7.522	—
Baía	1.044.554	1.140.000	77.859	106.559	—
Espirito Santo	81.226	125.000	27.666	66.566	—
Rio de Janeiro	2.114.227	2.110.000	1.625.053	1.692.553	8.973.376
São Paulo	2.290.757	2.650.000	1.739.752	1.960.752	14.108.228
Paraná	10.942	12.000	—	5.570	—
Santa Catarina	336.220	323.000	21.354	158.154	132.477
Rio G. do Sul	13.635	30.000	—	14.640	—
Minas Gerais	1.929.030	2.411.000	287.727	1.678.427	1.317.124
Goiáz	88.776	135.000	752	65.252	—
Mato Grosso	33.655	35.000	6.662	10.142	13.385
TOTAIS	17.154.376	18.838.100	4.013.653	6.383.233	24.726.675

ESTOQUES TOTAIS NOS ESTADOS

NO FIM DA 2.ª QUINZENA DE SETEMBRO

(Sacos de 60 quilos)

Instituto do Açúcar e do Alcool — **Secção de Estatística**

ESTADOS	Gran-fina	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total
Rio Grande do Norte	—	1.266	—	—	—	—	1.266
Paraíba	—	6.780	—	—	—	79	6.859
Pernambuco	2.673	35.045	9.903	—	1.583	14.008	63.212
Alagôas	3.667	8.499	7.934	—	—	9.975	30.075
Sergipe	—	31.181	3.127	—	2.048	—	36.356
Baía	—	10.927	—	—	973	—	11.900
Rio de Janeiro	—	413.895	—	—	250	—	414.145
D. Federal	—	2.000	—	—	11.906	—	13.906
São Paulo	—	846.850	—	21.288	—	17.500	885.638
Minas Gerais	—	131.751	1.597	—	8.204	—	141.552
Goiáz	—	—	—	—	685	—	685
TOTAIS	6.340	1.488.194	22.561	21.288	25.649	41.562	1.605.594

Nota: Não existe disponivel na praça de Recife.

TOTAIS POR ESTADOS

EM IDENTICOS PERÍODOS

ESTADOS	1937	1938	1939
Rio Grande do Norte	1.426	2.183	1.266
Paraíba	24.007	12.484	6.859
Pernambuco	59.930	54.826	63.212
Alagôas	6.921	10.787	30.075
Sergipe	36.822	9.305	36.356
Baía	21.184	10.564	11.900
Rio de Janeiro	647.885	314.341	414.145
D. Federal	22.530	4.118	13.906
São Paulo	832.154	758.980	885.633
Minas Gerais	116.811	105.484	141.552
Goiáz	619	1.406	685
TOTAIS	1.770.089	1.284.478	1.605.594

COTAÇÕES

DURANTE O MÊS DE SETEMBRO

Instituto do Açúcar e do Alcool — **Secção de Estatística**

PRAÇAS	1938			1939		
	Cristal	Demerara	Bruto	Cristal	Demerara	Bruto
João Pessôa	44$000 — 47$000	—	30$000 — 30$000	52$000 — 55$000	—	27$000 — 27$000
Recife	44$000 — 44$000	35$000 — 35$000	24$000 — 30$000	43$500 — 43$500	37$200 — 37$200	24$000 — 26$000
Maceió	43$000 — 43$000	36$000 — 37$000	22$000 — 26$000	47$000 — 48$000	40$000 — 42$000	16$000 — 26$000
Aracajú	37$000 — 37$000	—	20$000 — 20$000	38$000 — 39$000	—	16$000 — 18$000
Salvador	42$000 — 42$000	—	25$000 — 25$000	54$000 — 54$000	—	25$000 — 25$000
Campos	45$000 — 48$000	—	—	52$000 — 53$000	—	—
D. Federal	55$000 — 57$000	N/	48$000 — 50$000	N/	53$000 — 54$000	40$000 — 42$000
São Paulo	59$000 — 60$500	—	50$000 — 51$000	62$500 — 65$500	—	40$000 — 41$000
B. Horizonte	61$000 — 61$000	—	—	66$000 — 66$000	—	—

MÉDIAS MENSAIS

PRAÇAS	1938 Cristal	1938 Demerara	1938 Bruto	1939 Cristal	1939 Demerara	1939 Bruto
João Pessôa	44$840	—	30$000	54$320	—	27$000
Recife	44$000	35$000	26$600	43$500	37$200	25$000
Maceió	43$000	36$791	24$033	47$500	41$000	21$040
Aracajú	37$000	—	20$000	38$500	—	17$679
Salvador	42$000	—	25$000	54$000	—	25$000
Campos	47$020	—	—	52$500	—	—
D. Federal	56$300	N/	49$000	N/	53$500	41$000
São Paulo	59$520	—	50$500	64$330	—	40$500
B. Horizonte	61$000	—	—	66$000	—	—

Antonio Guia Cerqueira
Chefe da Secção de Estatística

A INDUSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE

O "Times", de Londres, divulgou a seguinte nota sobre a industria açucareira em Moçambique:

"Em 1858, o dr. Livingstone fez a sua segunda viagem á Africa Central, desembarcando no que é hoje o porto de Chinde. No relato que escreveu sobre as suas experiencias, o famoso explorador afirmou que as zonas marginais do rio Zambezi, desde Conceição até acima de Chupanga, pareciam-lhe eminentemente propicias ao cultivo da cana de açúcar.

Mas foi somente em 1890 que John Hornung, pioneiro da industria açucareira de Moçambique, transformou a teoria em pratica. E' simplesmente epica a historia dos esforços de John Peter Hornung para criar a industria do açúcar, lutando quasi sozinho, transportando as primeiras moendas e outros maquinismos nos frageis barcos dos nativos e para isso subindo 100 milhas pelos rios infestados de crocodilos. A sua tenacidade venceu todos os obstaculos e em tres anos de trabalho poude colher a primeira safra de 600 toneladas de açúcar. Desses modestos principios, a industria progrediu sempre e em 1933 atingia o seu nivel mais alto Nesse ano, tres emprezas dirigindo oito fabricas modernamente equipadas fabricaram nada menos de 93.214 toneladas de açúcar.

Sob o ponto de vista do clima, a Africa Oriental Portuguêsa presta-se á produção do açúcar de cana. Durante quatro ou cinco meses, de dezembro a abril, caem abundantes chuvas, numa média de 50 polegadas, havendo tambem grande humidade. A par das condições de tempo favoraveis, os terrenos de aluvião dos distritos situados em pontos mais baixos influem num sentido favoravel ao crescimento da cana, permitindo que esta possa ser colhida num periodo de 12 mêses. Os restantes sete mêses do ano são quasi inteiramente secos, circunstancia que acelera o amadurecimento da cana. Durante o dia, a temperatura eleva-se gradualmente, ás vezes até 120° Farenheit, maximo que é alcançado pouco antes da estação chuvosa em dezembro.

Outro fator que igualmente favoreceu o desenvolvimento da industria foi o trabalho barato. Esse fator vai, porém, desaparecendo. E' que se eleva lentamente o custo da produção, em consequencia tanto da imigração para Rand e outros logares como porque os nativos se vão tornando mais esclarecidos.

APOIO DO GOVERNO PORTUGUÊS

O rapido desenvolvimento da industria açucareira deve-se precipuamente ao apoio do governo português, que, desde os primeiros tempos, estabeleceu um sistema de proteção no mercado interno para o açúcar produzido nas colonias. Essa proteção existe ainda, mas foi modificada ha poucos anos. Tal como existe agora é uma lei excelente, tipica dos metodos empregados pelo novo estado corporativo português, e consiste numa escala que opera em sentido inverso ao nivel mundial para os açúcares livres, de forma que não somente estabiliza os preços de retalho para o consumidor português como ainda assegura ao produtor um justo preço para o seu açúcar.

Por outro lado, o desenvolvimento da industria açucareira na costa ocidental da colonia influiu desfavoravelmente sobre os produtores da costa oriental. A quota de açúcar de Moçambique que Portugal protege no seu mercado interno decresceu á medida que a de Angola aumentou. Durante a ultima decada, os preços alcançados pelo açúcar no mercado livre mundial não chegam para cobrir as despezas da produção; consequentemente essa queda no mercado português resultou na diminuição da produção de Moçambique. Desde 1933, quando a produção atingiu o seu nivel mais alto, 93.214 toneladas, tres fabricas foram forçadas a fechar as suas portas e a produção de 1938, foi apenas de 64.369 toneladas, das quais 48.500 foram consumidas em Portugal e nas suas colonias.

Nas colonias funcionam atualmente tres companhias, a saber: Propriedades Açucareiras de Sena Limitada, com a capacidade de 80.000 toneladas; Propriedades de Incomati Limitada, com a capacidade de 20.000 toneladas; Companhia Colonial do Buzi, com a capacidade de 18.000 toneladas.

Vê-se, portanto, que, em condições favoraveis, ha margem para expansão.

A Companhia Propriedades Açucareiras de Sena está localisada nas duas margens do Zambézi e estende-se por 60 milhas rio acima, desde o ponto onde começa o delta. O seu porto é Chinde. A Propriedade de In-

comati tem a sua usina ao sul da colonia, em Xinavane, de onde o açúcar é transportado por estrada de ferro para Lourenço Marques, afim de ser embarcado. A Companhia Colonial do Buzi, constituida somente de capitais portuguêses, está situada na zona banhada pelo rio Pungue, que se lança no mar em Beira, onde naturalmente fica o seu porto de embarque.

Para se ter uma ideia do valor dessas emprezas e da sua importancia para o desenvolvimento econômico da colonia, damos, em continuação, alguns dados estatisticos referentes á Propriedades Açucareiras de Sena. Constituida de capitais inglêses, essa companhia dispõe de um capital de 2.250.000 esterlinos e possue duas refinarias e quatro usinas modernamente equipadas. As suas terras abrangem uma area de 150.000 acres, servidas por 230 milhas de estradas de ferro; possue 36 locomotivas, 2 mil carros para transporte de cana, além de 9 lanchas a motor e 50 alvarengas. Nela trabalham 500 europeus e 12 mil nativos.

Até poucos anos, apenas uma variedade de cana era cultivada — a conhecida "Ubá". Recentemente, porém, a Incomati começou a introduzir novas variedades. As outras companhias logo seguiram o exemplo e presentemente metade da zona cultivada é ocupada pelas variedades P. O. J. 2878 e C. O. 281 e 290, que foram originariamente cultivadas na India, na Estação Experimental de Coimbatore. Desde que foram adotadas essas variedades, o rendimento de açúcar por hectare aumentou sensivelmente.

Dariamos uma impressão falsa do progresso da industria, se não mencionassemos as dificuldades com que lutam os produtores. As condições climatericas, por exemplo, são as mais desfavoraveis na Africa Oriental Portuguêsa. Periodos de forte estiagem são acompanhados por excessivas chuvas que provocam inundações de efeitos desastrosos. Nos mêses de março e abril deste ano, o Zambézi atingiu a um nivel quasi 30 pés acima do nivel mais baixo de novembro do ano passado. Quando se sabe que o Zambezi tem uma largura de quasi duas milhas na zona canavieira, é facil calcular o imenso volume de agua nos periodos de enchente e as devastações que as mesmas causam nos canaviais.

COMBATENDO O GAFANHOTO

Não são apenas as dificuldades oriundas do clima que os agricultores teem a enfrentar. A praga dos gafanhotos persegue-os terrivelmente. E' preciso vêr para acreditar o que é uma invasão de gafanhotos africanos. E' um enxame de 12 milhas de comprimento e 3 de largura, que escurece o horizonte, abatendo-se sobre as plantações. Não é pouco frequente assistir-se o espetaculo da invasão dos gafanhotos e, na epoca da migração e da postura, os plantadores de cana teem de lutar dia e noite contra os destruidores insetos. A luta contra o gafanhoto faz-se intensamente por todos os meios e anualmente gastam-se somas consideraveis, milhares de libras, para afastar essa terrivel praga.

Apesar de muito ligeiro, o exame que acabamos de fazer da industria açucareira em Moçambique sempre indica a importancia economica do açúcar na vida da colonia lusa. O pioneiro da exploração da cana, o sr. J. P. Hornung, ainda vive e poude assim assistir á vitoria integral da sua iniciativa. Ha poucos anos, o governo português prestou-lhe uma homenagem, concedendo-lhe a comenda da Cruz de Cristo".

PRODUÇÃO E CONSUMO DE AÇUCAR NO MUNDO

(EM TONELADAS METRICAS, VALOR EM AÇUCAR BRUTO)

Pelo dr. Hugo Ahlfeld (F. O. Licht)

	PRODUÇÃO			CONSUMO		IMPORTAÇÕES		EXPORTAÇÕES	
	1937/38	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36
EUROPA									
Alemanha	2,215	1,804	1,669	1,845	1,687	7	9		
Antiga Tchecoslovaquia	740	710	558	413	399	—	—	3	24
Austria	157	146	206	184	179	1	1	320	161
Hungria	111	144	117	101	108	—	—	—	—
França	965	870	914	1,114	1,062	368	357	35	9
Belgica	240	240	237	271	252	139	128	256	278
Países Baixos	246	237	229	333	303	159	131	119	115
Dinamarca	251	226	245	210	209	1	5	73	53
Suecia	346	299	295	296	298	10	5	24	1
Polonia	562	458	444	414	383	—	—	1	—
Italia	349	334	321	359	358	3	3	54	77
Espanha	182(1)	266(1)	214(1)	290	297	20	—	24	19
Suíça	13	9	8	174	152	169	145	—	—
Reino Unido	415	572	549	2,454	2,324	2,296	2,162	1	1
Est. Livre da Irlanda (Eire)	92	97	91	120	118	26	36	348	436
União Sovietica	2,500	1,999	2,609	2,016	2,197	—	—	—	—
Outros países	305	351	384	812	757	413	403	199	123
								4	2
(TOTAL EUROPA)	9,689	8,762	9,090	11,408	11,083	3,612	3,385	1,461	1,299
ASIA									
India Britanica (2)	3,345	3,895	3,333	3,868	2,336	52	194	47	35
China + Hong-Kong	670	619	476	997	896	383	425	5	5
Império Japonês (3)	1,328	1,202	1,099	1,114	1,102	191	244	218	262
Java	1,420	1,416	592	327	281	—	—	1,125	873
Filipinas	1,000	1,014	896	66	66	—	—	864	879
Outros países	107	79	72	752	738	947	915	264	239
(TOTAL ASIA)	7,870	8,225	6,468	7,124	6,419	1,573	1,778	2,523	2,293
AFRICA									
Egito	150	138	132	153	142	82	37	70	50
União Sul Africana	425	405	379	229	199	1	1	158	195
Moçambique	75	80	69	6	6	—	—	75	63
Mauricio	315	308	285	18	14	—	—	289	274
Reunião	80	84	91	3	3	—	—	81	88
Outros países	137	92	91	407	364	380	341	59	51
(TOTAL AFRICA)	1,182	1,107	1,047	816	728	463	379	732	721

AMERICA DO NORTE

Estados Unidos:										
Cana	423	396	347	6,593	6,067	4,549	4,479	72	86
Beterraba	1,287	1,318	1,189						
Hawaí	914	875	988	26	26	—	—	804	874
Porto Rico + Ilhas Virginia	904	904	840	65	60	—	—	843	792
Canadá + Terra Nova	61	77	60	510	485	422	439	2	2
Cuba	3,050	3,028	2,635	215	210	—	—	2,668	2,439
São Domingos + Haiti	495	491	495	30	28	—	—	512	455
Indias Ocidentais Inglêsas	470	457	420	42	40	5	5	420	385
Indias Ocidentais Francêsas	102	106	95	5	5	—	—	101	91
Mexico	316	327	342	300	284	—	—	—	—
America Central	120	120	133	137	129	25	23	18	7
(TOTAL AMER. DO NORTE)	8,142	8,099	7,544	7,923	7,354	5,001	4,946	5,440	5,131

AMERICA DO SUL

Argentina (4)	411	482	433	494	387	1	1	4	5
Brasil	975	900	1,075	921	952	—	—	5	105
Guiana Inglêsa	190	203	188	11	10	—	—	199	174
Perú	360	406	383	77	75	—	—	322	314
Outros países	105	100	102	310	294	232	204	19	19
(TOTAL AMER. DO SUL)	2,041	2,091	2,181	1,813	1,718	233	205	549	617

AUSTRALIA E OCEANIA

Australia (5)	800	795	657	365	342	—	—	430	315
Fiji e outras zonas	141	151	134	85	85	89	78	148	132
(TOTAL AUSTRALIA E OUTROS)	941	946	791	450	427	89	78	578	447
M U N D I A L:									
Açúcar de cana	18,757	19,019	16,745						
Açúcar de beterraba	11,108	10,211	10,376						
(TOTAL)	29,865	29,230	27,121	29,534	27,729	10,971	10,771	11.283	10.508

(1) — Inclusive açúcar de cana; a produção de açúcar de cana ascendeu a 12,000, 15,000 e 15,747 toneladas, respectivamente. (2) Dado o fato de as cifras sobre "gur" figurarem nas estatisticas hindús, foram elas convertidas em valor em açúcar bruto na proporção de 100:50. (3) Incluíndo açúcar de beterraba — 47,820, 43,639 e 30,952 toneladas. (4) Incluíndo açúcar de beterraba — 1,100, 2,320 e 4,900 toneladas. (5) Incluíndo açúcar de beterraba — 4,700, 4,247 e 5,197 toneladas.

PUBLICAÇÕES

Mantendo o Instituto do Açúcar e do Alcool uma Bibliotéca, anexa a esta Revista, para consulta dos seus funcionários e de quaisquer interessados, acolheremos com prazer os livros, gentilmente enviados. Embora especialisada em assuntos concernentes á indústria do açúcar e do alcool, desde a produção agrícola até os processos técnicos, essa Bibliotéca contem ainda obras sôbre a economia geral, a legislação do país, etc. O recebimento de todos os trabalhos que lhe forem remetidos será registrado nesta secção.

KISÉRLETUGYI KOZLEMÉNYEK — Boletim das Estações Agronomicas Experimentais Hungaras.

O "Boletim das Estações Agronomicas Experimentais Hungaras", recentemente publicado, e do qual recebemos um exemplar, representa um apanhado cuidadoso de varias contribuições de ordem técnica e economica, levadas ao Congresso Internacional Técnico e Químico das Industrias Agrícolas, realizado ha pouco tempo no país magiar.

O volume está bem impresso e todas as relações de valor técnico são acompanhadas de gráficos e esquemas elucidativos, além dum sumario, em inglês, francês e alemão, o que facilita grandemente a consulta dos interessados, não identificados com a dificilima lingua hungara. Na verdade, uma serie de pesquisas ineditas, nos dominios do cultivo no campo e nas determinações de laboratorio, acha-se ali bem concatenada, como poderemos vêr logo adiante, o que traduz a competencia do dr. Grenczer Béla, um dos principais organizadores do certame e responsavel pela publicação, de que nos ocupamos. São os seguintes, em sintese, os principais assuntos ventilados no Boletim: Principios para a graduação e avaliação do trigo e da farinha — F. Gruzl; O papel das aguas de lavagens e de aspersão, contendo nitritos, no branqueamento das farinhas — F. Bárány; Composição das aguas do país, empregadas durante a fabricação do alcool — Taxner e Latinovits-Köllö; Em tôrno de um método para a determinação da concentração de ions-hidrogenio na agua, na fonte — R. Maucha; Analise dos xaropes e pastas citricas sob o ponto de vista de suas substancias basicas — Mayer e Heltai; Determinação refratometrica da graxa — Jakobey; Problemas técnicos do trabalho manual agrícola — A. Halács; A reorganisação do Real Museu Hungaro de Agricultura. — dr. G. Toborffy, afóra outros artigos dignos da atenção dos químicos e agronomos.

Na sua parte final, contem o Boletim uma lista dos institutos de pesquisas, na Hungria, e, pela especificação e numero dos mesmos, que resumimos abaixo, poder-se-á ter uma idéia do desenvolvimento da ciencia agrícola naquele país: Instituições de pesquisas e experimentações de carater geral, para o desenvolvimento da produção agrícola — 13; Instituições tendo por fim a produção e a realização de certas especies e grupos de plantas — 8; Instituições de pesquisas e experiencias servindo á "elevage" de animais — 7; Instituições para o progresso das industrias agrícolas — 7; Instituições para assegurar a qualidade das mercadorias e servir á repressão contra as falsificações das mesmas — 9; Total: 44

THE AUSTRALIAN SUGAR JOURNAL

Recebemos os numeros correspondentes aos meses de abril, maio, junho e julho, deste ano, de "The Australian Sugar Journal", que se edita em Brisbane, Queensland, e é orgão da Associação dos Produtores de Açúcar da Autralia.

Esse interessante mensario aparece em edições de 70 paginas e insere abundante materia editorial de carater técnico e informações sobre problemas da industria e da lavoura da cana na Australia e nos principais centros açucareiros do mundo.

Com uma excelente feição material, "The Australian Sugar Journal" figura ao lado das mais úteis publicações especializadas em assuntos açucareiros.

"REPORT OF THE GOVERNEMENT SUGAR EXPERIMENTAL STATION", TAIWAN, FORMOSA, JAPÃO.

A Estação Experimental de cana de açúcar de Formosa, no Japão, pode ser enfileirada, inquestionavelmente, entre os maiores centros de pesquisas sobre a rica graminea, no mundo. Contando com uma equipe de técnicos de renome firmado, nos diversos convenios internacionais daquele ramo da ciencia agronomica e da química do açúcar, os trabalhos saídos de Formosa logram despertar interesse não somente entre os especializados na materia mas tambem em muitos circulos, que se não são de todo leigos, guardam apenas ligeiras relações com a industria e a lavoura da cana e da beterraba açucareiras.

O relatorio do corrente ano daquela estação não desmente a expectativa em torno do ineditismo de muitos dos assuntos abordados em suas paginas, confirmando ademais o conceito de rigorismo cientifico e acuidade de observação, traços que bem delimitam as investigações laboratoriais no grande país do Oriente longinquo e a que não puderam fugir as proprias pesquizas realizadas no campo. Se bem que a patologia da cana de açúcar não tenha sido objeto de grandes estudos no volume que recebemos, varios aspectos curiosos da fisiologia da cana-planta foram esmiuçados; sobreleva ainda considerar os trabalhos sobre fermentação, que atraem fortemente a curiosidade dos técnicos. O relatorio abrange o seguinte: Yamasaki e Arikado — O quebramento pelo vento dos topes das variedades de cana de açúcar e sua causa mecanica; Kashibuchi — Algumas investigações sobre o flechamento das cana-plantas; Kiryu — Estudos sobre os caracteres fisiologicos da "Cerastotomella paradoxa" (v. Höhn.) Dade;

Takano e Iijima — Estudos sobre os modos de vida e habitos do "Bufo marinus" L. em Formosa. Parte II — Ecologia da gia e do sapinho; So e Nishioeda — Ação da luz sobre varias substancias extraídas das folhas da cana de açúcar; Yoshida — Determinação da quantidade minima de açúcar pela prova do alfanaftol; Yoshida — Uma investigação para determinar o açúcar redutor; Iwata — Experiencias sobre a fermentação alcoolica com canas lesadas; Suzuki — Progressos na fermentação do caldo de cana pela adição de seus proprios melaços; Ohtsu — Excelente qualidade de môsto para fermentação alcoolica do caldo de cana, obtida da "Chondracris Rosea de Geer; Ohtsu — A substancia estimuladora da fermentação está contida na propria cana; Honda e Nakamura — Estudo sobre a feitura de polpa com o bagaço, pelo processo da soda; Idem — Em tôrno da composição química do bagaço; Ibidem — Sotado no preparo da polpa de bagaço.

O AÇUCAR EM ALAGOAS — Humberto Bastos — Maceió 1939

O Departamento de Estatística e Publicidade do municipio de Maceió dedicou o seu Boletim de agôsto ultimo ao IV Centenario da Cana de Açúcar em Campos. E essa publicação resultou num estudo oportuno e valioso sobre "O açúcar em Alagôas", feito pelo Sr. Humberto Bastos, assistente técnico e diretor interino do referido Departamento.

Como diz o proprio autor, o seu trabalho é uma sintese da evolução da industria açucareira em Alagôas. O primeiro capítulo, a titulo de prefacio, versa propriamente sobre o IV Centenario da Cana de Açúcar, resumindo os seus aspéctos capitais no passado e no presente. E os demais condensam téses interessantes, como o Açúcar em Alagôas, O primeiro açkcar do Nordeste, Povoamento do territorio, Eengenhos alagoanos, Açúcar: fator de progresso e atraso, O Negro na lavoura açucareira e a Usina.

A segunda parte do Boletim consta de quadros estatisticos, organizados sobre dados colhidos nas publicações do Instituto do Açúcar e do Alcool. Começa pela produção de açúcar nas safras de 1925-26 a 1937-38 e termina com a relação das usinas e engenhos alagoanos.

"O Açúcar em Alagôas" é, em suma, uma excelente contribuição para fixar a situação da lavoura canavieira e da industria do açucar no Estado nordestino, á passagem daquela data.

Só é de desejar que os orgãos congeneres dos demais Estados produtores, filiados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, imitem o exemplo do Departamento de Publicidade do municipio de Maceió.

FLORIANO E BARROSO — Maceió — 1939

Em "plaquette" cuidadosamente impressa, o Departamento de Estatistica e Publicidade do municipio de Maceió reuniu os discursos pronunciados nas sessões civicas por êle promovidas, respectivamente, a 3 de Maio e 11 de Junho do corrente ano, em homenagem á memoria do Marechal Floriano Peixoto e do Almirante Barroso. Esses discursos foram proferidos pelo capitão Mario de Carvalho Lima e pelo comandante Macedo Soares Guimarães, sendo vibrantes apologias dos dois inesqueciveis vultos da nossa historia.

Em "Apendice" são resumidas as biografias de Floriano Peixoto e do Almirante Barroso. Completa-se assim o trabalho em apreço, destinado á distribuição nas escolas publicas.

O IV CENTENARIO DA CANA DE AÇUCAR — Estado do Rio — 1939.

Editado pelo Departamento de Propaganda e Turismo do Estado do Rio, o album dedicado ao IV Centenario da Cana de Açúcar no municipio de Campos é, sem dúvida, uma das publicações mais caracteristicas que essa efeméride suscitou no país. Desde a capa artistica, em que se reproduzem um antigo banguê e uma distilaria moderna, como pontos extremos da evolução da industria açucareira, esse trabalho atinge perfeitamente as suas finalidades.

O texto sintetisa a historia do aparecimento da cana de açúcar em Campos e a atual situação da velha industria no Estado do Rio. Exalta as belezas naturais e a fecundidade inesgotavel da planicie goitacá, destacando dentre os seus monumentos artisticos e historicos a Catedral de Campos e a Fazenda do Colegio, fundada pelos jesuitas e berço de Saldanha da Gama. E contém ainda detalhada noticia descritiva da Distilaria Central do Estado do Rio, construida e explorada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool.

Numerosas e nitidas fotogravuras ornam o excelente Album. Muitas delas são aspéctos externos e internos de engenhos de açúcar e da Distilaria Central. As demais, vistas panoramicas, ruas, praças, edificios, estradas e canaviais de Campos, em esplendida propaganda do maior municipio açucareiro do Brasil.

DIVERSAS

BRASIL — "Mundo Automobilistico", setembro de 1939; "Revista Comercial do Brasil", julho de 1939; "Boletim de Informações da Bolsa de Mercadorias de São Paulo", 2 de setembro de 1939; "Bolctim do Sindicato Medico Brasileiro", julho de 1939; "Maquinas e Construções", agôsto de 1939, "Seguros e Bancos"; agôsto de 1939; "Vida Militar", julho de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 1 de setembro de 1939; "Boletim do Ministerio das Relações Exteriores" ns. 31 e 32; "Revista do Centro de Importadores de Fortaleza", julho de 1939; "Revista do Club Militar", agôsto de 1939; "Revista do Departamento Nacional do Café", julho de 1939; "Mensario Estatistico da Prefeitura do Distrito Federal", junho de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 8 de setembro de 1939; "Exportação de Café, Departamento de Estatistica do Espirito Santo; "Hora Medica", agôsto de 1939; "Boletim do Departamento de Estatistica de Santa Catarina", julho de 1939; "Cultura", setembro de 1939; "Revista Agronomica", agôsto de 1939; "Revista de Quimica Industrial", agôsto de 1939; "A Panificadora", agôsto de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 15 de setembro de 1939; "Boletim da Cooperativa do Instituto de Pecuaria da Baía", julho de 1939; "Viver". 15 de setembro de 1939; "Educação Fisica", setembro de 1939; "Boletim de Informações da Bolsa de Mercadorias de São Paulo", 16 de setembro de 1939; "Hamann", 15 de setembro de 1939; "Boletim da Associação Comercial de Pernambuco", agôsto de 1939; "Boletim da Camara de Comercio Chileno-Brasileira", setembro de 1939; "Economia", setembro de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Maranhão", julho de

COMENTARIOS DA IMPRENSA

A transcrição de notas e comentários da nossa imprensa, nesta secção, não significa, convem deixar bem claro, concordancia, da nossa parte, com os conceitos nêles exarados.

EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR

Vimos, no editorial de ontem, que a produção de açúcar de beterraba, na Europa, de 1913 a 1920, desceu de 9.015.000 a 3.326.000 toneladas, isto é, menos 5.689.000 toneladas. A' medida que se ia reduzindo a produção européia, cresciam, naturalmente, as possibilidades dos demais produtores, assim como o valor da mercadoria. E' o que podemos ver nos proprios algarismos brasileiros, através de nossa exportação de açúcar, no periodo da conflagração mundial. Em 1913, haviamos exportado apenas 5.371 toneladas. A partir dessa data, fomos numa expansão regular, descontada, em alguns anos, a influencia que podia advir da situação de nossas safras. A exportação, a partir de 1914, foi a seguinte:

	Toneladas
1914.	31.875
1915.	59.170
1916.	54.438
1917.	138.159
1918.	115.634
1919.	69.429
1920.	109.149
1921.	172.094
1922.	252.112

A influencia da guerra foi sensivel. No periodo anterior á guerra, a nossa média de exportação anual não iria adiante de 20.000 toneladas. Nos primeiros três anos de luta, subiu a cêrca de 50.000 toneladas. De 1917 em diante, porém, tomou expansão maior, alcançando o maximo no trienio de 1920 a 1922. Esse ultimo ano registra, aliás, a maior exportação verificada no seculo atual. Se observarmos que o decrescimo de produção do açúcar de beterraba, na Europa, chegou ao ponto extremo em 1920, concluiremos que o desenvolvimento de nossa exportação acompanhou, de perto, o decrescimo da produção européia.

Entre o volume de exportação e o preço, a correspondencia foi tambem continua. O valor da tonelada de açúcar, em moeda inglêsa, o qual, desde 1910, vinha em média pouco acima de 11 libras, não se alterou nos dois primeiros anos do luta, sendo, para 1914 e 1915, respectivamente, de 11,7 e 12,8. Mas a partir dessa data, sobem vertiginosamente:

1916.	24,0
1917.	27,9
1918.	47,2
1919.	44,7
1920.	45,6

O valor maximo foi verificado em 1918, enquanto a exportação maior se fazia em 1922. As variações cambiais cooperavam, todavia, para essas divergencias, pois que a maior cotação, em moeda brasileira, ocorria em 1920, com o preço de 970$ por tonelada. A partir do ano de 1920, descem os preços quasi aos niveis anteriores á guerra, com uma pequena reação em 1923 e 1924. A quéda do cambio dissimulava, todavia, ou mascarava a quéda do valor em moeda britanica.

Se a influencia da guerra européia não foi imediata, quanto aos preços, o certo é que desde o primeiro momento surgiu, para a produção brasileira, uma oportunidade nova, que se foi ampliando com o tempo, á medida que se tornavam mais sensiveis os efeitos da

---

1939; "Revista Bancaria Brasileira", 20 de setembro de 1939.

EXTERIOR — "La Revue Agricole", maio-junho, 1939; "British Sugar Beet Review", agôsto de 1939; "Revista de Agricultura", maio de 1939; "Weekly Statistical Sugar Trade Journal", 24 de agôsto de 1939; "El Rotariano Argentino", agôsto de 1939; "Belgique Amérique Latine", 15 de agôsto de 1939; "Revista de la Cámara de Comercio Uruguayo-Brasileña", 15 de agôsto de 1939; "Fortnightly Review", 12 de agôsto de 1939; "Technique Suisse", julho-agôsto de 1939; "Weekly Statistical Sugar Trade Journal", 31 de agôsto de 1939; "Boletim da Camara de Comercio Argentino-Brasileña", 31 de agôsto de 1939; "L'Iodustria Saccarifera Italiana", agôsto de 1939; "The Australian Sugar Journal", 10 de agôsto de 1939; "Revista de Agricultura", junho de 1939; "Cuba Economica y Financeira", agôsto de 1939; "Gaceta Algodonera", 31 de agôsto de 1939; "Bulletin Mensuel de Reinseigments Techniques", agôsto de 1939; "L'Industria Saccarifera Italiana", agôsto de 1939; "Journal des Fabricants de Sucre", 19 de agôsto de 1939; "Revista di Politica Economica", julho-agôsto de 1939; "Reolutions adoptée par le Dixiéme Congrés de la Chambre de Commerce Internationale". "L'Economie Internationale", agôsto de 1939; "Commerce Reports", ns. 34 e 35.

desorganisação das lavouras de beterraba. Mesmo depois de cessada a luta, não conseguiu a Europa refazer-se imediatamente. Devemos aqui recordar o ensinamento de J. A. Pennock, citando, aliás, a opinião de uma autoridade de renome universal, F. O. Licht: — "As consequencias das destruições sobrevindas durante o periodo de 1914 a 1918 se fizeram sentir ainda muito tempo, e o rendimento por hectare, que havia diminuido fortemente, só muito devagar veiu a melhorar. Esse rendimento menor é uma das consequencias naturais de um trabalho de campo defeituoso, de adubos insuficientes, etc. e ainda não foi de todo remediado, mesmo hoje, em numerosos países".

("Jornal do Brasil", 13-9-39).

POLITICA DE IRRIGAÇÃO

Os estudiosos dos problemas canavieiros do país já haviam notado a tendencia de expansão dos nucleos produtores do Sul, ás expensas de regiões do Norte. O mosaico forçára o produtor do Sul á renovação de seus canaviais, enquanto as lavouras do setentrião continuavam fieis a especies menos produtivas e menos resistentes. Desse modo, deu-se uma especie de deslocamento na produção de açúcar. Em doze anos, de 1925 a 1937, registrava-se, nas safras do Sul, uma expansão prodigiosa, passando de 1.100.000 sacos a ...... 5.270.000, considerando os algarismos concernentes aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Entretanto, naquele mesmo espaço de tempo, a produção de Pernambuco, Alagôas e Sergipe quasi se mantinha estacionaria, pois que era de.......... 3.081.000 sacos em 1925 e 3.322.000 em 1937. No Sul, quasi quintuplicára a produção, que no Nordeste se conservava inalteravel.

E' verdade que o ano de 1937 representava uma fase de seca para os Estados do Norte. Nem por isso, entretanto, se alterava a expressão do fenomeno, pois que os decrescimos de produção daquela zona valiam como estimulo para os produtores do Sul. Considerava-se fóra de duvida a necessidade de tornar estavel a safra do Norte, evitando as oscilações verificadas nos ultimos anos, em correspondencia com a quantidade de chuvas observadas. Basta lembrar que Pernambuco produzira, em 1935-36, mais de quatro milhões e meio de sacos, para na safra seguinte se limitar a cerca de 2.100.000 sacos, menos de metade da safra anterior. Cada colapso de safra nortista obrigava a uma concessão nova aos produtores do Sul, com a dificuldade de conseguir depois, diante dessas lavouras aumentadas, o retorno aos limites anteriores. Se o Norte queria evitar o desastre, só teria diante de si um meio, a politica da agua, o trabalho decidido para a criação de um sistema eficaz de irrigação.

Os produtores de Pernambuco perceberam a expressão e gravidade do problema e não faltaram com as medidas indispensaveis. O ultimo numero de "O Observador Enonomico" nos dá noticia minuciosa dos trabalhos de irrigação, através de um excelente e documentado estudo do sr. Gileno Dé Carli, que soube reunir dados preciosos e consideravel informação fotògrafica. Muitas são as usinas que realizam planos de irrigação. Basta citar as usinas Catende, Santa Terezinha, Tiuma, Marsau-Assú, Bulhões, Matari, 13 de Maio, Barreiros, Petribú, Mussurepe, Pumati, Capibaribe e outras. Cada uma faz o que póde, dentro de suas necessidades. Catende, por exemplo, gastou cêrca de 1.500 contos; Santa Terezinha anda com as suas despezas de irrigação por perto de quatro mil contos. Com a sua atual instalação de força e barragens, póde a usina Santa Terezinha irrigar 1.600 hectares. A usina Tiuma prepara barragens com uma capacidade total de perto de quatro milhões de metros cubicos, para mais de mil hectares de terra, com o auxilio de agua bombeada do rio.

A irrigação, por si só, não resolveria o problema da produção canavieira do Norte. Tornava-se tambem necessaria a adubação, que está sendo feita de maneira racional, com resultados magnificos. Em Catende, dos estudos feitos pelos técnicos, chegou-se á conclusão de que a produção média era de 85 toneladas e 690 quilos por hectare, na zona irrigada e adubada, enquanto a média de cana de planta não irrigada só atingiu a 30 toneladas, com uma diferença, pois, de 55 toneladas por hectare. Essa vantagem talvez seja o menor dos beneficios resultantes dessa politica de irrigação.

("Jornal do Brasil", 26-9-39).

MERCADO PARA UM PRODUTO NOSSO

O melaço é, como todos nós sabemos, um sub-produto da cana de açúcar. Diversas aplicações encontra êle no Brasil, conforme as regiões produtoras de cana.

Parece, porém, que um emprego não lhe é dado entre nós: o de facilitar a ensilagem das colheitas ricas em proteinas. Aliás, os silos, ou tulhas subterraneas, não são ainda de

uma pratica generalizada em nossas lavouras; são-n'o, porém, em numerosos países, entre os quais o Canadá.

Depois de demoradas experiencias, o Departamento de Agricultura do Dominio chegou a conclusão de que o melaço é excelente, sob varios aspectos, para a bôa conservação das forragens e até mesmo dos legumes.

Um relatorio oficial, ao qual se reporta o "Serviço de Notícias Canadenses", que nos fornece estas notas; dizia recentemente o seguinte:

"A alfafa, o trevo, certo feijão e certas forragens, como a Phleum Pratense, tem sido ensilados com sucesso mediante a adição de quarenta libras de melaço por tonelada de material.

Os melaços adicionam carbo-hidratos ás colheitas ricas em proteinas e dão uma ração mais perfeitamente equilibrada. Fornecem o necessario açúcar para uma fermentação favoravel e para a preservação da ensilagem.

Melhora o sabôr da ensilagem para os produtos de legumes e pode significar a diferença que ha entre ensilagem deteriorada e impropria á alimentação e ensilagem de excelente qualidade e de grande valor nutritivo".

Aconselhada pelo Departamento de Agricultura, a ensilagem com o emprego de melaço estende-se nos campos canadenses e, como o Dominio não produz cana de açúcar, tem de importar o sub-produto do estrangeiro.

Essa importação, em 1938, ascendeu a treze milhões de galões (cada galão, 4 1|2 litros), fornecidos pela Guiana Inglêsa e pela ilha de Barbados em maxima parte, distribuindo-se o restante do fornecimento pela Jamaica, Trinidad, Tubago, outras partes das Indias Ocidentais Britanicas, Cuba e Estados Unidos.

Achando-se em super-produção o açúcar brasileiro, parece que deve haver largas disponibilidades de melaço em nossas usinas e nos banguês. Nesse caso, por que não tentar a sua introdução no Canadá ?

Por que não estudar convenientemente esse mercado, que tantas possibilidades de consumo oferece a muitos dos nossos produtos ?

("Diario de Noticias", 23-9-39).

A AUTARQUIA E A FABRICAÇÃO DO ALCOOL

Para os países que procuram bastar-se a si mesmos, diz um jornal italiano, depois do ferro e do carvão, o alcool etílico é o produto que mais interessa. Ele póde ser utilizado, seja como materia prima para a fabricação da borracha sintética, seja como carburante, substituindo ou misturado a hidrocarburetos provenientes do estrangeiro.

E' principalmente para este fim que o alcool etílico interessa os países que procuram realizar a autarquia, porque com os processos que vão sendo utilizados cada vez mais para a transformação em alcool de residuos agrícolas ricos em celulose, sua possibilidade de produção em grandes quantidades cresce cada vez mais. Esses resíduos, na maior parte destruidos agora, pódem constituir a base de uma grande industria nacional. E entre êles é preciso destacar a serragem e a palha das regiões produtoras de trigo.

Ha pouco o professor Mario Giordani, da Universidade de Roma, fez uma exposição sobre os fenomenos da transformação da celulose e seus derivados em açúcares fermentaveis ou não, facilmente ou não transformaveis em alcool, terminando-a com um breve resumo dos processos industriais aplicados até hoje nestas transformações.

Segundo êle, três são os processos que estão sendo utilisados e que apresentam possibilidades de exito: dois alemães, o de Bergius e o de Scholler, e um italiano, o de Giordani e Leone. Depois de explicar detalhadamente os processos alemães, passou o conferencista a se referir ao italiano, demonstrando que este exige uma maquinária menos complicada e não obriga a utilisação de metais especiais, tendo ainda a vantagem de dar como sub-produto outros materiais uteis, tais como acido acetico. O processo italiano já saíu dos laboratorios. Uma pequena fabrica, sob o controle do Conselho Nacional de Pesquizas da Italia, está em pleno funcionamento e até o fim de 1939 deverá ser inaugurada uma grande empresa, utilizando o mesmo método, na zona industrial de Bolzano.

BRASIL AÇUCAREIRO

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GENERAL CAMARA N. 19-7.º and.-s. 12
TELEFONE: 23-6252 — CAIXA POSTAL, 420

OFICINAS — RUA MAYRINK VEIGA, 22 — TELEFONE 23-3990

D I R E T O R — **Miguel Costa Filho**

Redator principal — **Joaquim de Melo**

Redatores — **Gileno Dé Carli, José Leite e R. Vieira de Melo**

Assinatura anual, para o Brasil	24$000
Assinatura anual, para o exterior	30$000
Numero avulso	3$000
Numero atrazado	5$000

Acham-se esgotados, para venda avulsa, os numeros de março, abril e maio de 1934, abril e junho de 1935 e janeiro e março de 1936.

Vendem-se, porém, coleções desde o 1.º numero, solidamente encadernadas por semestres, ao preço de 35$000 o volume.

As remessas de valores, vales postais, etc., devem ser feitas ao Instituto do Açucar e do Alcool e não a BRASIL AÇUCAREIRO ou nomes individuais.

ANUNCIOS:

1	Pagina.	300$000
1/2	"	150$000
1/4	"	80$000

Os anuncios com colocação determinada pagarão mais 20%

Os recibos só serão validos quando assinados pelo diretor.

Representante para as Republicas Argentina e do Uruguai:

Gaston T. G. DE MOL - Caixa Postal, 793 - BUENOS AIRES

